

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO - AGEUFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras**

HANNA GABRIELLE DO VALE ALMEIDA

**METÁFORAS DO AMOR NA FALA DE MULHERES VÍTIMAS DIRETAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**SÃO LUÍS - MA
2025**

HANNA GABRIELLE DO VALE ALMEIDA

**METÁFORAS DO AMOR NA FALA DE MULHERES VÍTIMAS DIRETAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (PGLetras/UFMA), como requisito à obtenção do título de Mestra.

Trabalho vinculado à linha de pesquisa Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro e de outras línguas naturais, sob orientação da Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro e coorientação do Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai.

**SÃO LUÍS - MA
2025**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Almeida, Hanna Gabrielle do Vale.

METÁFORAS DO AMOR NA FALA DE MULHERES VÍTIMAS DIRETAS
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA / Hanna Gabrielle do Vale Almeida.
- 2025.
141 p.

Coorientador(a) 1: Cássius Guimarães Chai.

Orientador(a): Monica Fontenelle Carneiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2025.

1. Violência Doméstica Contra A Mulher. 2. Teoria da
Metáfora Conceptual Estendida. 3. Metáforas do Amor. I.
Carneiro, Monica Fontenelle. II. Chai, Cássius Guimarães.
III. Título.

HANNA GABRIELLE DO VALE ALMEIDA

**METÁFORAS DO AMOR NA FALA DE MULHERES VÍTIMAS DIRETAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (PGLetras/UFMA), como requisito à obtenção do título de Mestra.

Trabalho vinculado à linha de pesquisa Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro e de outras línguas naturais, sob orientação da Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro e coorientação do Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai.

APROVADA EM: 10/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai (Coorientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues (Avaliador Externo)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl (Avaliador Interno)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Ao Deus que transforma em luz as minhas trevas. “Ainda que a minha mente e o meu corpo enfraqueçam, Deus é a minha força, ele é tudo o que sempre preciso” (Salmos 73:26).

AGRADECIMENTOS

“Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso: o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta, para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além?” (Kaur, 2018).

Ao final desta jornada, todo o meu reconhecimento e gratidão:

A Deus, porque “o Senhor é bom; porque o Seu Amor dura para sempre”; porque esteve comigo em todos os momentos, como a Luz maior no meu caminho;

À minha mãe, Maria José, cuja força me dá direção. Foi com ela que aprendi a ouvir a voz de Deus em cada momento. Por suas palavras, hoje sei também que, em cada luta que vencemos, tornamo-nos exemplo e força para que outros vençam. Foram os seus braços abertos que sustentaram meus sonhos, fortalecendo-me nas dificuldades e curando feridas que se abriam ao longo de minha jornada, tornando-me, assim, muito grata pela presença inegável e constante de seu amor, dedicação e orações sempre que esse apoio se fez necessário.

Ao meu amado esposo, Marcelo, por toda a sua paciência e compreensão. Por sua dedicação, pude apreciar a beleza da eternidade na esperança de melhores dias em cada aurora. Sem seu incentivo, esta jornada teria sido muito mais difícil. Reconheço que, sem qualquer sombra de dúvida, tem sido muito bom sonharmos juntos.

À minha família, por entenderem que o relógio não pára e perdoarem minhas ausências. A pesquisa é um momento solitário, mas ‘presença’ nem sempre significa ‘estar perto’.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro, por sua sabedoria e disposição para iluminar esta pesquisa. Sua orientação, sempre marcada por terno acolhimento e apoio, bem como por seu inegável conhecimento na área, foi fundamental para meu desenvolvimento acadêmico. Ao meu coorientador, Prof. Dr. Cássius Guimarães Chái, por seu incentivo e observações valiosas voltadas para o aprimoramento desta dissertação.

Aos pesquisadores da área da Linguística Cognitiva, por suas obras e artigos científicos, em especial, ao brilhante Prof. Dr. Zoltán Kövecses, a quem tive o prazer de conhecer pessoalmente no II CIVIP, aqui em São Luís em 2019. Suas contribuições teóricas embasaram esta investigação acadêmica e me permitiram construir um caminho investigativo coerente com meu interesse acadêmico-científico.

À Banca Examinadora, Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues e à Profa, Dra. Sonia Maria Correa Pereira Muschl, por suas contribuições relevantes, a quem sou grata por seu criterioso olhar de jardineiro cujo trabalho cuidadoso torna a planta mais bela e viçosa. Assim, hoje avalio, muito confiante, que os avanços nesta pesquisa certamente me permitirão colheitas de novos e bons frutos.

Ao Grupo de Pesquisa GELP-COLIN/UFMA e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA - coordenadora, docentes e discentes - por cada disciplina, evento acadêmico e etapa concluída, bem como, em especial, ao seu secretário Cássio, que, com paciência e boa vontade, orientou-me em meu percurso como Representante Discente no Colegiado do Programa de Pós-graduação.

À UFMA, por proporcionar ambiente acadêmico estimulante e recursos necessários para o desenvolvimento desta dissertação. A universidade Federal do Maranhão proporcionou-me não apenas aprendizado, mas também a oportunidade de vivenciar momentos que levarei para toda a vida

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), pela oportunidade de integrar o banco de bolsistas e tornar este estudo realidade, através dos incentivos que custearam esta investigação.

À CAPES, cujo apoio financeiro reforça a importância das políticas públicas voltadas para a educação e a pesquisa no Brasil.

Às mulheres vítimas de violência doméstica: não, o tempo não cura tudo, mas ele te dá o espaço para decidir o que fazer com a dor.

RESUMO

Nesta dissertação propomo-nos a analisar as metáforas do amor na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, a partir dos discursos coletados em registros do Grupo Focal no material colhido da tese de Carneiro (2014) e na entrevista publicada na tese de Damacena (2021). O trabalho insere-se no âmbito da Linguística Cognitiva e utiliza conceitos dispostos na Teoria da Metáfora Conceptual Estendida, para demonstrar, com maior clareza, os conteúdos da cognição envolvidos/ativados no contexto em que se insere o discurso. Convém esclarecer que, atualmente, podemos dedicar à violência doméstica um olhar heterogêneo e multifacetado, segundo o qual, estatisticamente, a maior prejudicada é a mulher. Buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: (1) Como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica conceptualizam seus sentimentos e ideias sobre o amor? (2) Qual o papel do contexto na produção das metáforas? (3) Como as metáforas do amor, transgredidas por um contexto de violência, nos mostram detalhes da conceptualização de um sentimento universal? Para responder a essas questões, esta dissertação tem como objetivo geral analisar como são criados e compreendidos os conceitos do amor a partir de mecanismos metafóricos no contexto da violência doméstica. Como objetivos específicos temos: (i) identificar as metáforas do amor na fala das vítimas; (ii) analisar, através da abordagem multinível, a especificidade da metáfora no discurso das vítimas e (iii) mostrar o papel do contexto da violência doméstica na criação de metáforas do amor. A pesquisa é qualitativa de caráter descritivo-exploratório e nos permitiu não apenas investigar o fenômeno metafórico com mais especificidade, mas também entender que o mapeamento específico dos dados não parte de variáveis simples, mas de contextos cotidianos vivenciados que refletem a maneira como a vítima percebe, concebe, julga, conceitua e qualifica os acontecimentos vivenciados. Nessa abordagem, ancoramo-nos nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Kövecses (2000, 2005, 2020), dentre outros. No que concerne às etapas da investigação, a análise está dividida em três momentos: (i) investigação qualitativa das categorias adotadas na investigação (domínios, *frames*, esquemas imagéticos e aspectos das emoções) no discurso das vítimas; (ii) aprofundamento dos sentidos produzidos a partir dessa organização e das categorias cognitivas ativadas também a partir dela, criando quadros de análises para os conceitos tradicionalmente dispostos, de acordo com a abordagem lexical e com o protótipo de amor; e (iii) identificação das metáforas de amor subjacentes às expressões e do papel do contexto de violência doméstica conjugal na criação dessas, e, ainda nesse sentido, identificamos os aspectos de emoção, mostrando que o contexto tem papel importante na criação de metáforas e que estas, transgredidas pelo contexto de violência doméstica, constituem a especificidade do modelo cognitivo de amor das vítimas. Em relação ao *corpus*, com os dados obtidos ao final dos procedimentos metodológicos, com base na abordagem multinível proposta por Kövecses (2020), foi possível desenvolver o trabalho de análise qualitativa da fala das vítimas no tocante às metáforas identificadas. Os dados revelaram que os aspectos do Amor, como Controle, Dano e Troca/Investimento, mostraram-se relevantes nas metáforas identificadas, contribuindo para o entendimento de como as dinâmicas de poder e codependência emocional e/ou financeira se manifestam nesses relacionamentos. Constatamos, assim, que tanto em situações de união quanto em relacionamentos abusivos, as vítimas podem ter uma percepção distorcida do que é amor, muitas vezes confundindo possessividade e controle com cuidado e afeto. Tal compreensão pode favorecer o desenvolvimento de outras investigações com foco na análise qualitativa das metáforas que se manifestam na fala de vítimas diretas de violência doméstica acerca de suas ideias e emoções

em relação à agressão sofrida, quanto fomentar a conscientização sobre o problema da violência doméstica contra a mulher com o aprofundamento de estudos sobre as sequelas pertinentes à interação social das vítimas e suas idealizações sobre o sentimento.

Palavras- chave: Violência doméstica contra a mulher. Teoria da Metáfora Conceptual Estendida. Metáforas do amor.

ABSTRACT

In this dissertation, we propose to analyze the metaphors of love in the speech of women who are direct victims of domestic violence, based on the discourses collected in Focus Group recordings, the material gathered from Carneiro's thesis (2014), and the interview published in Damacena's thesis (2021). The work falls within the scope of Cognitive Linguistics and uses concepts from the Extended Conceptual Metaphor Theory to demonstrate, more clearly, the cognitive contents involved/activated in the context of the discourse. It is important to clarify that, currently, we can apply a heterogeneous and multifaceted perspective to domestic violence, according to which, statistically, the most affected are women. We seek to answer the following research questions: (1) How do women who are direct victims of domestic violence conceptualize their feelings and ideas about love? (2) What is the role of context in the production of metaphors? (3) How do metaphors of love, transgressed by a context of violence, reveal details of the conceptualization of a universal feeling? To answer these questions, this dissertation aims to analyze how concepts of love are created and understood through metaphorical mechanisms in the context of domestic violence. Specific objectives include: (i) identifying metaphors of love in victims' speech; (ii) analyzing, through a multilevel approach, the specificity of metaphor in victims' discourse; and (iii) demonstrating the role of the context of domestic violence in the creation of metaphors of love. This qualitative, descriptive-exploratory research allowed us not only to investigate the metaphorical phenomenon more specifically but also to understand that the specific mapping of the data does not begin with simple variables, but rather with everyday contexts that reflect how victims perceive, conceive, judge, conceptualize, and qualify the events they experience. In this approach, we draw on the studies of Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987), Kövecses (2000, 2005, 2020), among others. Regarding the research stages, the analysis is divided into three moments: (i) qualitative investigation of the categories adopted in the investigation (domains, *frames*, image schemas, and aspects of emotions) in the victims' discourse; (ii) deepening the meanings produced from this organization and the cognitive categories also activated from it, creating analytical frameworks for the concepts traditionally arranged, according to the lexical approach and the prototype of love; and (iii) identification of the metaphors of love underlying the expressions and the role of the context of domestic violence in their creation. In this sense, we also identify the aspects of emotion, demonstrating that context plays an important role in the creation of metaphors and that these, transgressed by the context of domestic violence, constitute the specificity of the victims' cognitive model of love. Regarding the corpus, using the data obtained at the end of the methodological procedures, based on the multilevel approach proposed by Kövecses (2020), it was possible to develop a qualitative analysis of the victims' statements regarding the identified metaphors. The data revealed that aspects of love, such as control, harm, and exchange/investment, were relevant in the identified metaphors, contributing to the understanding of how power dynamics and emotional and/or financial codependency manifest in these relationships. We thus found that in both unions and abusive relationships, victims may have a distorted perception of love, often confusing possessiveness and control with care and affection. This understanding can foster the development of further research focusing on the qualitative analysis of metaphors expressed in the accounts of direct victims of domestic violence regarding their ideas and emotions regarding the aggression they suffered. It can also raise awareness of the problem of domestic violence against women through in-depth studies on the consequences of victims' social interactions and their idealizations of feelings.

Keywords: Domestic Violence Against Women. Extended Conceptual Metaphor Theory. Metaphors of Love.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Maranhão registra primeiro feminicídio de 2025.....	31
Imagem 2: Reportagem premiada relata aumento dos casos de violência doméstica.....	31
Imagem 3: Maranhão já registra 46 feminicídios em 2024.....	32
Imagem 4: Face invisível da violência contra a mulher.....	32
Imagem 5: 'Defesa da honra': STF acata absolvição de homem que esfaqueou ex em Minas.....	47
Imagem 6: 'In dubio pro reo': Sem outras provas, crime sexual desmentido em juízo gera absolvição.....	47
Imagem 7: Interações usadas na comunicação e níveis de esquematicidade.....	76
Imagem 8: Contextos envolvidos e a metáfora.....	79
Imagem 9: Excerto 1.....	98
Imagem 10: Excerto 2.....	100
Imagem 11: Excerto 3.....	102
Imagem 12: Excerto 4.....	104
Imagem 13: Excerto 5.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Taxonomia hierárquica.....	64
Quadro 2: Teoria prototípica e as famílias para o conceito de amor.....	66
Quadro 3: Níveis e categorização do protótipo de amor.....	67
Quadro 4: Metáforas Cognitivas.....	71
Quadro 5: <i>Continuum</i> -Metonímico-Metafórico.....	72
Quadro 6: Domínios FONTE e ALVO.....	86
Quadro 7: Metáfora A VIDA É UMA VIAGEM.....	87
Quadro 8: Significados para o amor - Houaiss (online).....	97
Quadro 9: Significados para o amor - Dicio(online).....	97
Quadro 10: Sinônimos para o amor.....	98
Quadro 11: Esquematicidade (Excerto 1).....	100
Quadro 12: Aspectos da emoção.....	101
Quadro 13: Esquematicidade (Excerto 1).....	101
Quadro 14: Esquematicidade (Excerto 2).....	103
Quadro 15: Aspectos da emoção.....	104
Quadro 16: Esquematicidade (Excerto 3).....	105
Quadro 17: Esquematicidade (Excerto 4).....	107
Quadro 18: Esquematicidade (Excerto 5).....	109
Quadro 19: Sequência Discursiva (Excerto 6).....	110
Quadro 20: Esquematicidade (Excerto 6).....	110
Quadro 21: Sequência Discursiva (Excerto 7).....	111
Quadro 22: Esquematicidade (Excerto 7).....	112
Quadro 23: Sequência Discursiva (Excerto 8).....	112
Quadro 24: Esquematicidade (Excerto 8).....	113
Quadro 25: Sequência Discursiva (Excerto 9).....	113
Quadro 26: Esquematicidade (Excerto 9).....	115
Quadro 27: Sequência Discursiva (Excerto 10)	115
Quadro 28: Esquematicidade (Excerto 10).....	116
Quadro 29: Sequência Discursiva (Excerto 11).....	116
Quadro 30: Esquematicidade (Excerto 11).....	117

Quadro 31: Sequência Discursiva (Excerto 12).....	118
Quadro 32: Esquematicidade (Excerto 12).....	119
Quadro 33: Aspectos das emoções (amor).....	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CID	Código Internacional de Doenças
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CP	Ciúme Patológico
Nudem	Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher da Defensoria Pública do Estado do Ceará
LC	Linguística Cognitiva
MCI	Modelos Cognitivos Idealizados
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
TMC	Teoria de Metáfora Conceptual
TMCE	Teoria de Metáfora Conceptual Estendida
UCL	University College London
WHO VAW	World Health Organization Violence Against Women

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.....	25
2.1. A Violência doméstica contra a mulher: multicausalidade e percepção pública.....	26
2.2. Gaslighting: um modelo de violência psicológica.....	32
2.3. O combate ao ciclo de violência: seccionando as políticas públicas.....	36
2.4. As Casas de Apoio.....	40
2.5. Análise de Conteúdo a partir de Decisões Judiciais.....	44
2.5.1 Contextualização do Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero.....	45
2.5.2 Exemplos de Decisões Judiciais.....	45
2.5.3 Importância da Perspectiva de Gênero nas Decisões Judiciais.....	47
3. AS CONCEPÇÕES DE AMOR.....	49
3.1 Eros, Philia e Ágape.....	51
3.2 O Panorama Cultural da metáfora de trocas econômicas.....	55
3.3 O Fenômeno afetivo e sua interface.....	56
3.4 Emoções Primárias e Secundárias.....	59
3.5 Teoria Prototípica aplicada à categoria de emoções.....	63
4 TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL ESTENDIDA.....	68
4.1 Abordagem Multinível.....	74
4.2 Metáfora Induzida pelo Contexto Discursivo.....	76
4.3 As possíveis interseções entre as abordagens.....	78
5 CONCEITOS ADOTADOS NA INVESTIGAÇÃO.....	82
5.1 Domínios Cognitivos.....	82
5.2 Esquemas Imagéticos.....	84
5.3 <i>Frame</i>	85
6 METODOLOGIA.....	88
6.1 Caracterização da Pesquisa.....	91
6.2 Método e Análise.....	92
7 ANÁLISES E RESULTADOS.....	94
7.1 Identificação: aspectos da emoção.....	117
7.2 O silêncio como elemento relevante para investigações futuras.....	123
CONCLUSÃO.....	126
REFERÊNCIAS.....	129
GLOSSÁRIO.....	137

1. INTRODUÇÃO

A metáfora, conforme a etimologia *metaphōra,ae* 'metáfora', do grego *metaphorá,âs* (mudança, transposição), metáfora', do v. *metaphérō* (transportar) (METÁFORA, 2025), estava relacionada desde sua origem à noção de movimento e vem sofrendo grandes mudanças em sua significação, desde o período clássico aos dias atuais. A metáfora é um fenômeno estudado e conceituado, primordialmente, como figura de linguagem desde a Antiguidade Clássica, pois no decorrer dos séculos predominou a perspectiva da metáfora como mero adorno de linguagem ou “figura de estilo”, uma visão que se contrapõe aos estudos linguísticos vigentes, que trazem novas perspectivas para sua construção e base cognitiva.

A Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, cujos pressupostos foram propostos e defendidos por Lakoff e Johnson (1980), possibilitou uma ampla revisão dos princípios norteadores das formas que o ser humano utiliza para organizar o pensamento e as experiências vividas. Essas formas estão intrinsecamente coordenadas na linguagem e na experiência humana já que, se o homem compreende e se expressa largamente por meio de metáforas, então a metáfora é parte integrante da cognição. Após essa mudança epistemológica e paradigmática impulsionada pela TMC, a metáfora passou a ser entendida como recurso cognitivo que permite ao ser humano vivenciar e compreender suas experiências, em especial aquelas mais abstratas, por meio de outras mais concretas. Nesse sentido, de acordo com Carneiro (2014, p. 81): “as metáforas linguísticas, que têm origem nas experiências do nosso corpo no mundo físico, acrescidas de nossos valores e crenças, só existem porque há um sistema conceitual, fundamentalmente metafórico.”

Algumas das lacunas existentes na Teoria da Metáfora Conceptual foram preenchidas, posteriormente, por muitos estudiosos engajados em um número cada vez maior de pesquisas nas mais diversas áreas. O próprio Lakoff, em 1987, propôs, com base no experiencialismo, a teoria que se funda nos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), assim como outros estudiosos, tais como: Grady (1997), Johnson (1997), Narayanan (1997) e Fauconnier e Turner (1998), que também contribuíram com trabalhos que vieram a compor a Teoria Integrada da Metáfora Primária, publicada em *Philosophy in the flesh*, em 1999. Na obra, Lakoff e Johnson (1999) mostram, através de um olhar filosófico, o impacto que a

ciência cognitiva tem na constituição do sistema conceitual inconsciente e do senso comum. De acordo com Lakoff e Johnson (1999, p. 24, tradução nossa):

Nós nos conceituamos como divididos em duas entidades distintas que podem estar em guerra, travadas em uma luta pelo controle sobre nosso comportamento corporal. Essa concepção metafórica está profundamente enraizada em nossos sistemas conceituais inconscientes, tanto que é preciso esforço e percepção consideráveis para ver como ela funciona como base para o raciocínio sobre nós mesmos.¹

Mesmo expandida, há quem considere a Teoria Integrada da Metáfora Primária ainda nebulosa em relação a várias questões teóricas, uma vez que ainda são contestados alguns de seus aspectos que, para alguns estudiosos, foram inicialmente abordados de modo insatisfatório.

Depois da virada paradigmática promovida pelos estudos de alguns linguistas, dentre os quais alguns dissidentes gerativistas, tais como James McCawley, Paul Postal, Háj Ross e George Lakoff, virada essa marcada pela publicação da obra *Metaphors we live by* (Lakoff; Johnson, 1980), os estudos da metáfora ganham grandes contribuições de pesquisadores e linguistas, como Kövecses (1986, 2000, 2005, 2010 e 2020), que elabora em suas obras um estudo aprofundado da metáfora na cultura e das relações cognitivas com a linguagem. Em sua obra intitulada *Extended Conceptual Metaphor Theory* (2020), o autor propõe uma abordagem ontológica e contextual, chamada de abordagem multinível da metáfora em que ele ressignifica os estudos anteriores que categorizam níveis (supraindividual, Individual e Subindividual) da metáfora, construindo uma teoria que conseguisse acolher tanto os aspectos da experiência “o que” (motivação ou estímulo do uso de certas metáforas); quanto o “como” (conceituação apresentada em uma comunidade linguística), visto que muitas pesquisas atuais que têm como objeto de estudo a metáfora utilizam a contribuição do contexto para a explicação da metáfora, enquanto poucas pesquisas se voltam para o aspecto do contexto na motivação dessas. Sobre o caráter multidimensional do estudo metafórico, Carneiro (2014, p. 100) ressalta:

A análise da metáfora discursiva inclui suas várias dimensões: a linguística, a corporificada, a cognitiva, a afetiva, a sociocultural e a dinâmica. Todas essas dimensões são relevantes quando a metáfora é utilizada como ferramenta de pesquisa porque podem oferecer informações sobre como as pessoas pensam, sobre

¹ We conceptualize ourselves as split into two distinct entities that can be at war, locked in a struggle for control over our bodily behavior. This metaphoric conception is rooted deep in our unconscious conceptual systems, so much so that it takes considerable effort and insight to see how it functions as the basis for reasoning about ourselves (Lakoff ; Johnson, 1999, p. 24).

convenções socioculturais por elas adotadas ou rejeitadas, e sobre suas ideias e sentimentos.

Os pressupostos das ciências cognitivas enfatizam o experiencialismo na percepção dos eventos e práticas sociais como um contexto ou informação externa que é processada pela mente, essa interação do homem com o mundo coativa as estruturas cognitivas e as conceituações perspectivadas culturalmente. Nesse aspecto, a dinâmica da abordagem multinível corrobora com os estudos da metáfora no discurso, já que considera o fator contextual em seus diversos aspectos (situacional, discursivo, corporal e conceptual) para a análise mais específica do fenômeno metafórico, portanto, nosso foco não se limita à descrição da estrutura linguística, mas no entendimento da relação entre a linguagem e a cognição.

De acordo com Kövecses (2020), os fatores contextuais sugerem metáforas induzidas pelo contexto ou geradas no discurso, que vão além de sua constituição correlacional básica da experiência, como a formação das metáforas primárias de Grady (1997). Elas são, a priori, uma construção criativa que envolve o discurso circundante, o conhecimento sobre os principais elementos do discurso e os discursos anteriores. Sobre esse aspecto, Kövecses (2020, p. 1, tradução nossa) ressalta:

Estas metáforas induzidas pelo contexto não estão limitadas aos tipos de correlações básicas na experiência que forma as bases das metáforas primárias. Portanto, parecemos ter um conjunto de metáforas que vão desde as metáforas primárias universais até aquelas não universais induzidas pelo contexto. Em outras palavras, as metáforas podem derivar do corpo, de especificidades culturais e também do contexto mais geral.²

Partindo do entendimento que o(s) contexto(s) influenciam não apenas no entendimento, mas na formação de metáforas, tomamos por locus de pesquisa o cenário da violência doméstica contra a mulher, sendo esta uma preocupação democrática que dialoga com uma grande discussão mundial sobre as diversas formas de violência. A inclinação para um estudo linguístico com locus na violência doméstica contra a mulher também é explicada por ser essa uma grande causa de feminicídio no Brasil e no mundo, trazendo graves consequências para a vida e saúde das mulheres.

² these context-induced metaphors are not limited to the kinds of basic correlations in experience that form the bases of primary metaphors. Thus, we seem to have a cline of metaphors, ranging from universal primary metaphors to non-universal context-induced ones. In other words, metaphors can derive from the body, cultural specificities, and also the more general context (Kövecses, 2020, p. 11).

Dentre todos os tipos de violência contra a mulher existentes no mundo, aquela praticada no ambiente familiar é uma das mais cruéis e perversas. O lar, identificado como o local acolhedor e de conforto, passa a ser, nesses casos, um ambiente de perigo contínuo que resulta num estado de medo e de ansiedade permanentes. Envoltos no emaranhado de emoções e de relações afetivas, a violência doméstica contra a mulher se mantém, até hoje, como uma sombra em nossa sociedade (Senado Federal, Subsecretaria de Pesquisa e Opinião Pública, 2005).

O estudo desenvolvido por Kövecses (2000) sobre as emoções enfatiza a natureza integrada dos estudos metafóricos com a perspectiva das emoções, já que ele mostra o sistema integrado que precede os aspectos culturais das emoções, as metáforas de emoção e a fisiologia das emoções, por isso, no contexto da violência doméstica, encontramos o domínio fonte DANO FÍSICO aplicado ao conceito de DANO EMOCIONAL **“Às vezes o verbal dói mais do que um tapa”** (Damacena, 2021, p.155, Sdr 36) e VULNERABILIDADE FÍSICA aplicada ao conceito de VULNERABILIDADE FINANCEIRA (metáfora das camadas³): **“Ele comprava as coisas pra casa, ele nunca me deixou faltar nada, mas ele não me deixava ter paz. Então eu prefiro comer o arroz e feijão e ficar tranquila. Ele me dava tudo, mas eu não tinha sossego”** (Damacena, 2021, p. 159, Sdr 39); **“eu vou dar um basta nisso aí. Ninguém vive de bens materiais. Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa, aí, no final das contas, ele vai acabar me matando”** (Carneiro, 2014, p. 178, Excerto 18).

Assim, um olhar sobre o discurso de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, através dos relatos que constroem a discursivização ou a enunciação dos sentimentos mostra que as metáforas de emoções, especialmente metáforas do amor, expressas em toda sua vulnerabilidade, constituem a subjetividade da mulher em condição de violência conjugal e conceptualizam um sentimento universal: o amor.

De acordo com Carneiro (2014, p. 114):

A dinamicidade da metáfora funda-se no processo de interação. É em decorrência não só do aspecto dialógico do discurso de indivíduos em evento discursivo, manifestando seus sentimentos e ideias, mas também da riqueza da troca e do compartilhamento de ideias e modos de expressá-las que emergem metáforas que resultam em padrões que se verificam ao longo do evento.

³Interpretação do conceito de vulnerabilidade proposto por Luna (2008), com base na constituição fluida e dinâmica (perspectivada) dos contextos. De acordo com Luna (2008, p. 7-8): “La metáfora de las capas nos da la idea de algo más “flexible”, algo que puede ser múltiple y diferente, y que puede ser removido de uno en uno, capa por capa. No hay una “sólida y única vulnerabilidad” que agote la categoría, pueden haber diferentes vulnerabilidades, diferentes capas operando. Estas capas pueden superponerse y algunas pueden estar relacionadas con problemas del consentimiento informado, mientras que otras lo estarán con las circunstancias sociales.”

Olhar para o discurso de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, através dos relatos que constroem a discursivização da figura feminina, mostra que as metáforas do amor podem ser encontradas nas mais variadas formas, visto que o amor, adotado nesta investigação como uma emoção complexa, aparece nas nuances do amor conjugal e do amor-próprio (por vezes perspectivado na metáfora da sororidade identificada no discurso de vítimas diretas que se encontram em Casas Abrigo) e constituem a intersubjetividade da mulher em condição de violência conjugal, mostrando aspectos do amor ideal e do ‘amor-próprio’ como uma força para a batalha contra a violência. Cabe ressaltar que o amor, aqui estudado em seu viés metafórico em registros de Grupo Focal no material colhido da tese de Carneiro (2014) e na entrevista publicada na tese de Damacena (2021), é metaforizado e perspectivado diante do contexto.

Por ser um fenômeno mundial complexo, em processo de expansão que atinge as várias esferas sociais e ainda de difícil compreensão, a violência doméstica contra a mulher traz, no seu histórico, muitos sofrimentos e prejuízos de toda natureza à humanidade. Suas vítimas incluem mulheres de todas as camadas sociais, bem como aquelas de diferentes credos, etnias e cor que são submetidas a maus-tratos, espancamentos, estupros, torturas, homicídios, dentre outros tipos de abuso. O termo *violência doméstica contra a mulher* foi adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) desde a Assembleia Geral realizada em 1993. Sua manifestação global é motivo de preocupação para a Organização Mundial de Saúde (OMS), para as organizações de direitos humanos, os governantes e a população. Nesse sentido, a OMS criou o “World Health Organization's Violence Against Women” (WHO VAW STUDY) com o objetivo de traçar estimativas sobre o fenômeno em âmbito global, o que reforçou, em termos estatísticos, a violência doméstica e familiar como a principal causa de feminicídio em perspectiva global:

Globalmente, até 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros íntimos. Além da violência do parceiro íntimo, globalmente 6% das mulheres relatam ter sido abusadas sexualmente por alguém que não seja um parceiro, embora os dados sobre violência sexual não-parceira sejam mais limitados. A violência sexual e do parceiro íntimo são principalmente perpetradas por homens contra mulheres (Organização Mundial da Saúde, 2024, tradução nossa)⁴.

⁴Globally as many as 38% of all murders of women are committed by intimate partners. In addition to intimate partner violence, globally 6% of women report having been sexually assaulted by someone other than a partner, although data for non-partner sexual violence are more limited. Intimate partner and sexual violence are mostly perpetrated by men against women (World Health Organization, 2024).

A palavra violência, do latim *violentia*, tem raiz no indo-europeu **weie-*, expressando ‘querer pegar algo com tenacidade’. É composta pelos seguintes elementos: prefixo *vil* do latim, associado ao adjetivo *violentus*, distinguindo o comportamento violento de um indivíduo, sobre *vis*, por força ou vigor⁵. Ocorre que, desde sua etimologia, a violência pode ser compreendida como o próprio abuso da força, relacionada com o verbo violar, significa tratar com brutalidade, desonrar, abusar e ultrajar. Está associada, portanto, a qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa, animal ou coisa. A violência está conceituada como o uso intencional de força física ou poder, seja por ameaça ou motivos reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação.

Com base nesse entendimento, **justificamos o presente trabalho pelo espaço tomado pela violência e sua multiplicidade de agentes e relações, pela situação de insegurança e medo que a mulher enfrenta e pelo silenciamento a que a vítima é submetida, por ser o lugar em que a subjetivação feminina luta com as cobranças, pressões e múltiplos olhares.**

Optamos, portanto, por um estudo linguístico de descrição e análise do português brasileiro, tomando por objeto de análise as metáforas de amor com lócus na violência doméstica conjugal para analisarmos, com mais especificidade, a relação entre a linguagem e a cognição por meio das marcas de emoção nos relatos das vítimas diretas, vítimas essas que demonstram suas idealizações sobre o amor, apesar de (ou justamente por) tratar-se de uma violência de repercussões estatísticas e sociais amplas cujas consequências refletem na interação social humana em escalas alarmantes.

A análise proposta mostrará que a concepção de amor nas relações conjugais, especialmente em casos de violência, pode ser perspectivada com o prisma valor-dinheiro no tocante à relação de trocas econômicas. Além disso, abre-se um olhar para o protótipo de amor, chegando-se a uma gradiência do amor-próprio identificado no discurso de algumas vítimas diretas no contexto da violência doméstica conjugal. Cabe ressaltar que os estudos da Teoria Prototípica, de Rosch (1973; 1978), fornecem base teórica para entender como as pessoas categorizam e conceituam experiências, pessoas, objetos, conceitos etc., o que sugere

⁵ Veschi, B. Etimologia de violência. Ano: 2020. Disponível em: <https://etimologia.com.br/violencia/>

que as categorias conceptuais não possuem fronteiras rígidas, mas são organizadas em torno de exemplos centrais e essas relações embasam o mapeamento metafórico de domínios.

Além disso, o estudo também abre um tópico relevante para investigações futuras no tocante ao silêncio e/ou ao silenciamento, além de um olhar para o *gaslighting* como forma de violência e abuso psicológico. É compreensível que, em um estudo das metáforas de amor, com lócus no discurso de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, um olhar para os silêncios seja incitado, ainda que inicialmente, pois, como lembra Orlandi (1992, p.13), “o silêncio é a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” Portanto, em relatos marcados de sentimentos, o silêncio como materialidade simbólica, torna-se constitutivo da significação e das marcas de emoção nos relatos das vítimas. **Este trabalho, para além do interesse linguístico com o tema de ‘metáforas do amor’, tem como pretensão social: fomentar a conscientização sobre o problema da violência doméstica e contribuir com estudos sobre as sequelas pertinentes à interação social das vítimas diretas e suas idealizações sobre o amor. Nesse sentido, sem conhecer pessoalmente as colaboradoras, sem também entrevistá-las, investigamos os sinais marcados nos discursos por elas produzidos.** Vereza (2010, p. 208) ressalta que:

Felizmente, o cenário atual dos estudos da metáfora, muito voltado para a linguagem figurada no discurso, de forma alguma descarta os aspectos cognitivos inerentes à metáfora. Ao invés disso, procura-se criar articulações sistemáticas entre a cognição e o discurso, ressaltando a inseparabilidade dessas duas instâncias. A metáfora é de natureza tanto linguística quanto (sócio) cognitiva, e o discurso promove e possibilita essa articulação e, ao mesmo tempo, dela depende. Dessa forma, o lócus da metáfora passa a ser o discurso, se entendermos esse conceito como o espaço em que aspectos sóciocognitivos e linguísticos (se é que se pode fazer essa separação) se encontram para tecer a figuratividade, entre outras formas de criação de sentidos.

Em uma abordagem de múltiplos relatos de violência, significa dizer que, no contexto da violência doméstica e de gênero, **o verbal configura-se tão violento quanto os atos de agressão física e as ameaças ali feitas. Esta pesquisa, portanto, dá prioridade à violência doméstica como manifestação simbólica da violência de gênero.**

De acordo com Bourdieu (1999, p. 100), “a dominação masculina enfatiza uma dominação simbólica sobre todo o tecido social, corpos e mentes, discursos e práticas sociais e institucionais, além de fortalecer diferenças e naturalizar desigualdades entre homens e mulheres.” O autor concebe a violência simbólica no âmbito da violência estrutural

dissimulada por condições de regras não ditas, portanto, a violência incorporada é, por vezes, velada, difícil de reconhecer e de combater.

A metáfora conceptual permite-nos compreender e descrever conceitos complexos e abstratos. No contexto da violência doméstica, as metáforas conceptuais podem ser usadas para descrever a experiência da violência: **“Era difícil pra mim falar pras (sic) pessoas que ele, na verdade, ele era um monstro”** (Damacena, 2021, p. 276); para justificar ou minimizar a violência: **“Qual é a explicação que eu tenho que dar para os meus filhos do pai deles nunca deixar de me bater? Eu tenho que dizer que a culpa é do diabo?”** (Damacena, 2021, p.142); e, para reforçar estereótipos e preconceitos, como a ideia de que a vítima é culpada ou fraca: **“Elas se acomodando, devido à paixão, do amor que sente pelos seus companheiros, né? E não toma atitude”** (Carneiro, 2014, p. 224).

Com o propósito de compreender a influência do contexto de violência doméstica contra a mulher nas metáforas de amor por ela produzidas, buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: (1) Como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica conceptualizam seus sentimentos e ideias sobre o amor? (2) Qual o papel do contexto na produção das metáforas? (3) Como as metáforas do amor, transgredidas por um contexto de violência, nos mostram detalhes da conceptualização de um sentimento universal?

Portanto, esta dissertação teve como objetivo geral: analisar como são criados e compreendidos conceitos do amor a partir de mecanismos metafóricos no contexto da violência doméstica. Como objetivos específicos temos: (i) identificar as metáforas do amor na fala das vítimas; (ii) analisar, através da abordagem multinível, a especificidade da metáfora no discurso das vítimas; e (iii) mostrar o papel do contexto da violência doméstica na criação de metáforas do amor.

A pesquisa conta com a seção 1 de **INTRODUÇÃO**; a seção 2 de contextualização, **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**; a seção 3 de **CONCEPÇÕES DE AMOR**; seção 4 que inclui o aporte da **TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL ESTENDIDA** e sua abordagem; a seção 5 de **CONCEITOS ADOTADOS NA INVESTIGAÇÃO**, que traz uma explicação prática das hierarquias de análise propostas por Kövecses (2020) para o estudo da metáfora com mais especificidade; a seção 6 **METODOLOGIA**, que traz os procedimentos metodológicos adotados por Kövecses (2020) para a abordagem multinível e a organização metodológica estabelecida para os fins desta pesquisa; a seção 7 de **ANÁLISES E RESULTADOS** apresentará, além das análises, elementos relevantes para investigações futuras, e a **CONCLUSÃO**, em que retomamos as

questões de pesquisa, objetivos e aspectos relevantes com as devidas considerações finais.

2. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Dividida em quatro subseções, o foco desta seção é o alicerçamento contextual desta pesquisa. Iniciamos com a subseção 2.1 “A Violência doméstica contra a mulher: multicausalidade e percepção pública”, que aborda fundamentos e aspectos relevantes do contexto, em nível global, da violência doméstica contra a mulher, bem como a sua definição, analisando como a apreensão pública (social e política) reflete na forma como as vítimas são tratadas e apoiadas, assim como na criação de leis que desafiam estereótipos e preconceitos que subjazem a este tipo de violência. Também nessa subseção, selecionamos 3 reportagens atuais para mostrar que, mesmo com o avanço na criação de diversas leis, a violência doméstica contra a mulher ainda possui índices alarmantes.

Para melhor elucidar o contexto proposto, reservamos a um tipo específico de violência a subseção 2.2, o *gaslighting*, por se tratar de uma violência psicológica ainda mais difícil de ser percebida e, portanto, combatida. Destacamos, portanto, a criação do termo “*gaslighting*” e como essa violência se manifesta em nossa sociedade, sendo essa reflexão importante por estar imersa nos resultados encontrados no discurso das vítimas.

Na subseção 2.3 “O combate ao ciclo de violência: seccionando as políticas públicas”, trazemos um panorama de ações, em nível global e local, propostas e realizadas pelo governo do Maranhão para o combate ao ciclo de violência, assim como abordamos alguns fatores de risco associados à violência contra a mulher, a relação com o discurso religioso e a importância da educação.

Na subseção 2.4 abordamos a importância das “Casas de Apoio” para o combate à violência e para a concepção de amor-próprio que é identificada no discurso das vítimas, após serem acolhidas nessas instituições. Aproveito também para ressaltar o tipo de atendimento disponibilizado na Casa da Mulher Brasileira e para citar outras instituições de apoio em casos de violência doméstica contra a mulher.

Na última subseção 2.5 “Análise de Conteúdo a partir de Decisões Judiciais”, utilizamos a abordagem da análise de conteúdo para embasar nossa visão sobre o sistema judiciário, a partir de dados primários. Mesmo encontrando dificuldades acerca do acesso limitado em causas de violência doméstica contra a mulher, especialmente por se tratar da abordagem legal sobre a privacidade dos casos, foi possível encontrar algumas decisões disponibilizadas para identificarmos padrões e tendências. Nesse aspecto, a abordagem de análise de conteúdo não apenas forneceu uma análise específica da perspectiva do sistema

judiciário, mas nos permitiu reforçar que os tipos de violência ocorrem, muitas vezes, imbricadas; e nos permitiu compreender que o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero (2021), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), foi um recurso crucial para incentivar: a Promoção da igualdade de gênero; Sensibilidade às necessidades das vítimas; Prevenção da revitimização; Melhoria da qualidade da prova; Aumento na confiança no sistema judiciário; Formação e sensibilização dos profissionais do sistema judiciário e Promoção da justiça restaurativa.

Nesse sentido, a seção a seguir dialoga com os objetivos propostos nesta pesquisa por identificar e conceituar as nuances da violência doméstica contra a mulher, permitindo entender o contexto em que se insere e a urgência de estudos nesse viés, além de proporcionar um entendimento do contexto, cujo papel será refletido na criação de metáforas de amor no discurso das colaboradoras.

2.1. A Violência doméstica contra a mulher: multicausalidade e percepção pública

A violência doméstica contra a mulher é um dos grandes problemas mundiais. Historicamente, a violência doméstica contra a mulher vem sendo tratada como uma expressão da violência de gênero e possui consequências diretas e óbvias, não distante, a violência sexual presente em diversos casos de violência doméstica, sendo prevista no artigo 7º, inciso III, da Lei nº 11.340/06, de maneira ampla, é entendida como:

qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (Brasil, 2006).

É importante pontuar que esse tipo de violência também se manifesta quando a mulher é impedida de utilizar métodos contraceptivos e é forçada ao matrimônio ou quando é anulada e limitada de exercer seus direitos sexuais e reprodutivos. Segundo estudo realizado por Concha-Eastman e Malo (2007, p. 1180):

a violência é classificada em três níveis, segundo sua expressão e natureza (física, sexual, psicológica ou decorrente de negligência) e, em geral, manifesta-se numa combinação: 1) interpessoal, que compreende a) violência intrafamiliar, pelo cônjuge, e cujas vítimas são mulheres, crianças e adultos, e b) pela comunidade, nas ruas e em locais públicos, que é cometida contra indivíduos conhecidos ou, às vezes, desconhecidos; 2) coletiva, por Estados, grupos organizados, crime organizado, podendo também ser social, econômica ou política; e, finalmente, 3) autoinfringida, como o suicídio ou a tentativa de suicídio e outros tipos de autoagressão.

Nesse sentido, observa-se que a multicausalidade da violência inclui inúmeros fatores que percorrem diversas instâncias que incluem: a política, a étnica, a econômica, a social, a cultural, a geográfica, a de gênero, dentre outras, e tem vitimizado os grupos mais vulneráveis, nos quais encontram-se incluídas as mulheres. Portanto, percebemos que a incorporação da violência na nossa cultura, não se esgota somente nos atos de agressão física, insere-se também em nossa **linguagem**, na medida em que a realidade violenta se apresenta através de violência real e simbólica, física e verbal, além de seu enquadramento multimodal que pode agregar múltiplas semioses em sua composição, sintetizando, assim, um amplo campo de atitudes e realidades que se caracterizam pelos excessos e abusos de poder.

Um ponto relevante e que deve ser debatido no que compete ao crime de violência doméstica é seu enquadramento, muitas vezes, no que a legislação chama de crime passionai, sendo essa denominação um esboço de um percurso ainda mais antigo de crimes contra a honra, como um tipo de recurso argumentativo utilizado para justificar o ato, incluindo o amor na perspectiva de emoção violenta assim como o ódio, utilizando a prerrogativa do domínio de violenta emoção. Segundo Mirabete (2004, p. 69):

Fala-se em homicídio passionai para conceituar o crime praticado por amor, mas a paixão somente informa um homicídio privilegiado quando este for praticado por relevante valor social ou moral ou sob a influência de violenta emoção. A emoção violenta é, às vezes, a exteriorização de outras paixões mais duradouras que se sucedem, se alternam ou se confundem: o ódio, a honra, a ambição. Mas a paixão pode apresentar-se, "e esta é a sua conceituação verdadeiramente científica e exata – como a sistematização de uma ideia que se instala morbidamente no espírito e exige tiranicamente a sua convenção em ato", podendo constituir até uma doença mental.

O crime passionai pode ou não incluir a modalidade do homicídio, mas no que diz respeito aos casos de violência doméstica, em sua constituição o indivíduo presume ser dono da vítima, normalmente por alguma questão econômica. Vale ressaltar a estreita relação entre crime passionai que pode ou não levar ao homicídio e o feminicídio, propriamente dito, sendo

o primeiro associado ao amor e ao descontrole emocional; à proteção da honra do marido; ao adultério; ciúmes etc. enquanto o feminicídio pressupõe uma aversão à mulher ou a algum comportamento seu. De acordo com Capez (2008, p. 40):

Totalmente inadequado o emprego do termo "amor" ao sentimento que anima o criminoso passional, que não age por motivos elevados nem é propulsionado ao crime pelo amor, mas por sentimentos baixos e selvagens, tais como ódio atroz, o sádico sentimento de posse, o egoísmo desesperado, o espírito vil da vingança. (...) O passionalismo que vai até o homicídio nada tem que ver com o amor.

Para Capez (2008), a palavra “passional” relacionada a um ato de violenta emoção não sinaliza essencialmente o amor, mas um sentimento de paixão originalmente ligado à intensidade que leva o agente a cometer o delito, o que difere de um simples ato impulsivo, já que muitas vezes é detalhadamente planejado; portanto, o delito passional, acompanhado ou não de homicídio, nada tem a ver com o amor, mas com um conjunto de atributos psíquicos que caracterizam a obsessão através da fixação do sentimento e da angústia, causando um desequilíbrio emocional que leva ao crime.

Apesar de o crime passional e o feminicídio andarem paralelamente, tanto na jurisprudência quanto no senso comum, temos dois *frames*⁶ diferentes relacionados aos conceitos expostos, sendo eles envoltos por concepções do que seja o assassinato de mulheres e o repertório típico da motivação, nesse sentido, o discurso das emoções associa-se à interpretação social que pode levar à banalização do ato. Por não se tratar diretamente de uma patologia, a abordagem cultural do enquadramento do crime passional possui uma natureza histórica e agressiva de padrões de comportamento ‘impulsivos’, que permeiam o sentimento de posse, poder e dominação da mulher, estatisticamente perpetrado em maior recorrência pela figura masculina.

O Art. 121 do Decreto-lei Nº 2.848 dispõe sobre crime ou homicídio passional, excluindo a inimputabilidade penal:

Art. 121. Matar alguém:
Pena - reclusão, de seis a vinte anos.
Caso de diminuição de pena
§ 1º Se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço (Jusbrasil, 1940).

⁶O conceito de *frame* está relacionado à abordagem de Robin Lakoff (2000), em seu livro “The language war”, que define *frame* como: um conjunto de conceitos e relações que são ativados simultaneamente na mente e que fornecem uma estrutura para a interpretação de uma situação ou evento.

É importante ressaltar que não existe tipificação no Código Penal que traga o crime passionnal como um crime propriamente dito, mas a expressão é utilizada para classificar delito violento cometido por emoção intensa do agente criminoso e, apesar de sua manifestação poder enquadrar qualquer pessoa, estatisticamente são mais homens que cometem esse crime, não sendo necessário estabelecer o vínculo amoroso entre o agressor e a vítima direta, o crime pode manifestar-se por um sentimento não correspondido, por exemplo, casos de amor platônico.

Outro ponto importante sobre a manifestação de crimes passionais é o comportamento abusivo antes da configuração do delito e que, em casos de violência doméstica, costuma ser o ciúme, narcisista e/ou patológico, do agressor, sendo o ciúme narcisista caracterizado pelo medo de perder a exclusividade, ligado ao sentimento de posse, enquanto o ciúme patológico (CP), também chamado de Síndrome de Otelo, está disposto no CID-10 (Código Internacional de Doenças) nos Transtornos Mentais e de Comportamento.

O feminicídio foi sancionado na legislação brasileira, inicialmente, na Lei nº 2.848/1940 caracterizado como circunstância qualificadora para crime de homicídio, mas apenas com a Lei nº 13.104/2015 inclui-se o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Além disso, reconhecendo-se a seriedade e singularidade do crime, em 2024 foi sancionada a Lei nº 14.994/2024, denominada “pacote antifeminicídio”, que dispõe sobre o endurecimento penal para o crime no sistema judiciário brasileiro classificando-o como crime autônomo desvinculado do caráter qualificador de crime de homicídio doloso, o que nos coloca à reflexão de que o sistema penal sustenta um plano mais amplo de atuação do Estado.

De acordo com a legislação, os casos de crimes passionais podem ser enquadrados na diminuição da pena, o que reforça a dinâmica social da violência doméstica e familiar, estando dispersa no âmbito das relações desiguais. Diante de todo esse contexto, percebemos que a crença emocional nos casos de violência é duplamente prejudicial: além de ligar-se à ideia de um sentimento absoluto que pode justificar um ato violento na perspectiva do agressor, coloca a mulher na posição de fragilidade pelo viés emocional do “amor romântico”, como se a permanência da mulher na situação de violência fosse atribuída ao ideal de amor o que, de modo algum, pode restringir os vários fatores e nuances da violência doméstica, bem como da quebra do ciclo de violência. A seguir, selecionamos 3 reportagens atuais para mostrar que, mesmo com o avanço na criação de diversas leis, a violência doméstica contra a

mulher ainda possui índices alarmantes:

Imagem 1: Maranhão registra primeiro feminicídio de 2025

MARANHÃO



Maranhão registra primeiro feminicídio de 2025; companheiro é o principal suspeito

A vítima identificada como Francinete de Souza da Silva, de 31 anos, que estava desaparecida há dois dias, foi encontrada morta na casa onde morava com o companheiro, no bairro São Raimundo, em São José de Ribamar.

Por g1 MA — São Luís
07/01/2025 16h04 · Atualizado há um mês

Fonte: g1 MA - Portal de notícias da globo, 2025.

Imagem 2: Reportagem premiada relata aumento dos casos de violência doméstica

Reportagem premiada relata aumento dos casos de violência doméstica em Pernambuco

🕒 13 de janeiro de 2025 - 📁 Notícias CNJ / Agência CNJ de Notícias

Câmara aprova lei que cria Dia de Enfrentamento ao Tráfico de Feminicídio no Brasil

Segurança

PREVENÇÃO

Tecnologia vai traçar perfil e rastrear de violência doméstica

Em PE, 86% das vítimas de feminicídio nunca pediram ajuda

Segurança

AGOSTO LILÁS

Apesar de comum, violência patrimonial contra a mulher é pouco denunciada

Por dia, 135 mulheres pedem socorro à polícia em Pernambuco

Segurança

DIA ESTADUAL DE COMBATE AO FEMINICÍDIO

minuto que não pense na mãe de Tássia Mirella, feminicídio há 6 anos

Nove delegacias da Mulher Pernambuco não funcionam: Nova lei determina mudança

Segurança

COM QUANTO O PAÍS DENUNCIA EM CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Fonte: Agência CNJ de notícias, 2025.

31

Imagem 3: Maranhão já registra 46 feminicídios em 2024

Maranhão já registra 46 feminicídios em 2024; quatro suspeitos ainda estão foragidos

Entre os autores dos crimes estão namorados, maridos, companheiros e ex-companheiros das vítimas. A motivação, na maior parte das vezes, é ciúme e inconformismo com a separação.

Por g1 MA

14/09/2024 09h13 - Atualizado há 5 meses



Mikaelane Guajajara, Licia Guajajara e Joanilde Guajajara foram mortas pelos ex-companheiros, segundo a polícia — Foto: Montagem/g1

De janeiro até o dia 12 de setembro deste ano, foram registrados 46 feminicídios no Maranhão, entre eles, nove foram praticados na Grande Ilha de **São Luís**.

Fonte: g1 MA - Portal de notícias da globo, 2025.

Imagem 4: Face invisível da violência contra a mulher

Face invisível da violência contra a mulher, o abuso psicológico é tema de evento da ALMT

A Procuradoria Especial da Mulher da Assembleia Legislativa reuniu especialistas para falar sobre “Gaslighting! Um evento sobre violência psicológica!”

POR MAÍRA NIENOW / SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • 10 DE SETEMBRO DE 2024 ÀS 18:21:00



Centenas de mulheres estão sendo mortas ou agredidas a cada minuto no nosso país. A violência física contra a mulher, que vai desde a agressão até o feminicídio, aumenta a cada dia em proporções alarmantes. Existe, porém, um tipo de violência que é sutil, mais subjetiva, mas não menos cruel: a violência psicológica. Complexa e perversa, ela se instala lentamente comprometendo a saúde emocional e física da mulher vítima do abuso.

Para conscientizar sobre alguns dos aspectos em que acontecem e os mecanismos mentais empenhados para a desconstrução da vítima, a Procuradoria Especial da Mulher da Assembleia Legislativa reuniu especialistas para falar sobre “Gaslighting! Um evento sobre violência psicológica!”.

Fonte: ALMT - Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, 2024.

Mesmo com as leis e ações criadas para diminuir os casos de violência contra a mulher, é possível perceber que ainda há muito para percorrer. Nesse sentido, os dados analisados dos anos de 2014 e de 2021, se fazem atemporais, já que os noticiários ainda relatam várias situações de violência doméstica contra a mulher e de feminicídio. Assim, destacamos as reportagens acima no intuito de elucidar a natureza atemporal da temática e dos dados coletados.

2.2 *Gaslighting*: um modelo de violência psicológica

O termo *gaslighting*, oriundo do inglês, surge da obra *Gas Light* (1938), de Patrick Hamilton, cujo enredo aborda a manipulação que a personagem principal sofre por ação de seu marido, que a faz duvidar de sua sanidade mental e de sua memória visando a taxá-la de louca, para assim poder roubar as joias de sua primeira esposa, assassinada por ele.

O *Gaslighting*, como verbo que expressa a violência psicológica, principalmente no contexto de situações de abuso em relacionamentos, envolvendo a desestabilização das vítimas diretas através da posição de confiança do agressor que está em contato próximo com elas. Essa instabilidade traz sérias consequências como: problemas emocionais, sensação de dependência do abusador, problemas de autoestima, ansiedade, dentre outros. De acordo com Laurenti (2019, p.14):

a falta de reflexões ético-políticas tem contribuído para que as intervenções dos/as analistas do comportamento, mesmo que amparadas em análises funcionais, fiquem centradas no indivíduo, desconsiderando o contexto mais amplo de contingências culturais e institucionais, das quais participam relações hierárquicas de poder.

Desse modo, o silenciamento e a desqualificação do discurso da vítima direta caracteriza-se como violência simbólica de gênero que se baseia em um *frame* estereotipado da mulher louca e histérica, deslegitimando-a por meio da construção psicossocial do gênero feminino como estratégia discursiva. Laurenti (2019) destaca a importância de estudar o *gaslighting* em sua constituição como fenômeno, não apenas como foco no indivíduo, mas no contexto que instancia essa discursivização. Nesse sentido:

A Lei 14.132/2021 inseriu no Código Penal Brasileiro o artigo 147-B, que traz a figura do crime de violência psicológica contra a mulher. O artigo descreve como conduta ilícita o uso de ameaças, constrangimentos, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou outros, para controlar ações, comportamentos, crenças e decisões da mulher, causando dano

emocional ou prejuízo à saúde psicológica. A pena prevista é de 6 meses a 2 anos de reclusão e multa.

O conceito de violência psicológica contra a mulher já está expresso no artigo 7º, inciso II, da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), e sua inclusão também no CPB vem reforçar a criminalização de atos dessa natureza (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2021).

É importante pontuar que esse tipo de violência, diferentemente da violência física, é velada e gradual, tornando difícil a percepção da própria vítima direta sobre o abuso psicológico que sofre. Uma pesquisa feita em 2020 pelo Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher da Defensoria Pública do Estado do Ceará (Nudem) revelou, baseando-se no perfil das mulheres vítimas diretas de violência que procuram ajuda, que 97,5% delas são vítimas diretas de violência psicológica, crime este que consta no artigo 7º da Lei Maria da Penha, além disso, a pesquisa revelou que elas permaneceram sem romper este ciclo por um período entre 5 e 10 anos.

Atualmente, o recurso de manipulação é nomeado (*gaslighting*) e amplamente discutido nas redes sociais por mulheres e profissionais envolvidos em ações em prol da defesa feminina; entretanto, muito antes que o termo fosse cunhado e que houvesse espaço para discussões sobre violências e abusos sofridos por mulheres, ao longo da história, principalmente em séculos anteriores, majoritariamente dominados por homens, muitas personagens históricas foram vítimas diretas de silenciamento e até mesmo rotuladas como “loucas” e “histéricas”. Nesse sentido, o *gaslighting* como uma modalidade de abuso e violência psicológica coloca a mulher em um binômio entre a fragilidade e dependência expressa no *frame* de violência doméstica, ao mesmo tempo que a caracteriza como louca diante de suas escolhas, demonstrando a cultura androcêntrica que permeia a política e a dimensão social.

Para coibir esse tipo de violência, em 2006, entrou em vigor, no Brasil, a Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, em homenagem a Maria da Penha Maia, que foi agredida pelo marido durante seis anos até se tornar paraplégica e se tornar símbolo de resistência, após sofrer sucessivas agressões do seu ex-marido. A Lei Maria da Penha altera o Código Penal, possibilitando que os agressores sejam presos em flagrante ou tenham prisão preventiva decretada, a lei também impossibilita que medidas punitivas alternativas sejam aplicadas, como o pagamento de cestas básicas; além disso, há um aumento no tempo máximo de detenção de um para três anos e a aquisição de medidas protetivas para a vítima direta. Com base nisso, cabe ressaltar a importância dessa lei, especialmente no âmbito

brasileiro, enquanto mecanismo de imputação e diligência perante o Código Penal, como afirma Dias: “A Lei Maria da Penha veio para suprir, com vantagem, essa negligência, pois cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar, visando assegurar a integridade física, psíquica, sexual, moral e patrimonial da mulher” (Dias, 2013, p. 112).

Sem a pretensão de apresentar a incidência, em termos quantitativos, dos casos de violência contra mulheres no Brasil, a pesquisa mostra dados reais de entrevistas com mulheres vítimas diretas de violência doméstica. Os dados apontam para a importância do prisma ‘valor- dinheiro’ no tocante às relações conjugais: **“Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra gente andar juntos e ele não sabia o que ele queria. Então pensei eu vou voltar com esse que esse aí vai terminar a minha casa”** (Damacena, 2021, p. 162, Sdr 41), o que é percebido e reforçado no posicionamento do sistema judiciário brasileiro quanto aos casos que envolvem afetividade ou ausência dela, em questões relativas a abandono moral em que há, a título de reparação de danos, uma indenização em moeda.

No que tange aos casos de violência conjugal doméstica, o abandono afetivo ainda é negligenciado, sem tratar da importância do desafeto na construção da identidade da mulher na relação conjugal, o que se observa em muitos casos de violência doméstica conjugal são vítimas diretas que se casaram novas, ainda no colegial, e que constroem seu autoconhecimento regadas a desamor e abandono afetivo por parte do cônjuge, em um sistema judiciário que ainda tem de muito novas as pautas relacionadas ao próprio abandono afetivo paterno. Na luta pelo resgate das questões afetivas e de desamor, haveria, então, a possibilidade de indenização por abandono moral se demonstrar efetivamente que a ausência do suporte do cônjuge causou danos na esfera psicológica da vítima direta: **“qualquer coisa já me deixava magoada, triste, desamparada, porque eu era adolescente, tinha por volta de dezessete anos”** (Carneiro, 2014, p. 228, Excerto 67) .

A prerrogativa da resolução do enlace afetivo em diversos pontos referentes às leis, reforça a matriz de trocas econômicas, o que sugere a necessidade de resgatar o valor da afetividade (ou do amor) em questões judiciais, já que as diversas formas de violência conjugal são pertinentes à dignidade da pessoa humana, dada a importância do caráter afetivo na construção da pessoa, com fim em si mesma, por uma análise multifocal de construção identitária da mulher na situação de violência conjugal, de gênero e doméstica. Nesse sentido, Kövecses (2002, p. 193, tradução nossa) com base nos estudos de Stearns (1994) traça uma análise sobre o amor nas relações conjugais:

A racionalidade era enfatizada em todas as esferas da vida, possivelmente devido à influência dos negócios e da organização racional de grandes corporações. Em 1936, os manuais de casamento enfatizavam a ideia de “arranjos racionais e cooperativos entre homens e mulheres. Ideais elevados e espiritualidade estavam amplamente ausentes. Companheirismo, não intensidade emocional, era o objetivo” (pp. 175–176). E depois da década de 1960, os relacionamentos eram considerados “arranjos de troca nos quais parceiros sensatos garantiriam que nenhum grande auto-sacrifício estivesse envolvido (p. 180).”⁷

Ainda pelo viés da deflagração de ramificações da violência, os traumas podem causar um grave aumento da tentativa de homicídios e de suicídios, assim, a autocondenação e o desprezo pessoal, tornam-se danos emocionais, muitas vezes permanentes. A Lei nº 14.188/21 adicionou ao Código Penal brasileiro o crime de violência psicológica contra a mulher, tendo sua previsão no artigo 147-B:

147-B. Causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação.
Pena — reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave (Brasil, 2021, p. 1).

Apesar de essa modalidade de violência estar contemplada na Lei Maria da Penha, no artigo 7º, inciso II, antes da entrada da Lei nº 11.188/2021 no ordenamento jurídico brasileiro, não havia um tipo penal que equivalesse ao crime de violência psicológica contra a mulher, ainda com inúmeros tabus referentes à violência psicológica e verbal, considerava-se contraditória a inclusão expressa dessa modalidade em uma das leis brasileiras de maior conhecimento e relevância, que a define como uma violação dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, não configura necessariamente um ilícito penal.

Desde a Lei Maria da Penha, a violência doméstica passou a ser qualificada como uma das formas de violação aos direitos humanos, com isso, os crimes relacionados a ela passaram a ser julgados em Varas Criminais, até que sejam instituídos os juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher nos estados.

Quanto à extensão da Lei Maria da Penha, ela garante à vítima de violência doméstica

⁷Rationality was emphasized in all walks of life, possibly due to the influence of business and the rational organization of large corporations. By 1936, marriage manuals stressed the idea of “rational, cooperative arrangements between men and women. Soaring ideals and spirituality were largely absent. Companionship, not emotional intensity, was the goal” (pp. 175–176). And after the 1960s, relationships were regarded as “exchange arrangements in which sensible partners would make sure that no great self-sacrifice was involved (p. 180)” (Kövecses, 2002, p. 193).

e familiar o direito à manutenção do vínculo trabalhista por até seis meses. Em caso de necessidade de afastamento e tratamento, as vítimas também possuem prioridade para matricular seus dependentes em instituição de educação básica mais próxima de seu domicílio, mediante a apresentação dos documentos comprobatórios do registro da ocorrência policial ou do processo de violência doméstica e familiar. A agressão ao gênero feminino, ainda que seja um problema grave, tornou-se algo tão comum que, na maioria das vezes, é vista como apenas mais um número nas estatísticas.

2.3 O combate ao ciclo de violência: seccionando as políticas públicas

Então, isso foi uma coisa, é uma coisa que... que eu tô tentando vencer todos os dias
(Damacena, 2021, p.282).

Dentre os vários tipos de violência citados na leitura anterior, percebemos a urgência em dimensões sociais para o combate a este ciclo, é preciso todo um sistema que envolve redes de amparo e leis mais punitivas, além de campanhas que visem à conscientização. Nesse sentido, o governo do Maranhão lançou campanhas como o Agosto Lilás para fortalecer a rede estadual, levando informação para as mulheres. O Governo do Maranhão também dispões de diversos programas e serviços:

- A Casa da Mulher Brasileira, que funciona 24 horas por dia, sete dias por semana, atendendo mulheres em situação de violência na Região Metropolitana de São Luís, oferecendo acolhimento e atendimento especializado;
- As Casas da Mulher Maranhense em Imperatriz e Caxias, que também oferecem acolhimento e atendimento especializado às mulheres em situação de violência. Uma nova unidade será entregue em breve no município de Itapecuru;
- Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAMs) em várias cidades do estado, com profissionais capacitados para lidar com casos de violência doméstica;
- O programa Aluguel Social Maria da Penha, que possibilita que mulheres vítimas de violência e vulnerabilidade social, com medidas protetivas, recebam auxílio financeiro do governo para custear o aluguel de uma nova moradia;
- O aplicativo Salve Maria Maranhão, que permite às mulheres reportarem casos de violência diretamente às autoridades competentes;
- A Patrulha Maria da Penha, com equipes especializadas que realizam visitas periódicas às mulheres com medidas protetivas;
- O Centro Estadual de Referência da Mulher Negra - Ana Silvia Cantanhede, voltado para o atendimento e apoio às mulheres negras em situação de vulnerabilidade (Governo do Maranhão, 2024).

A visibilidade dada para a violência doméstica contra a mulher demonstra que, mesmo

com os avanços trazidos pela legislação, a temática continua sendo foco de um grande debate nacional e exige mais que apenas serviços e programas que atendam a vítima direta após a violência, trata-se de uma desconstrução profundamente enraizada em estereótipos que naturalizam diversos discursos de ódio, sendo um fenômeno mundial em níveis pandêmicos, no qual a melhor forma de prevenção certamente está na educação.

De acordo com o artigo 3º da Lei Maria da Penha:

Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2006).

O acesso à educação formal contribui para a emancipação da mulher, seja em caráter de inserção no mercado de trabalho, autoconhecimento, independência financeira, profissional e intelectual. Assim, tais experiências contribuem para o rompimento do ciclo de violência e para a prevenção ao estado de submissão proposto pela desvalorização pessoal na relação conjugal no contexto de violência.

O programa de aceleração de estudos com a Educação de Jovens e Adultos, em grande parte, acontece no período noturno, onde mães, pais, trabalhadores e trabalhadoras buscam estudar para melhorar as suas vidas. A proibição do homem à mulher de buscar o saber é, também, a negação de melhorar a condição socioeconômica e sair do ciclo de violência. A educação, seja qual for a modalidade, é fundamental para que a pessoa saia da caverna da ausência de conhecimento.

A educação formal ainda é considerada pelas mulheres como forma de libertação dos processos de violência que as assolam; portanto, há uma urgência inerente ao conhecimento educacional que permite ao ser humano reconhecer-se como cidadão e exercer seus direitos e deveres como tal. Em consonância com o exposto, algumas sequências discursivas também apresentam a regularidade da emancipação do saber-poder e da dependência financeira. Vale ressaltar que a educação não implica necessariamente a resolução do problema, mas é um dos fatores de risco associados à violência contra a mulher. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, alguns dos fatores incluem:

níveis mais baixos de educação (perpetração de violência sexual e experiência de violência sexual); histórico de exposição a maus-tratos infantis (perpetração e experiência); testemunho de violência familiar (perpetração e experiência); transtorno de personalidade antissocial (perpetração); uso prejudicial de álcool (perpetração e

experiência); comportamentos masculinos prejudiciais, incluindo ter múltiplos parceiros ou atitudes que toleram a violência (perpetração); normas comunitárias que privilegiam ou atribuem status mais alto aos homens e status mais baixo às mulheres; baixos níveis de acesso das mulheres ao emprego remunerado; e baixo nível de igualdade de gênero (leis discriminatórias, etc.). Fatores especificamente associados à violência do parceiro íntimo incluem: histórico anterior de exposição à violência; discórdia e insatisfação conjugal; dificuldades de comunicação entre parceiros; e comportamentos controladores masculinos em relação às suas parceiras. Fatores especificamente associados à perpetração de violência sexual incluem: crenças na honra da família e pureza sexual; ideologias de direito sexual masculino; e sanções legais fracas para violência sexual. A desigualdade de gênero e as normas sobre a aceitabilidade da violência contra as mulheres são uma causa fundamental da violência contra as mulheres (Organização Mundial da Saúde, 2024, tradução nossa)⁸.

As relações entre homens e mulheres são de caráter político, ou seja, a relação é atravessada pelo poder que demonstra, através das relações de gênero inerentes ao sistema patriarcal, uma imanência da ‘coisificação da mulher’, em que ela se torna objeto do homem. A necessidade de um sistema educacional voltado para a igualdade de gênero torna-se uma urgência no reconhecimento das desigualdades e rompimento precoce do sentimento de posse, da afirmação da cidadania e da noção sobre limites sociais e éticos. Eis, portanto, o dever social da escola e do trabalho docente.

A título de conscientização escolar da realidade da violência doméstica, foi sancionada a Lei nº. 14.164/2021 que mobiliza um mecanismo de prevenção à violência contra a mulher no âmbito escolar e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, alterando, assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A Lei recém-publicada tem uma importância muito significativa para a conscientização das futuras gerações sobre os impactos e consequências da violência contra a mulher em nossa sociedade. Nós, do Governo Federal, acreditamos que por meio da educação conseguiremos transformar a realidade de violência em respeito”, afirma a secretária nacional de políticas para as mulheres (Brasil, 2021).

⁸lower levels of education (perpetration of sexual violence and experience of sexual violence); a history of exposure to child maltreatment (perpetration and experience); witnessing family violence (perpetration and experience); antisocial personality disorder (perpetration); harmful use of alcohol (perpetration and experience); harmful masculine behaviours, including having multiple partners or attitudes that condone violence (perpetration); community norms that privilege or ascribe higher status to men and lower status to women; low levels of women’s access to paid employment; and low level of gender equality (discriminatory laws, etc.). Factors specifically associated with intimate partner violence include: past history of exposure to violence; marital discord and dissatisfaction; difficulties in communicating between partners; and male controlling behaviours towards their partners. Factors specifically associated with sexual violence perpetration include: beliefs in family honour and sexual purity; ideologies of male sexual entitlement; and weak legal sanctions for sexual violence. Gender inequality and norms on the acceptability of violence against women are a root cause of violence against women (World Health Organization, 2024).

O acesso ao conhecimento é uma via eficaz para combater quaisquer tipos de violência, sua consequência é a formação de um sujeito mais consciente de seus direitos morais, sua posição social e identidade, favorecendo o processo de empoderamento feminino.

Outro fator que possui grande impacto nas questões de violência doméstica e conjugal é o papel dos discursos religiosos, especialmente em uma sociedade predominantemente cristã, em que a posição de poder ocupada pela Igreja, culturalmente, é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que há o discurso de repressão à violência, há, de forma deturpada, uma instância de dominação masculina que manipula as relações afetivas e insere a mulher em condição de violência doméstica à repressão por meio do sofrimento em silêncio que leva à exaltação.

Os valores religiosos atuam fortemente no campo do simbólico e subjetivo, popularmente, a igreja é considerada como um reduto de paz, busca da elevação espiritual e a condução nos caminhos que levam à salvação. A igreja é, também, um ponto de socialização entre os seus participantes. As mulheres e os homens devem seguir atitudes que condizem com o que a bíblia emprega, seguindo, portanto, um modelo culturalmente idealizado de casamento. Entretanto, em uma sociedade patriarcal, a manipulação do discurso religioso em favor do sujeito masculino leva à deturpação da instituição dos papéis na relação conjugal, afinal, “uma mulher sábia edifica o seu lar”. São por enunciados como esse, utilizados sem a devida contextualização, que mulheres sofrem anos de violência doméstica e continuam em relacionamentos abusivos esperando o arrependimento do parceiro: **“Que eu tinha que esperar em Deus, que Deus ia fazer uma obra nele e que ele ia deixar de ser violento. Mas que deixar dele não seria a solução. Que eu era a responsável pela alma dele. Se eu abandonasse ele eu seria cobrada por Deus por ter abandonado ele se acontecesse alguma coisa com ele”** (Damacena, 2021, p. 139-140, Sdr 17).

O discurso religioso muitas vezes reforça a dificuldade de percepção das mulheres de sair de relacionamentos não saudáveis e, em alguns casos, a igreja é a instituição de saber-poder simbólico que está mais acessível a essa mulher em condição de violência. Nesse sentido, de acordo com Souza (2009, p. 48) “A casa, lugar intocável pelo Estado e pela sociedade circundante, deixou-se tocar pela religião, que durante anos a fio conseguiu uma ascendência sobre o lar que nenhuma outra instituição social alcançou, além da própria instituição familiar” .

A quantidade ainda inadequada de Centros Específicos de atenção à mulher antes da denúncia favorece a busca de apoio e atendimento em instituições de mais fácil acesso como

as igrejas, mas a realidade é que cabe ao Estado garantir políticas de apoio, projetos de orientação e prevenção, assim como a disseminação de informações suficientes para auxiliar na tomada de decisão da mulher em casos de violência doméstica, regulamentação que ainda se mostra como um mecanismo falho, por ser insuficiente a estrutura existente para fazer frente ao registro cada vez maior de ocorrências de violência doméstica contra a mulher. Quanto à importância da instituição religiosa para o combate à violência doméstica, Souza (2018, p. 215) ressalta:

O privilégio do acesso à casa faz da igreja uma importante instituição no enfrentamento à violência contra elas, mas os investimentos nesse sentido por parte do poder público e das próprias instituições religiosas ainda são poucos e dispersos, e têm a ver com ações individuais de lideranças religiosas.

Nesse sentido, Souza (2018, p. 214) sugeriu que “a capacitação de lideranças religiosas para o diálogo com homens autores de violência doméstica pode ser uma importante estratégia de ação do poder público.”

A religião possui forte influência na formação do modelo familiar e na relação dos papéis de marido e mulher; portanto, os valores hierárquicos propostos pela religião impõem um paradoxo em relação ao enfrentamento da violência doméstica, a saber: contribuem em parte com a conservação do relacionamento abusivo à medida que preserva a cultura do silêncio como exaltação, além disso, auxiliam no enfrentamento à violência por possuir certa liberdade de atuação na esfera familiar e no ambiente da casa, espaço esse que muitas vezes é o cativeiro da própria vítima.

2.4 As Casas de Apoio

Eu acho que a sociedade não tem estrutura pra cuidar de uma pessoa que passou por um estupro coletivo, que passou por um tipo de violência é... tão impactante como o que eu, o que eu passei (Damascena, 2021, p. 282).

As Casas de Apoio para mulheres vítimas de violência doméstica atuam na conscientização das mulheres que têm dificuldades em romper com o ciclo de violência doméstica devido à falta de informação e orientação. As instituições que prestam esse serviço visam atender às necessidades de cada vítima, pois não há um processo padrão e uniforme de

ação. O acesso a esses atendimentos no espaço das comunidades é de vital importância, pois faz parte das políticas públicas no interesse de erradicar e dar suporte ao problema da violência.

Sem a pretensão de uma política social que consiga dar conta da dimensão expansiva da violência doméstica, as Casas de Apoio necessitam de uma rede de organizações que proponham atendimentos personalizados em escala macro para aliviar o fenômeno da violência doméstica em si.

O acolhimento e auxílio, em muitos casos, são solicitados após uma imensa batalha pessoal de coragem para a denúncia dos atos ocorridos. Em alguns casos de violência, por exemplo, aquela mulher em especial não é a única afetada, mas todos que fazem parte da família, os amigos, os filhos e todas as demais pessoas, a violência é passada a outro membro e, com isso, a dimensão do medo é ainda maior.

O ambiente disponibilizado pelas Casas de Apoio fornece uma rede de apoio que faz a mulher se sentir fortalecida e protegida para dar continuidade na quebra do ciclo de violência. Portanto, a importância de alguns relatos serem de mulheres que encontraram abrigo nas Casas de Apoio remete ao sentimento de superação e sororidade. A iniciativa dos abrigos não apenas ajuda a inserir essas vítimas no meio social, mas também promove tratamentos psicológicos e reuniões com outras mulheres vítimas.

Os recortes analisados nesta dissertação fazem parte da coleta de dados feita por Carneiro (2014) na Casa Abrigo de São Luís, instituição diretamente vinculada à Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação da Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão e dos recortes feitos na entrevista publicada na tese de Damacena (2021); portanto, foram selecionadas seis colaboradoras para a entrevista feita por Carneiro (2014) e três colaboradoras na entrevista feita por Damacena (2021). As entrevistas foram realizadas pelas autoras na casa abrigo em que as colaboradoras se encontravam, longe do ambiente de violência em que a mulher é tomada pelo silenciamento.

Os efeitos das inscrições de memória nos novos discursos feministas funcionam como lugar de acesso à possibilidade dos novos sentidos. Reforçamos que algumas mulheres que encontraram a Casa Abrigo mostram indícios de reconstrução da própria vida e do sentido de amor-próprio, um amor que antes não conheciam ou não lhe era de direito exercer no relacionamento.

Em São Luís (MA), temos a Casa Abrigo, sobre ela:

acolhe e presta atendimento integral às mulheres (e seus dependentes) vítimas de violência doméstica e familiar no Maranhão sob ameaça de morte e também seus filhos. As informações do local ficam sob sigilo, e o encaminhamento é realizado por meio da rede de atendimento à mulher em situação de violência - como delegacias da mulher, vara da mulher, centros de referência, e Casa da Mulher Brasileira de São Luís. O serviço existe desde 1999 e foi inaugurado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (TJ-MA) atua em parceria com órgãos públicos, serviços e programas estaduais e municipais, zelando pela integridade física e psicológica das vítimas maranhenses. Além de atendimento psicossocial e de saúde, a Casa oferece ainda a capacitação profissional como forma de promover a geração de trabalho e renda (Plataforma Mulher Segura, 2022).

Sobre a Casa da Mulher Brasileira, também localizada na cidade de São Luís:

centraliza em um único espaço diversos serviços de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. A instalação conta com a Delegacia Especial da Mulher 24h, Departamento de Feminicídio, Coordenadoria das Delegacias da Mulher do Maranhão, Defensoria Pública, Alojamento de Passagem (com atuação das agentes da Guarda Municipal), 2ª Vara Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher de São Luís, Ministério Público, Patrulha Maria da Penha, Centro de Referência em Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAMSV) e Biblioteca Maria da Penha (Secretaria de Estado da Mulher, 2023).

As dependências de acolhimento para as vítimas em situação de violência doméstica devem sempre oferecer atividades que desenvolvam o empoderamento feminino, já que algumas noções relativas à violência de gênero, remetem à imagem de uma mulher frágil: fisicamente, socialmente, intelectualmente, psicologicamente e emocionalmente. A mulher assume como verdade aquilo que o agressor lhe diz, ainda que se trate de agressões que visem a desestabilizá-la moralmente/psicologicamente. Isso se justifica porque a crença na legitimidade das palavras e em quem as pronuncia foi reproduzida culturalmente a ponto de tornar-se natural e, portanto, facilmente assimilada pela agredida: **“Que eu era culpada. Que tudo que... se eu apanhava, a culpada era eu. E ele botava aquilo na minha cabeça e de tanto ele botar era aquilo que eu achava. ‘Ah, mas se eu não tivesse feito de repente ele não ia bater em mim [...]’”** (Damacena, 2021, p.155, Sdr 34).

A ameaça psicológica é também lugar de espaço atribuído à capacidade física da figura masculina e que submete a fragilidade feminina ao medo. Em *Vigiar e Punir*, Foucault considera que a punição física, a tortura e a morte são aspectos de punição ao corpo físico, ressaltando que existem outras formas de punição que passam a ser mais legitimadas já que o estado deixou de legitimar a tortura física e passou a torturar a mente, com ameaças e encarceramento. Assim como o estado, o homem exerce o seu poder sob a mulher na justificativa da maior força física e pelo abalo emocional, em outro ponto base da estrutura do

discurso violento, a figura masculina faz um resgate à questão familiar da mulher, isolando-a do contato com outros.

No ambiente das casas de abrigo, a mudança de posicionamento adotada pela vítima é afirmada pelas conquistas sociais femininas que colocam a figura feminina em aceitação com sua nova identidade e que incentivam a formação discursiva de amor-próprio como um paralelo ao amor conjugal que ocupava a instância superior na aceitação pessoal.

Desde o surgimento das primeiras ativistas do feminismo no final do século XIX, denominadas As Sufragistas, que lutavam pelos direitos políticos, sociais e jurídicos, em especial o direito ao voto, a partir dos anos 1960, o movimento feminista trava um importante embate que busca ressignificar o ambiente privado. Assim, Pinto (2010, p. 16) assinala que:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

O âmbito privado da esfera familiar passa a ser de importância pública e não mais restrito ao interior do domicílio, a legitimidade da violência doméstica começa a ganhar espaço e envolve os direitos humanos das mulheres, nesse sentido, a violência doméstica torna-se um problema político e de saúde pública pertinente ao Estado, que passa a fomentar mecanismos para preservar a vida das mulheres. Algumas questões referentes à condição de ser mulher (expectativas, papéis, conquistas) ainda são firmemente debatidas e levadas a público.

Ao ter acesso à informação, ou melhor, ao saber, a posição-sujeito muda: antes a mulher vítima direta de violência ocupava a posição-sujeito de submissão, agora, ao conhecer uma nova perspectiva de vida baseada no campo de saber do feminismo, a mulher passa a ocupar a posição-sujeito resistência por meio do empoderamento (fortalecimento) feminino individual e coletivo. Nesse aspecto, as noções de empoderamento feminino refletem em toda a sociedade por sua contribuição no “ganho de poder”, garantindo à comunidade feminina voz e representação política, aumentando a eficácia do exercício de cidadania, trazendo maior habilidade de agir e causar mudanças no relacionamento.

Sobre o empoderamento, Friedmann (1996) aponta três tipos de empoderamentos voltados especialmente a mulheres em situação de violência: o social, o político e o psicológico, no qual o empoderamento social pauta seus interesses no acesso ao

conhecimento, participação em organizações sociais e acesso a recursos financeiros; o empoderamento político refere-se à tomada de decisões em âmbito coletivo e o empoderamento psicológico reflete a capacidade de tomada de decisões individuais pautadas em comportamentos de autoconfiança e autoestima. Portanto, os pressupostos do empoderamento, o auxílio das Casas Abrigo, o desenvolvimento educacional e o auxílio de instituições de poder simbólico, tornam-se fortes aliados para auxiliar na quebra do ciclo de violência.

Com o intuito de cumprir o rigor metodológico da pesquisa qualitativa fundamentada na profundidade subjetiva e não neutralidade da pesquisa social, na seção a seguir traremos a Análise de Conteúdo a partir de Decisões Judiciais para conferir à interpretação pessoal por parte desta pesquisadora, com relação à percepção dos dados, a abordagem crítica e sistemática necessária à coerência com a fundamentação teórica e contextualização.

2.5 Análise de Conteúdo a partir de Decisões Judiciais

A inserção da análise de conteúdo nesta pesquisa baseia-se na pretensão de esclarecer a análise sistemática e objetiva do fenômeno da violência doméstica e conjugal, com base em decisões judiciais, clareando a interpretação adotada dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa. Nesse sentido, supõe-se que: o silenciamento e a desqualificação do discurso da vítima direta caracteriza-se como violência simbólica de gênero e que, atualmente, se pode ver a violência doméstica com um olhar heterogêneo e multifacetado, no qual, estatisticamente, a maior prejudicada é a mulher.

Partindo dessa concepção ideológica que permeia o corpus, traremos 2 decisões judiciais que ajudam a identificar padrões que ajudam a decodificar a inferência estabelecida para os fins desta pesquisa, com base em relatos judiciais, observando como essas decisões refletem as normas, valores e políticas sociais no tocante às formas de violência doméstica.

A análise de conteúdo permitirá a interpretação sistemática e objetiva de dados textuais, como decisões judiciais, para identificar padrões e temas relevantes. No contexto da violência doméstica, a análise de conteúdo nas decisões judiciais pode fornecer evidências concretas sobre as diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres e a resposta do sistema judiciário a esses casos.

Para esta análise, foram selecionadas decisões judiciais de casos de violência

doméstica julgados em 2017 (recorrido em 2020) e em 2025. A análise revelou a resposta do sistema judiciário a temas como “Defesa da honra” e o princípio fundamental do Direito Processual Penal brasileiro “*In dubio pro reo*”. As decisões também destacam a controvérsia da justificativa para a violência e a dificuldade da aplicação da lei em casos de violência doméstica que são, em princípio, complexos de analisar.

Em relação ao caráter histórico e cronológico de tais observações, reservamos uma decisão judicial de 2017 (recorrida em 2020), antes da implementação do **“Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero (2021)”** do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), e outro de 2025, após a implementação do protocolo.

A subseção a seguir reflete nos dados analisados nesta pesquisa por identificar que, mesmo com o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero, as entrelinhas jurídicas ainda podem favorecer a dificuldade da decisão judicial em favor da vítima. Nesse sentido, os dados selecionados nesta dissertação referem-se aos anos de 2014 e 2021, antes da consolidação de tal Protocolo e demonstram a dificuldade da vítima em quebrar o ciclo de violência, o que segue em diversos casos após a implementação do Protocolo: “É possível que o estupro tenha acontecido e que a vítima tenha mentido em audiência para proteger o réu, preservando o relacionamento após sua reconciliação. Mas o acórdão recorrido não indica nenhuma prova para justificar essa conclusão” (Vital, 2025).

2.5.1 Contextualização do Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero

O CNJ publicou, em 2021, o “Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero”, visando orientar magistrados a julgar com atenção às desigualdades de gênero e avançar nas políticas de equidade. O documento sugere que as decisões judiciais sejam livres de preconceitos e estereótipos de gênero prejudiciais, promovendo uma justiça mais equitativa.

2.5.2 Exemplos de Decisões Judiciais

Antes da adoção formal do protocolo, algumas decisões judiciais no Brasil refletiam estereótipos de gênero que minimizavam a gravidade da violência doméstica ou

responsabilizavam as vítimas. A seguir, apresentamos um exemplo de decisão judicial que ilustra essa problemática e outro que demonstra a persistente dificuldade da decisão judicial em favor da vítima, especialmente por estar relacionado à dificuldade da quebra do ciclo de violência por parte da mulher, para preservar “o relacionamento após sua reconciliação”:

1) Caso: Defesa da Honra (2017)

Imagem 5: 'Defesa da honra': STF acata absolvição de homem que esfaqueou ex em Minas

A Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) manteve em votação ocorrida nessa terça (29) a **absolvição** de um homem que confessou ter tentado matar a ex a facadas em maio de 2016 em Nova Era, no Vale do Aço. A motivação do crime foi uma suspeita de traição. Ela sobreviveu ao **ataque**.

"Desferi três facadas na minha ex, pois vi várias conversas amorosas no celular dela. Sou trabalhador e não posso aceitar de forma alguma uma situação humilhante dessas", disse ao policial que o prendeu após as agressões, segundo consta do **depoimento** do agente à Justiça. O agressor permaneceu detido até o julgamento.

Fonte: Portal de notícias Estadão Conteúdo (2020).

No caso, julgado em 2017, a defesa do agressor alega ‘Legítima Defesa da Honra’ e manteve o apoio do júri popular, após argumento sustentado por José Ramos Guedes: “**Ela era a mulher dele e estava fazendo sacanagem com ele. Não tinha necessidade de fazer isso. Mas fez, o que é que vai fazer? Mas ela fez um curativo no hospital e foi embora para casa. É uma história entre marido e mulher**” (Estadão Conteúdo, 2020).

Análise: O Supremo Tribunal Federal (STF), mesmo após entendimento estabelecido no Tribunal de Justiça de Minas Gerais e no Supremo Tribunal de Justiça, que contrariavam a absolvição do réu, resolveu manter o resultado anterior, que teve como base a “**soberania dos veredictos**”.

2) Caso: *In dubio pro reo* (2025)

Imagem 6: ‘In dubio pro reo’: Sem outras provas, crime sexual desmentido em juízo gera absolvição

Embora nos casos de crime sexual prevaleça a relevância da palavra da vítima, a existência de duas versões, sem outras provas efetivas da prática do estupro, faz com que exista dúvida razoável a recomendar a absolvição do réu.

Marcello Casal Jr./Agência Brasil



Crime sexual foi denunciado com base apenas na palavra da vítima

Com esse entendimento, a 5ª Turma do Superior Tribunal de Justiça concedeu Habeas Corpus de ofício para absolver um homem que foi acusado de estupro e condenado à pena oito anos e dois meses de reclusão.

A acusação foi feita pela companheira do réu, na mesma

Fonte: Portal de Notícias Consultor Jurídico (2025)

No caso acima, a dificuldade de estabelecer provas consideradas suficientes e a mudança do relato da vítima, resultou na absolvição do réu, em primeiro grau, mas condenação por parte do Tribunal de Justiça do Paraná. Em argumento, o magistrado afirma: “Assim, embora prevaleça a relevância da palavra da vítima, a existência de duas versões, sem outras provas efetivas da prática do crime de estupro, impede a manutenção da condenação, devendo prevalecer o *in dubio pro reo* (na dúvida, em favor do réu).”

Há, ainda, a percepção de que, por se tratar de um caso de violência doméstica de teor sexual, a vítima possa ter mudado o depoimento, afirmando que a relação sexual foi consentida, apenas para proteger o réu e manter o relacionamento após reconciliação, o que reforça, ainda mais, a necessidade de uma decisão judicial em favor da vítima, em primeira instância, e que contemple as minúcias da complexidade dos casos.

É sempre uma tarefa árdua identificar nos casos qual das versões é verdadeira, especialmente em casos de violência doméstica em que o agressor não possui antecedentes criminais e sem o registro das lesões físicas, mas a prerrogativa de *in dubio pro reo*, deve considerar especificidades como medo, intimidação e manipulação psicológica através da possibilidade de reconciliação, nesse sentido, a justiça deverá ter um cuidado ainda maior para não perpetuar a cultura da impunidade.

2.5.3 Importância da Perspectiva de Gênero nas Decisões Judiciais

A adoção do "Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero" busca corrigir essas distorções, orientando os magistrados a:

- **Reconhecer e evitar estereótipos de gênero:** Assegurando que preconceitos não influenciem a interpretação dos fatos e a aplicação da lei.
- **Garantir proteção adequada às vítimas:** Oferecendo suporte durante o processo judicial e evitando a revitimização.
- **Promover a igualdade de gênero:** Contribuindo para a transformação das estruturas sociais que perpetuam a violência contra a mulher.

Os resultados corroboram a literatura existente sobre a multicausalidade da violência doméstica e a necessidade de uma abordagem integrada para o seu combate. As decisões judiciais analisadas evidenciam a complexidade dos casos de violência doméstica e a importância de um sistema judiciário sensível e eficaz na proteção das vítimas.

Essa inserção fornece uma compreensão mais profunda de como as metáforas do amor e os estereótipos de gênero influenciam não apenas a percepção das vítimas, mas também as respostas institucionais à violência doméstica, nesse aspecto, essa seção nos permite base empírica sólida para as discussões sobre violência doméstica, destacando a importância das decisões judiciais na comprovação e combate a essas violências.

Partindo das definições de violência, dos mecanismos propulsores para a quebra do ciclo da violência doméstica e da análise de conteúdo proposta nesta seção, voltamos aos fenômenos de caráter emocional que reverberam na pesquisa no aspecto da interação social das vítimas e, nesse sentido, retomamos às contribuições de áreas do conhecimento como a psicologia, neurociência e a própria linguística, dentre outras, para tecermos as considerações sobre as concepções de amor que permeiam a cognição humana e como estas relações influenciam a criação de metáforas, visto o caráter inter-trans-multidisciplinar que o estudo metafórico propõe, já que a matriz epistemológica desta pesquisa que se insere no âmbito da LC que, por vezes, dialoga de maneira ampla com outras abordagens das ciências cognitivas.

3 AS CONCEPÇÕES DE AMOR

Buscamos, nesta pesquisa, não só elucidar questões relacionadas à violência doméstica contra a mulher, mas também contribuir para os estudos linguísticos, buscando, em outras áreas, contribuições inter-trans-multidisciplinares que propiciem interfaces relevantes para o aprofundamento de nossas análises e contribuam para o aprimoramento e alcance dos resultados delas decorrentes. Nesse aspecto, a temática das concepções de amor fornece uma importante base teórica para entendermos como as vítimas diretas de violência doméstica conceituam o amor. Isso pode ser constatado, por exemplo, no modo como até certos arquétipos, tais como os de ‘amante’ e de ‘herói’, podem influenciar no entendimento que essas mulheres vítimas de violência doméstica têm de si mesmas e de seus parceiros.

A Semântica Cognitiva, assim como a Semântica Cultural, estuda a relação estabelecida entre os sentidos, a cultura na qual uma língua está inserida e a forma que esses mesmos sentidos são atribuídos historicamente e cognitivamente; portanto, partimos do pressuposto de que o amor é uma emoção universal, influenciada por impulsos biológicos, neurais, psicológicos e culturais, ou seja, o amor é um meio de comunicação simbolicamente generalizado.

Sabemos que a língua é viva e sofre mudanças e que o significado das palavras e expressões é fundamentado em conceitos e metáforas que são derivados da experiência humana e dos sentimentos, visto que cada língua tem seu próprio entendimento e temperamento, como constituintes da forma segundo a qual uma sociedade vivencia o mundo em todos os seus aspectos (sociais, políticos, religiosos, culturais etc.). Nesse sentido, evidenciamos que alguns estudiosos desenvolveram estudos comparativos sobre o amor para alcançar um melhor entendimento acerca de sua conceptualização e radialidade em relação a outras culturas, como foi enfatizado por Schröder (2004 *apud* Schröder 2008, p. 51), na sua afirmação de que, “no caso da conceptualização do amor, enquanto na Alemanha o ideal do amor romântico, que destaca a duração do amor por interligar sexualidade e amizade, é mais difundido, no Brasil, em muitos contextos, o ideal do amor apaixonado, que acentua a paixão do momento, é mais saliente.” Constatamos, assim, que, em cada cultura, seus membros se valem de diferentes recursos metafóricos, na construção de suas visões de mundo e influências culturais em geral.

A representação de padrões comportamentais simbolicamente presentes no discurso é uma prática social antiga que se ancora na mitologia e se faz presente em diversas culturas. É

importante realçarmos a influência que os mitos gregos exerceram na formação de grande parte da cultura ocidental, tanto pela relevância da contribuição do pensamento grego para o mundo a partir da Antiguidade quanto como esses arquétipos sociais se revelavam, simbolizando atributos psicológicos comuns da humanidade como fragmentos ou elementos constitutivos da consciência.

Tais elementos presentes no já aludido entendimento patriarcal já eram percebidos desde a sua origem, já que muitos deuses mitológicos se comportavam como criaturas humanas em seus desejos e anseios. Arquétipos, portanto, em mitos e religiões, definem, aparentemente, muitas verdades sobre a condição humana desde o início dos tempos.

De acordo com Peterson (1999, p. 593):

O mito veio para encapsular e expressar a natureza essencial da psique exploratória, criativa, comunicativa, conforme manifesta no comportamento, como consequência da observação e representação desse comportamento, na maneira temporalmente resumida, historicamente determinada, começando com imitação e terminando com abstração verbal.

Em uma visão mais ampla, os domínios experienciais são baseados em uma constituição de ‘Ordem’ e ‘Caos’ que se faz necessária para o equilíbrio social humano, razão pela qual nossa perspectiva é influenciada cognitivamente por meio da construção catártica de ensinamento ético muito utilizada em dramas e tragédias gregas (a história do personagem Hércules, por exemplo) e que influencia valores da religião cristã (tais como: sofrer para pagar a penitência de seus pecados) e a literatura (como no romantismo e na jornada do herói). Peterson (1999, p. 65) ressalta:

Portanto, os domínios experimentais que habitamos – nossos “ambientes”, por assim dizer – são permanentemente caracterizados pelo previsível e controlável em justaposição ao imprevisível e incontrolável. O universo é composto de “ordem” e “caos” – pelo menos a partir da perspectiva metafórica. Contudo, é estranho que foi a esse universo “metafórico” que nosso sistema nervoso parece ter se adaptado.

De acordo com o autor, percebemos a estreita relação entre padrões comportamentais, elementos psicológicos e a adaptação à própria realidade, também constatando que ele ressalta a importância da metáfora em nosso sistema conceitual e a importância da cultura e de suas manifestações no aparato psicológico, emocional e ético, já que:

os processos de adaptação revolucionária, encenados e representados, estão na base

de diversos fenômenos culturais que vão dos ritos de iniciação “primitiva” às concepções de sistemas religiosos sofisticados. De fato, nossas culturas são erguidas sobre o alicerce de uma única grande história: paraíso, encontro com o caos, queda e redenção (Peterson, 1999, p. 78).

Para Peterson (1999, p. 168):

O inconsciente então poderá ser considerado como o mediador entre o desconhecido, o qual nos cerca constantemente, e o domínio que nos é tão familiar que seu conteúdo tem se tornado explícito. Eu diria que esse mediador são aqueles processos metafóricos, imagéticos, dependentes da atividade límbico-motivada do hemisfério direito que nos ajuda inicialmente a formular nossas histórias.

A respeito das contribuições da cultura grega para a cultura ocidental e, portanto, no que concerne às concepções do amor, destacaremos, a priori, três dessas concepções, a saber: Eros, Philia e Ágape, sendo as duas primeiras (Eros e Philia) caracterizadas, respectivamente, com ancoragem nas reflexões de Platão e Aristóteles, para sua melhor compreensão; enquanto recorreremos ao contexto cristão para entender o modelo de amor Ágape. É importante ressaltar que os arquétipos apresentados em narrativas e mitos na cultura grega não só influenciaram a concepção do amor na cultura ocidental, mas também continuam a auxiliar na compreensão da psique humana e fundamentam muitas das metáforas que aparecem nos dados.

3.1 Eros, Philia e Ágape

O conceito do Amor Eros, na sua versão ancorada na mitologia grega, forma essa conhecida até hoje por meio do senso comum, atravessa vários séculos e é percebido como uma força que unifica e harmoniza. O amor (Eros) como UNIÃO DE DUAS PARTES, metáfora que perpetuou o imaginário do inconsciente coletivo, já era apresentado e ensinado, desde a Grécia Antiga, por meio da mitologia⁹. O mito antropogônico proposto na obra *O Banquete*, de Platão, além de pedagógico e até religioso, sobreleva a noção de totalidade una e perfeita para o amor em seu estado original, enfatizando a saudade presente na manifestação do amor como um empenho em restabelecer a completude humana.

A origem do deus Eros é ainda bastante complexa, pois, no diálogo proposto pela obra, se há duas Afrodites, existem, portanto, dois Eros, pensamento que levaria a uma subdivisão

⁹ Mito de Aristófanes, presente na obra *O Banquete* de Platão (380 a.C) é considerada uma obra-prima da filosofia ocidental e incita o amor metafísico e platônico.

do amor Eros com características distintas entre esses polos: o celeste e o pandêmico, vulgar. Há, portanto, uma cosmovisão que é sustentada pelo mito como uma imagem arquetípica do Amor Complemento que permeia o ideal de perfeição. Kövecses (2000, p. 12, tradução nossa) leciona que:

A linguagem emocional não será vista como uma coleção de palavras literais que categorizam e se referem a uma realidade emocional preexistente, mas como uma linguagem que pode ser figurativa e que pode definir e até mesmo criar experiências emocionais para nós.¹⁰

O Amor Eros como UNIÃO DE DUAS PARTES, assim como indícios já preexistentes nas características dos dois tipos de Amor Eros disseminados pela cultura grega, com fortes influências na cultura ocidental, apresenta algumas subdivisões ao longo do tempo, marcando diferentes épocas por meio de estereótipos, tais como: o Amor Cortês (entre os séculos XI e XIV), que envolve a sua aprovação pela sociedade; o Amor Romântico (em meados da década de 30 do século XIX), que rompe com as convenções existentes; e, por fim, o Amor Realista (no século XX) cujos fatores históricos e sociais contribuem para uma análise crítica da sociedade, dos fatos e de algumas idealizações do sentimento.

Com a chegada do século XX um período de sociedade muito mais racional, as concepções do amor afastam-se das noções de amor ideal e aproximam-se de um amor típico, no qual a relação não mais corresponde diretamente à união de duas partes, mas à busca por companheirismo ao invés de intensidade. Há uma forte tendência à identificação de metáforas de trocas econômicas nas falas daqueles envolvidos em relacionamentos amorosos nesse período, como frutos de um afrouxamento emocional.¹¹

O Amor Philia, primeiramente tratado com ancoragem nos pressupostos de Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco*, escrita por volta de 340 a.C, compartilha características próximas ao Amor Eros, como a busca por completude, mas diferente da concepção de amor pautada na diferença para a completude, o amor Philia baseia-se na afinidade, similaridade, sendo o Amor Eros um sentimento de seres imperfeitos (cuja perfeição dependia da totalidade proposta pelo ‘outro’), enquanto o Amor Philia elabora um ponto de vista sobre a dimensão ética da natureza humana, propondo um conjunto de reflexões sobre a sociabilidade, que tem

¹⁰Emotion language will not be seen as a collection of literal words that categorize and refer to a preexisting emotional reality, but as language that can be figurative and that can define and even create emotional experiences for us (Kövecses, 2000, p.12).

¹¹Sobre essa tendência a metáforas de trocas econômicas em relacionamentos, falaremos mais pontualmente no tópico correspondente.

como base a amizade que dá origem a esse amor resultante de convivência social, exemplo maior de tal representação, constatado na obra *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (1844).¹²

O Amor Philia representa uma lenta emancipação do paradigma religioso, pois o eixo paradigmático entre Criador e Criatura é substituído por elos mais fraternais (amizade) sendo uma representação do equilíbrio que se distancia do impulso cego, irresistível e vulgar do Eros, enquanto foge da abnegação (*selfless*) do amor Ágape. Na philia aristotélica, a reação comportamental de proximidade física, conceito relacionado ao Amor (*longing*) é transferida para a *friendship*, que se torna, muitas vezes, uma *partnership*: **“Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra (sic) gente andar juntos”** (Damacena, 2021, p. 162, Sdr 41). Kövecses (1986) chama de eufemismo a ligação conceitual entre Amor e Amizade, apresentando, como evidência, as palavras em língua inglesa *boyfriend* e *girlfriend*, no intuito de elucidar sua abordagem, salientando a importância da ideia de intimidade como PROXIMIDADE FÍSICA, domínio concreto presente na relação de metáforas das emoções.

O Amor Ágape, de acordo com o contexto cristão, é o amor abnegado, condensado na figura do Deus Pai, cuja comunhão revela a organização social em que os amantes veem uns aos outros, assim como Deus os vê. Trata-se, assim, do amor mártir: **“É inacreditável, mas é isso que a gente ouve hoje da igreja. Que a mulher não pode abandonar o marido mesmo apanhando. [...] O pastor disse para mim ‘A minha mãe apanhou 30 anos do meu pai, mas ela perseverou até Deus mudar ele’ ”** (Damacena, 2021, p.140, Sdr 18).

Ao contrário da distorção do Amor Ágape no discurso de alguns líderes religiosos, a Àgape revela-se nas formas de misericórdia e caridade. A Igreja Católica, nos seus ensinamentos, explicita que:

[...] o coração puro é o coração que ama, o que acontece na comunidade do serviço e da obediência com Jesus Cristo. O amor é o fogo que purifica e que une o entendimento, a vontade, o sentimento, que une o homem consigo mesmo, na medida em que o une a partir de Deus, de tal modo que ele se torna servidor da unidade dos que andam separados: é assim que o homem entra na habitação de Deus e pode vê-lo. E isto significa precisamente ser bem-aventurado (Igreja Católica, 2007, p. 96).

¹²A relação de amizade entre os personagens da obra: Athos, Porthos, Aramis e D’Artagnan, apresenta características como: lealdade, dedicação, compartilhamento de valores e apoio mútuo; sendo estas constitutivas do arquétipo de amor philia.

É importante ressaltar que há um entrelaçamento das concepções de amor ao longo dos tempos, pois a concepção de amor romântico que emergiu no século XVIII permanece ligada ao modelo religioso, já que a perfeição almejada no Romantismo só pode ser alcançada por Deus. Com base nesse entendimento, o outro é um ser tão carente e contraditório quanto nós, sendo o amor romântico uma secularização do Amor Ágape, no contexto do cristianismo.

De acordo com Kövecses (2000, p. 180, tradução nossa), há uma segunda relação entre o amor romântico e a experiência religiosa que resulta no afrouxamento emocional, sendo essa a consequência da mudança de amor ideal para amor típico:

Amor. Por fim, por que a concepção de amor mudou? Mas mesmo antes de isso acontecer, por que o amor romântico era tão intenso no período vitoriano para começar? De acordo com Stearns (1994, p. 66): “O amor maternal hipertrofiado aumentou a necessidade de forte paixão adulta para ajudar os produtos de uma educação emocionalmente intensa a se libertarem dos laços maternos.” Além disso, “na paixão intensa e espiritualizada, os casais esperavam encontrar um pouco do mesmo bálsamo para a alma que a religião outrora, como eles vagamente percebiam, havia fornecido... Mas concluíram que o amor verdadeiro era em si uma experiência religiosa” (p. 69). Agora, na esteira de laços familiares cada vez mais frouxos e da importância cada vez mais enfraquecida da religião, a intensidade do amor romântico também declinou. O amor romântico deixou de ser considerado “como a fusão espiritual de duas almas em uma.”¹³

A explicação de como as mudanças no modelo cultural causam impacto nas metáforas reforça a relevância tanto da constituição dinâmica quanto da estreita relação do fator contextual para a sua criação. Percebemos, com isso, que, com laços familiares mais frouxos e com a importância cada vez menor da religião, a intensidade do Amor Romântico também diminuiu, desse modo, o amor confluyente, permeado por negociações toma espaço, extravasando as individualidades para inserir-se no âmbito social e político do mercado dos afetos.

Sobre a relevância do estudo cultural para o interesse da metáfora, Kövecses (2000, p. 181, tradução nossa) sobrealça que:

As ferramentas conceituais de modelos culturais prototípicos e não prototípicos,

¹³Love. Finally, why did the conception of love change? But even before that happened, why was romantic love so intense in the Victorian period to begin with? According to Stearns (1994, p. 66): “Hypertrophied maternal love increased the need for strong adult passion to aid products of emotionally intense upbringing in freeing themselves from maternal ties.” In addition, “in intense, spiritualized passion, couples hoped to find some of the same balm to the soul that religion had once, as they dimly perceived, provided. . . . More concluded that true love was itself a religious experience” (p. 69). Now, in the wake of increasingly looser family ties and the ever-weakening importance of religion, the intensity of romantic love also declined. Romantic love ceased to be regarded “as the spiritual merger of two souls into one”(p. 172) (Kövecses, 2000, p. 180)

metáforas conceituais e metonímias, e contexto cultural podem ser todos colocados em trabalho útil no estudo da variação cultural de conceitos de emoção. Elas nos permitem ver com considerável clareza precisamente onde e como a variação cultural ocorre tanto transculturalmente quanto dentro de uma cultura. Além disso, dado o contexto cultural e sua influência na conceituação, podemos ver por que as mudanças ocorrem nos modelos culturais e nas metáforas conceituais.¹⁴

As concepções de amor presentes nesta seção revelam a constituição arquetípica dos modelos conjugais enraizados no inconsciente coletivo da psique humana, como uma extensa engrenagem que permeia e acompanha o modelo cultural ao qual está vinculada. Dessa forma, a seção, ao mesmo tempo em que contextualiza o tema, dialoga com os resultados das análises que serão observadas posteriormente.

3.2 O panorama cultural da metáfora de trocas econômicas

O paradigma do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, promove uma tendência contemporânea que se revela marcada pelo impacto da guerra em sua relação psicológica de causa e efeito, na qual o aparelho psíquico do ser humano precisa se reorganizar. Nesse âmbito, a linguagem especializada da psicanálise e da terapia incentivaram e organizaram o prisma das emoções e uma nova cultura de emotividade foi estabelecida.

Após a Segunda Guerra e com o sucesso da cultura terapêutica instituída para a “família”, as questões relativas às habilidades emocionais, como, por exemplo, a comunicação, chegaram ao local de trabalho, o que levou a esfera econômica a alcançar o entrelaçamento com a esfera emocional. De acordo com Eva Illouz (2007) em sua obra *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism*, a narrativa terapêutica, a influência do feminismo liberal e as normas resultantes de igualdade produziram um processo de racionalização das emoções cuja narrativa de reconhecimento e de autorrealização contribui para que seja gerado um frame de intimidade cada vez mais ditado pelas relações econômicas. A autora aborda a conexão entre a esfera pública, privada, econômica e emocional e algumas das principais evidências desse processo de capitalismo emocional, que, ainda de acordo com a autora, encontram-se na literatura de autoajuda, assim como em revistas femininas, grupos de apoio e sites de namoro

¹⁴the conceptual tools of prototypical and nonprototypical cultural models, conceptual metaphors and metonymies, and cultural context can all be put to useful work in the study of cultural variation of emotion concepts. They enable us to see with considerable clarity precisely where and how cultural variation occurs both cross culturally and within a culture. Moreover, given the cultural context and its influence on conceptualization, we can see why the changes take place in the cultural models and the conceptual metaphors (Kövecses, 2000, p. 181).

na internet. Com base nesse panorama, percebemos a forte influência dos pressupostos do mercado econômico na tendência desse mercado dos afetos como um interessante contraponto ao amor cortês e ao amor romântico que buscaram dissociar o amor do dinheiro.

A troca de valores, como é visto o amor, passa a ocupar uma hierarquia diferente no que diz respeito aos pressupostos de valor-moralidade discutido por Feltes (2018), em que os valores individuais ou coletivos embasam modelos culturais, frames e processos metafóricos. Ancorada nesse entendimento, cresce uma forte tendência hierárquica em que o amor é um valor substituível ou hierarquicamente abaixo do patamar do dinheiro, o que permite, de maneira semelhante, que seja feita a troca do amor por valores como realização pessoal, segurança e autoestima.

Na análise do panorama cultural baseado na criação de laços afetivos associados a acordos monetários, percebemos que a lógica econômica está conectada com diversas relações sociais que envolvem afeto e que, como no caso de ambas as metáforas VIDA É JORNADA e AMOR É JORNADA, a metáfora VIDA/ AMOR É UMA EMPRESA pode licenciar expressões metafóricas como as que se manifestam no excerto a seguir: **“Ninguém vive de bens materiais. Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa, aí, no final das contas, ele vai acabar me matando”** (Carneiro, 2014, p. 178, Excerto 18). Conforme essa metáfora subjacente, o indivíduo precisa organizar, sistematizar (gerenciar) a vida e o relacionamento, resultando em uma tendência denominada por Pelúcio (2022) de “uberização do amor”.

Após um breve resgate histórico e cultural sobre as concepções de amor que permeiam as metáforas de amor encontradas, resgataremos, na subseção a seguir, a importância do contexto social e das influências econômicas nos padrões de metáforas presentes nos relacionamentos. Além disso, ressaltamos que o amor também deverá ser analisado como uma emoção complexa, abordando sua constituição neuropsicológica, por meio do modelo componencial para entendermos a base das emoções e sua importância em nosso sistema perceptual e na interação humana.

3.3 O Fenômeno afetivo e sua interface

O uso cotidiano de conceitos populares para emoção e sentimento trazem à tona uma dificuldade inerente aos estudos empíricos do fenômeno afetivo, pois esbarramos na dificuldade de estabelecer limites científicos para conceituar os sentimentos e as emoções. Torna-se, portanto, imprescindível estabelecer características componenciais para as emoções,

como aborda Scherer (2005), que, em consonância com o trabalho de Hockett (1960), relaciona e descreve as características identificáveis para definir (ou delimitar) o conceito de emoção, a saber: “Foco do evento; Avaliação orientada; Sincronização de resposta; Rapidez da mudança; Impacto comportamental; Intensidade e Duração” (Scherer, 2005, p. 700-702).

Na categoria de definição Foco do evento, o autor explica que as emoções são, geralmente, precedidas de um evento que as provoca, um tipo de estímulo para a interação corpo (ação) e resposta. Esse evento pode ser natural ou social, e nele o comportamento de outras pessoas (até mesmo animais) pode ter influência em nosso bem-estar. Além disso, há situações em que o nosso próprio comportamento pode causar a emoção, como é o caso do orgulho, da culpa ou da vergonha. Isso significa que é possível que sejamos afetados por eventos internos e externos ao nosso organismo, sendo necessário esclarecer que os eventos internos têm sua origem em nosso próprio organismo:

Elas podem consistir em mudanças neuroendócrinas ou fisiológicas repentinas ou, mais tipicamente, em memórias ou imagens que podem vir à nossa mente. Essas representações lembradas ou imaginadas de eventos podem ser suficientes para gerar emoções fortes (veja também o debate entre Goldie, 2004, Parkinson, 2004, e Scherer, 2004a, neste periódico). A necessidade de as emoções estarem de alguma forma conectadas ou ancoradas em um evento específico, externo ou interno, em vez de serem flutuantes, resultantes de uma decisão estratégica ou intencional, ou existentes como uma característica permanente de um indivíduo, constitui a característica de design do foco do evento (Scherer, 2005, p. 700, tradução nossa).¹⁵

O modelo componencial da emoção explica que a avaliação orientada funciona como um processo muito rápido, processo esse que se reflete no estímulo das emoções como um tipo de detector de relevância. Tal avaliação ocorre de duas maneiras distintas: intrínseca e extrínseca, e sua distinção está relacionada com a independência das necessidades do indivíduo ou, de forma orientada “transacional”, que conduz aos desejos, necessidades e objetivos. Desse modo, faz-se necessário que “o modelo de processo componencial postula que diferentes emoções são produzidas por uma sequência de avaliações de estímulos cumulativas ou verificações de avaliação com perfis de resultados específicos da emoção (Ellsworth and Scherer, 2003; Scherer, 1984a, 1993, 2001)” (Scherer, 2005, p. 701, tradução

¹⁵These could consist of sudden neuroendocrine or physiological changes or, more typically, of memories or images that might come to our mind. These recalled or imagined representations of events can be sufficient to generate strong emotions (see also the debate between Goldie, 2004, Parkinson, 2004, and Scherer, 2004a, in this journal). The need for emotions to be somehow connected to or anchored in a specific event, external or internal, rather than being free-floating, resulting from a strategic or intentional decision, or existing as a permanent feature of an individual, constitutes the event focus design feature (Scherer, 2005, p. 700).

nossa).¹⁶ A terceira categoria de análise refere-se à sincronização de resposta, segundo a qual percebemos que as emoções preparam respostas correspondentes guiadas pelas implicações presumidas do evento. Nesse ponto, a sincronização de resposta refere-se à sua preparação o que nos permite refletir sobre “estados emocionais” como sendo dinâmicos e reajustáveis, de acordo com o interesse adaptativo de novas informações. Dessa forma, segundo Scherer (2005, p. 702, tradução nossa)¹⁷, podemos sistematizar com base no padrão de comportamento em que as emoções têm forte impacto: “nesse sentido, eles têm um forte efeito no comportamento consequente da emoção, muitas vezes interrompendo sequências de comportamento em andamento e gerando novos objetivos e planos.” Sobre as categorias de intensidade e duração, percebemos uma forte presença da percepção para ativar e definir o impacto da informação. Acerca desse aspecto, Scherer (2005, p. 702, tradução nossa) descreve intensidade e duração como:

Intensidade

Dada a importância das emoções para a adaptação comportamental, pode-se assumir que a intensidade dos padrões de resposta e a experiência emocional correspondente são relativamente altas, sugerindo que esta pode ser uma característica de design importante para distinguir emoções de estados de ânimo, por exemplo.

Duração

Por outro lado, como as emoções implicam mobilização e sincronização massivas de resposta como parte de tendências de ação específicas, sua duração deve ser relativamente curta para não sobrecarregar os recursos do organismo e permitir flexibilidade comportamental. Em contraste, estados de ânimo de baixa intensidade que têm pouco impacto no comportamento podem ser mantidos por períodos de tempo muito mais longos sem mostrar efeitos adversos.¹⁸

É importante ressaltar que várias pesquisas têm sido feitas para estabelecer um consenso sobre a definição de emoções, o que nos mostra a dificuldade fenomenológica e epistemológica de conceituá-las devido à forte tendência científica de modelo cartesiano que

¹⁶the component process model postulates that different emotions are produced by a sequence of cumulative stimulus evaluation or appraisal checks with emotion-specific outcome profiles (Ellsworth and Scherer, 2003; Scherer, 1984a, 1993, 2001)” (Scherer, 2005, p. 701).

¹⁷In this sense they have a strong effect on emotion consequent behavior, often interrupting ongoing behavior sequences and generating new goals and plans (Scherer, 2005, p. 702).

¹⁸Intensity

Given the importance of emotions for behavioral adaptation, one can assume the intensity of the response patterns and the corresponding emotional experience to be relatively high, suggesting that this may be an important design feature in distinguishing emotions from moods, for example.

Duration

Conversely, as emotions imply massive response mobilization and synchronization as part of specific action tendencies, their duration must be relatively short in order not to tax the resources of the organism and to allow behavioral flexibility. In contrast, low-intensity moods that have little impact on behavior can be main-tained for much longer periods of time without showing adverse effects (Scherer, 2005,p. 702).

nos coloca entre o dualismo emoção (corpo) e razão (mente). Ressaltemos que não se pode negar a influência do amor no sistema nervoso autônomo, o que sugere que, apesar de as perturbações fisiológicas serem constitutivas das emoções, o amor é uma emoção que também permeia o espírito, alma e mente.

É, nesse sentido, que, devido à falta de uma definição clara para o conceito de emoção, trataremos da definição de emoção como mero ponto de partida, já que esse embate não nos impede de traçar um entendimento linguístico, pois não se trata de uma busca por definir as emoções, mas de uma inclinação científica muito mais voltada para compreendê-las. Assim, Damásio (2005), em sua obra “O Erro de Descartes: *Emoção, razão e o cérebro humano*”, reúne valiosas contribuições que retomam os pressupostos defendidos por Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 90) sobre as contribuições do pensamento corporificado, ou melhor, “o corpo na mente” “da mente corpórea”. A esse respeito, Damásio (2005, p. 94) afirma:

É muito provável que a mente não seja concebível sem algum tipo de incorporação, uma noção que tem lugar de destaque nas propostas teóricas de George Lakoff, Mark Johnson, Eleanor Rosch, Francisco Varela e Gerald Edelman, e, evidentemente, nas nossas próprias.

Além disso, o autor contribui significativamente para o estudo das emoções na explicação de emoções primárias e secundárias, ao colocar em evidência as relações de ordem neural, biológica e interativa entre emoções, estados emocionais e sentimento, promovendo um estudo interdisciplinar dos processos mentais no âmbito neurocientífico da filosofia da mente e da linguagem.

3.4 Emoções Primárias e Secundárias

De acordo com Damásio (2005), as emoções possuem grande influência em nossas vidas, lecionando que as **emoções primárias** (ou básicas) são perceptíveis, independentemente da cultura ou das experiências, pois são emoções enraizadas nos processos biológicos e neurais, envolvendo áreas específicas do cérebro, como, por exemplo, o sistema límbico. Destarte, é importante entender que as emoções primárias fazem parte dos processos básicos e podem se interconectar, uma vez que desempenham papel central na interação humana com o meio ambiente e possuem objetivos úteis para a sobrevivência.

Mas o mecanismo das emoções primárias não descreve toda a gama dos comportamentos emocionais. Elas constituem, sem dúvida, o processo básico. Creio, no entanto, que em termos do desenvolvimento de um indivíduo seguem-se mecanismos de emoções secundárias que ocorrem mal começamos a ter sentimentos! e formar ligações sistemáticas entre categorias de objetos e situações, por um lado, e emoções primárias, por outro. As estruturas no sistema límbico não são suficientes para sustentar o processo das emoções secundárias. A rede tem de ser ampliada e isso requer a intervenção dos córtices pré-frontal e somatossensorial (Damásio, 2005, p.57).

Considerar a existência de emoções primárias implica esbarrar nos critérios de identificação de quais seriam essas emoções que desempenham papéis fundamentais na existência/sobrevivência humana. Ainda de acordo com o aludido autor:

a felicidade, a tristeza, a cólera, o medo e o nojo — e corresponde a perfis de resposta do estado do corpo que são, em grande medida, pré-organizados na acepção de James. Quando o corpo se conforma aos perfis de uma daquelas emoções, sentimo-nos felizes, tristes, irados, receosos ou repugnados. Quando os sentimentos estão associados a emoções, a atenção converge substancialmente para sinais do corpo, e há partes dele que passam do segundo para o primeiro plano de nossa atenção (*ibid*, p. 63).

Para ele, felicidade, tristeza, ira (cólera), medo, nojo e surpresa correspondem a emoções básicas com quais as demais emoções (secundárias) se misturam em diferentes graus e nuances, resultando na emersão de outras manifestações. De acordo com suas ocorrências, experienciamos sentimentos e sensações de diversos tipos (processo mental) que Damásio classifica como sentimentos universais básicos e sentimentos de fundo.

As **emoções secundárias** são o resultado de interações mais complexas e variáveis tendo como base as emoções primárias e sendo moldadas por fatores contextuais (cultura, sociedade, subjetivo) Ao contrário das emoções primárias, as secundárias exigem certo nível de consciência, o que as coloca em posição diferente no que concerne à compreensão da psicologia humana, em situações vivenciadas de, por exemplo, vergonha, empatia, culpa etc.

Os estudos neurais desenvolvidos por Damásio (2005, p. 60), ressaltam que, de acordo com sua perspectiva, “as lesões do sistema límbico limitam o processamento das emoções primárias; as lesões nos córtices pré-frontais limitam o processamento das emoções secundárias.”

Muitos outros teóricos e pesquisadores dedicam-se a definir especificidades variadas dos conceitos da emoção e dos sentimentos, o que nos delega a responsabilidade de ressaltar que, para os fins desta dissertação, que tem como foco o amor, analisado, por vezes, como um

conjunto de comportamentos, como um sentimento ou como um estado emocional, será caracterizado como emoção. Dessarte, com base em nossas análises ancoradas nos pressupostos teóricos de Damásio (2005), defendemos que esse conjunto de emoções e comportamentos que visam promover a sobrevivência e bem-estar do ser amado e que ativam o sistema cerebral relacionado à recompensa, à motivação e à empatia podem, nos casos de violência doméstica contra a mulher, sofrer distorções provocadas pelo agressor para que possa assegurar seu controle e pleno domínio sobre a vítima, o que resulta em falta de empatia, trauma e estresse, afetando a capacidade da vítima de experimentar algumas das várias emoções positivas, dentre as quais, o amor.

Para Maturana (2001, p. 73): “A preocupação ética, como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a aceitação do outro e pertence ao domínio do amor. Por isso, a preocupação ética nunca ultrapassa o domínio social no qual ela surge.”

Portanto, se do ponto de vista das emoções primárias, temos os processos básicos ligados à interação humana com o meio ambiente, por meio de objetivos úteis para a sobrevivência, abordamos a complexidade de compreender o amor como uma emoção fundamental à interação humana em toda atividade social. Além disso, Herculano-Houzel (2004, p. 142) esclarece sobre a relação emoção-sentimento, como uma sequência de dois processos, mostrando que há diferenças neurobiológicas entre eles:

Além de demonstrar como as emoções contribuem na tomada de decisões, Damásio propõe que elas nascem da interação entre o corpo e o cérebro, e sugere que a emoção, na verdade, é uma sequência de dois processos: ter uma emoção, e depois senti-la. Ter uma emoção seria o que acontece quando o cérebro, induzido por uma lembrança, uma cena ou uma situação real, provoca alterações no corpo — aceleração dos batimentos cardíacos, suor, queda da pressão arterial, por exemplo. Sentir a emoção, ou ter um sentimento, é o que aconteceria no passo seguinte, quando o cérebro registra aquelas alterações no corpo.

O amor possui uma função de extrema importância em nosso contexto relacional e é uma emoção complexa, pois envolve a combinação de fatores biológicos, neurológicos, psicológicos e sociais, assim como a consequência de distúrbios relacionados ao amor em suas várias dimensões, principalmente no contexto de violência doméstica, pode podendo refletir dependência afetiva:

De acordo com as definições de dependência afetiva, a mulher submetida ao agressor por motivações internas de cunho emocional expressa através de

pensamentos/comportamentos de inferioridade, um amor excessivo que ultrapassa o seu próprio bem-estar, de forma que mesmo diante dos abusos sofridos, silencia-se com receio de romper a relação conjugal patológica. A mulher não se reconhece como vítima na relação conflituosa, tampouco consegue reagir a uma situação de violência (Fabeni *et al.*, 2015, p. 42-43).

A dependência afetiva fundada na falta de reciprocidade relaciona-se com as demais concepções do amor, visto que, em primeira instância, a interação com o *outro* (relação simbiótica), gerada por um vínculo malformado pode acarretar sérios prejuízos à saúde da mulher em situação de violência doméstica como, por exemplo, no caso de uma sobrecarga no cérebro, levando a um quadro conhecido como psicossomatização.

Partindo do pressuposto do amor como uma emoção complexa, a próxima seção intitulada **“Teoria Prototípica Aplicada à Categoria de Emoções”**, elucida a relação prototípica de amor, já que sugere que existem protótipos de amor que são exemplares centrais que representam o conceito de amor de forma mais típica. Esses protótipos podem ser influenciados pelas metáforas do amor, que são culturalmente compartilhadas, sendo uma delas, por exemplo, a metáfora “O AMOR É UMA JORNADA”, que pode ser vista como um protótipo que representa o amor como um processo de crescimento e desenvolvimento. Nesse sentido, a Teoria Prototípica sugere que a categorização do amor é baseada em protótipos que são influenciados pelas metáforas do amor, o que significa dizer que as pessoas tendem a categorizar o amor de acordo com os protótipos que são culturalmente compartilhados, bem como que a variação cultural no conceito de amor pode ser explicada pela diferença nos protótipos e metáforas compartilhados por cada comunidade específica de fala.

Em decorrência desse entendimento, não apresentaremos uma concepção hierárquica em termos de valoração para a organização dos níveis considerados, quais sejam, superordenado, básico e subordinado, mas uma concepção que elucida as categorias cognitivas vinculadas aos estudos psicolinguísticos, ou seja, uma que leve em consideração a percepção gestáltica dos pressupostos já explicados nos capítulos anteriores sobre a natureza da psique humana, os modelos culturais e suas transformações, assim como as características neurobiológicas, para, então, retornar às categorias propostas de forma a estabelecer relações entre o padrão de amor encontrado no discurso das vítimas diretas de violência doméstica e as metáforas subjacentes às expressões analisadas nos discursos de tais vítimas.

3.5 Teoria Prototípica aplicada à categoria de emoções

Os estudos semânticos pautados na Linguística Cognitiva demonstram, cada vez mais, que a análise da linguagem, de per si, é capaz de conduzir um pesquisador a uma explicação filosófica do pensamento. Essa perspectiva desdobra-se em várias outras teorias no âmbito cognitivo, como um conjunto de visões sobre os processos de categorização inerentes ao nosso entendimento por tratar da classificação de elementos fazem parte de nossas experiências, desde aquelas inicialmente vivenciadas e consideradas básicas. Nesse aspecto, a Teoria Prototípica de Categorização de Eleanor Rosch (1971) é de grande relevância para a representação da estrutura cognitiva em níveis: nível superordenado; nível de base e nível subordinado.

A Teoria dos Protótipos e Categorias do Nível Básico, proposta por Eleanor Rosch (1971), é considerada um marco dos estudos da psicolinguística, na qual descreve que as categorias são organizadas e estruturadas por uma composição nuclear, cujos atributos e semelhanças são compartilhados entre os membros da família, por meio de uma codificação gradiente de definições:

Quadro 1: Taxonomia hierárquica

Superordenado	animal	mobília
Nível Básico	cachorro	cadeira
Subordinado	cão de caça	cadeira de balanço

Fonte: Rizzatti (2001, p. 17)

A teoria parte de estudos iniciais sobre a categorização de cores e foi estendida às categorias perceptuais para análise de outras não perceptuais como animais, objetos, mobília etc., com base na definição de que o melhor representante de uma ‘família’ é o protótipo que apresenta a maior parte dos atributos e propriedades de uma categoria. A teoria baseia-se em uma *gestalt* perceptual e funcional de categorização na qual Rosch observa o nível psicologicamente mais básico e classifica uma taxonomia hierárquica. De acordo com Rizzatti (2001, p. 18):

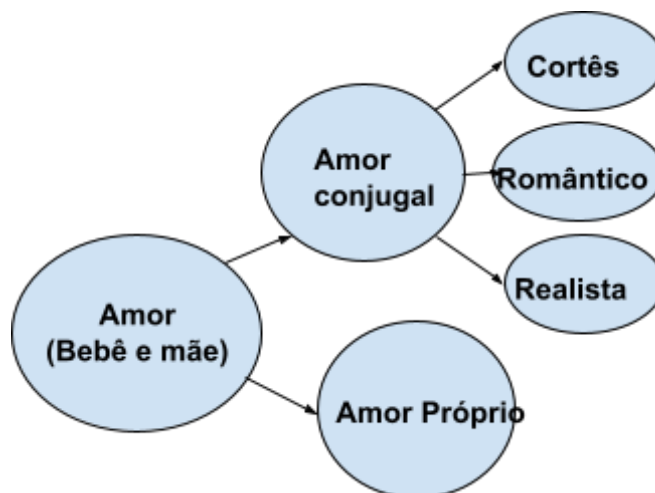
É neste nível que as categorias apresentam características marcantes. Este é o nível

mais inclusivo de categoria em que as formas dos objetos são parecidas e, consequentemente, mais facilmente reconhecidas; é também o nível privilegiado no desenvolvimento linguístico: o primeiro a ser nomeado, aprendido e a entrar no léxico da língua. Neste nível uma única imagem mental pode refletir a categoria inteira. Seu caráter gestáltico garante o status de estrutura diretamente significativa, na visão semântica experiencialista.

Os estudos de Eleanor Rosch trazem uma visão mais ampla de categorização que se mostra imprescindível para o estudo da metáfora, especialmente no que se refere às emoções e emoções prototípicas. Nesse sentido, com o uso do método lexical e da visão enciclopédica da linguagem, apresentaremos um mapeamento das emoções prototípicas relacionadas ao Amor romântico, com base nos dados e, com base em Kövecses (2000), analisaremos os aspectos mais relevantes das emoções.

É importante ressaltar quão importante é a teoria da prototipicidade para este trabalho no que se refere à gradiência das especificações do amor, levando em consideração o que seria o amor típico (protótipo) e o amor gradiente, que partilha conceitos básicos da mesma família, mas que difere em alguns pontos. Temos, por exemplo, as nuances do amor: Amor de um bebê por sua mãe, Amor conjugal (sexual), que se desdobra em Amor Cortês (entre os séculos XI e XIV), Amor Romântico (1836) até chegar ao Amor Realista (século XX), o Amor-próprio. Sobre essas classificações, partiremos da hipótese do amor como uma emoção, de acordo com os critérios especificados no estudo de Scherer (2005), seções 3.2 e 3.3, dispondo, então, em gradiência suas demais variações e aspectos. Assim, estabelecemos o seguinte quadro de análise para os fins desta pesquisa:

Quadro 2: Teoria prototípica e as famílias para o conceito de amor



Fonte: Elaborado pela autora

O amor prototípico, considerado o ideal para definir a família “Amor”, apresenta aquelas características essenciais desse sentimento, manifestas nas emoções primárias, segundo os estudos de Scherer (2005) e Damásio (2005) e expressas na seção 3.3 com base numa reflexão antropológica. Logo, o amor de um bebê por sua mãe, como resposta a comportamentos manifestados de carinho, proteção e cuidado, por exemplo, demonstra aspectos básicos e necessários para a adaptação e sobrevivência humana. De acordo com Peterson (1999, p. 350):

A criança vem equipada com a capacidade de responder a essa presença que nutre de modo inato para desenvolver uma relação simbiótica com sua cuidadora e crescer cada vez mais forte. O amadurecimento da capacidade exploratória criativa, que constitui a base para a autodependência madura, parece depender, pela sua própria gênese, da manifestação da solicitude materna: do amor, promoção equilibrada da capacidade individual e proteção contra danos. O toque suave e o cuidado seduzem a criança à vida, à expansão da independência, ao potencial para força e capacidade individuais. A ausência de tal consideração significa falha de crescimento, depressão e dano psíquico, até a morte.

Analisando os com os apontamentos de Peterson (1999), constatamos a estreita relação entre sobrevivência, adaptação e interação humana, sendo essa emoção um típico exemplar de emoção primária, mas que, devido à sua complexidade atrelada à organização mental e social (seus desdobramentos), ramifica-se em Amor Romântico, Cortês e Realista, considerados exemplos de emoções secundárias. Cabe ressaltar, também, que o amor-próprio como

protótipo menos periférico do amor, mesmo com existência reconhecida, foi pouco abordado socialmente. Apenas após movimentos feministas modernos o Amor-próprio passou a ter certo destaque social. O amor-próprio é uma emoção necessária para a sobrevivência, visto que, desde o início dos tempos, está associado ao cuidado e à autopreservação:

É verdade que o amor-próprio estimula a gente a se "agarrar à vida", a tentar a todo custo permanecer vivo, a resistir e enfrentar o que quer que ameace pôr fim à nossa vida de modo prematuro ou abrupto, ou, melhor ainda, a melhorar nosso vigor e aptidão física para tornar efetiva essa resistência (Bauman, 2004, p. 71).

Diferente do que se entende por instinto de sobrevivência (animal, física, corpórea), o conceito de amor-próprio, ainda que quase sempre esteja vinculado a esse entendimento, difere dessa busca natural por condições mínimas de sobrevivência, já que “pode nos levar a rejeitar uma vida que não se ajusta a nossos padrões e que, portanto, não vale a pena ser vivida” (Bauman, 2004, p. 71). O amor-próprio é, de certo modo, um pressuposto do amor ao outro e uma manifestação do instinto de sobrevivência, constituindo-se de duas perguntas cujas respostas se revelam essenciais à psique humana: *quem quero ser?* e *que vida quero viver?*, além de vinculado à autossatisfação de necessidades emocionais, desvinculando-se do outro como objeto de satisfação das necessidades emocionais básicas e envolvendo o amor incondicional por si mesmo, apesar do reconhecimento dos próprios defeitos.

Na perspectiva da ética da sobrevivência como força motriz da manifestação das emoções, mais especialmente aquelas vinculadas ao amor, temos, na dimensão social, um pressuposto do amor-próprio como emoção secundária com ápice na sua conexão com o *eu*. Sua falta, portanto, implicaria, dentre outras coisas, a dificuldade em reconhecer aquilo que lhe faz bem e de exercer essa auto-observação no exercício da sociabilidade na interação humana para com o *outro*.

Em relação a esse aspecto, convém que ressaltemos que o protótipo de amor estabelecido é focado na relação entre a adaptação, interação e sobrevivência humana, sem o envolvimento de aparatos mentais e sociais. Assim sendo, de acordo com as categorias estabelecidas por Rosch, organizamos o quadro explicativo abaixo.

Quadro 3: Níveis e categorização do protótipo de amor

Superordenado	Emoção
Nível Básico	Amor

Subordinado	amor-próprio	amor conjugal
-------------	--------------	---------------

Fonte: Elaborado pela autora

O nível básico, como exposto acima, é o que mais possui atributos distintivos e é o mais econômico em termos cognitivos. Dessa forma, assim como acontece com os objetos (cadeira, cachorro), as características distintivas emocionais são perceptíveis, possuindo entre elas, as marcantes como (raiva, felicidade), sendo esse nível o primeiro a ser nomeado e a entrar no léxico de uma língua, assim como é o mais ligado à memória e aquele que contribui mais diretamente para a organização do conhecimento, diferente do nível superordenado, em que a distinção é feita em nível de saliência perceptual, e do nível subordinado, aquele em que há um aumento de informação.

De acordo com Rosch (1999, p. 29, tradução nossa): “as categorias tendem a ser definidas em termos de protótipos ou instâncias prototípicas que contêm os atributos mais representativos dos itens dentro da categoria e menos representativos dos itens fora da categoria.”¹⁹ Com isso, percebemos que um dado protótipo pode sofrer relativa invariância do nível a que está vinculado devido à facilidade de evocação disposta, podendo simultaneamente, variar no nível subordinado, de acordo com a construção mental ativada pela experiência cognitiva.

De acordo com Semir Zeki (2007, p. 2577, tradução nossa), do Departamento de Pesquisa Celular e Biologia do Desenvolvimento, da University College of London (UCL - Research Department of Cell and Developmental Biology):

O amor materno e romântico compartilha um propósito evolutivo comum e crucial, o de manter e promover a espécie. Eles também compartilham um propósito funcional, em que ambos exigem que os indivíduos permaneçam juntos por um período de suas vidas. Ambos são assim calculados por natureza para garantir a formação de laços firmes entre os indivíduos, fazendo-os experiências gratificantes. Não é surpreendente descobrir que ambos os sentimentos compartilham áreas comuns do cérebro. Mas, dado o axioma neurológico mencionado acima, que se você pode dizer a diferença é porque diferentes áreas do cérebro estão envolvidas, também não é surpreendente descobrir que o padrão de ativação cerebral que se correlaciona com o amor materno não é idêntico ao que se correlaciona com o amor romântico.²⁰

¹⁹[...] categories tend to become defined in terms of prototypes or prototypical instances that contain the attributes most representative of items inside and least representative of items outside the category (p.29).

²⁰Maternal and romantic love share a common and crucial evolutionary purpose, that of maintaining and promoting the species. They also share a functional purpose, in that both require that individuals stay together for a period of their lives. Both are thus calculated by nature to ensure the formation of firm bonds between individuals, by making of them rewarding experiences. It is not surprising to find that both sentiments share common brain areas. But, given the neurological axiom stated above, that if you can tell the difference it is

É importante ressaltar que, apesar das diferenças inerentes aos atributos sociais disponíveis na construção mental e consequente contribuição dos sentimentos, as categorias prototípicas são úteis para a análise da constituinte *background* da estrutura cognitiva que permeia o amor (emoção complexa), que fornece condições necessárias para a ocorrência de estados cognitivos como crenças, desejos e intenções, pois construímos conceitos com base em categorizações prototípicas que realçam determinadas características, encobrindo outras. Nesse sentido, observamos que a categoria emocional (do amor) prototípica gerada, encontra correspondência com a categoria de emoção básica e secundária – de acordo com os apontamentos de Damásio (2005) –, bem como categorizamos no nível subordinado a contribuição significativa da intensidade emocional na diferenciação do amor, para a construção do valor-moralidade presente no discurso das vítimas diretas.

because different brain areas are involved, it is also not surprising to find that the pattern of brain activation that correlates with maternal love is not identical to the one that correlates with romantic love (Zeki, 2007, p. 2577).

4 TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL ESTENDIDA

O surgimento da Teoria da Metáfora Conceptual é marcado pela publicação de *Metaphors we live by*, obra de Lakoff e Johnson (1980), que se afasta da perspectiva modular da cognição proposta por Chomsky, discordando da sua matriz cognitiva de que “a linguagem é espelho da mente” (Chomsky, 1975).

Para a Linguística Cognitiva (LC), a linguagem intermedia a relação do ser humano com o mundo que o cerca, perspectiva essa que se fortalece ao final do século XX, quando Lakoff e Johnson (1980) defendem, em seu estudo, a relevância de vários aspectos da cognição humana incluindo a metáfora, vista como figura do pensamento e aplicada em uma perspectiva sociocultural que permite a compreensão de conceitos abstratos por meio de outros mais concretos.

Lakoff e Johnson (1980) refletem sobre princípios básicos da linguística cognitiva que são imprescindíveis para o entendimento da metáfora, tais como: a definição de que a linguagem não é uma faculdade autônoma em relação a outras faculdades humanas como visão, audição, memória; o conhecimento linguístico e de mundo (extralinguístico) não se distinguem, sendo categorizados pela linguagem que é a parte inicial da significação. Em relação a tais aspectos, Ferrari leciona que “as palavras por si só não contêm significados, mas orientam a construção de sentido” (Ferrari, 2018, p.14).

Diante das bases da LC, Lakoff e Johnson conseguem construir um novo entendimento da metáfora como figura do pensamento, presente no cotidiano e que, em contexto sociocultural, é conceptualizada por experiências corpóreas. Com base nesse entendimento, de acordo com Jackendoff (*apud* Ferrari, 2018, p. 22), “trata-se de realidade projetada: representação mental da realidade, tal como construída pela mente humana, mediada por nossos sistemas perceptuais e conceptuais únicos.” A abordagem cognitivista tem seus desdobramentos em diversas áreas como na criação da Semântica dos Frames, proposta por Charles Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), que conceitua um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo (permitindo a fácil evocação) e que é esquematizado pela experiência. Ou seja, o significado das palavras é subordinado a frames que precisam de bases físicas e culturais para serem consolidados.

No processo de compreensão de um padrão metafórico, envolvemo-nos em um árduo trabalho de identificar esquemas imagéticos, domínios e frames, sendo esses últimos de grande atenção no aspecto da integração de elementos participantes de uma determinada

experiência que compõem o conjunto de informações armazenadas na memória de longo prazo e que são evocadas em um estado cognitivo que pode ser alterado pelo contexto, ou seja, em uma dimensão cognitiva, flexível e dinâmica.

A análise das expressões metafóricas selecionadas perpassa os conceitos de Domínios (Langacker, 1987); Frames (Fillmore, 1982) e Esquemas Imagéticos (Lakoff; Johnson, [1980] 2002), pois, de acordo com os estudos de Kövecses (2020), a relação estabelecida entre os conceitos se organiza da seguinte forma: (i) Domínios são organizados em frames que fornecem um contexto para entender os conceitos e suas relações; (ii) Frames são baseados em esquemas imagéticos que organizam as experiências sensoriais e motoras e (iii) Metáforas mapeiam o domínio de uma experiência para outro domínio de experiência, permitindo que os conceitos de um domínio abstrato (alvo) sejam compreendidos por meio de conceitos concretos de outro domínio (fonte). Isso posto, ressaltamos que, para estudar com mais especificidade o fenômeno metafórico, inferimos que os domínios, frames e esquemas imagéticos formam uma rede complexa de conceitos e relações que permitem que compreendamos o mundo ao nosso redor.

De acordo com a abordagem proposta pela Semântica de Frames, de Charles Fillmore (1982), a linguagem, os contextos e a experiência constituem a forma como um assunto é descrito e percebido, o que indica que a modelagem de frames interacionais é desdobrável em dimensões cognitivas, afetivas e morais.

De acordo com as proposições apresentadas, percebemos que a metáfora ultrapassa os limites da cognição e da forma de ação sobre o mundo, a metáfora permite-nos conhecer e construir a realidade para que possamos agir sobre ela, conduzindo-a em um meio cultural.

Partindo dos tipos de metáforas conceptuais propostos inicialmente por Lakoff e Johnson (1980), segue o quadro explicativo:

Quadro 4: Metáforas Conceptuais

Metáforas Estruturais	Metáforas Orientacionais	Metáforas Ontológicas
Um conceito detalhadamente estruturado em termos de outro, de forma clara.	Constituído das orientações espaciais com base física na delimitação do corpo humano. Pode variar de acordo com a cultura.	Forma de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc., como entidades e substâncias. Nos permite categorizar, quantificar e agrupar as experiências.

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro apresentado acima é de grande relevância para a categorização de metáforas, embora o que esteja em foco, atualmente, seja a amplitude dos estudos da TMC, visto que, assim como Raden (2002) e Kövecses (2020), temos, *a priori*, especialmente quando se trata de metáforas de emoção, casos em que a metáfora deriva da metonímia, colocando em foco tanto os estudos metafóricos quanto os estudos da literalidade, neste último caso, refletido no estágio de ‘desconflação’ (separação dos domínios alvo e fonte ou momento em que surge a metáfora), momento em que os domínios se diferenciam, mas ainda podem ser mapeados e interpretados por meio da associação, como em alguns casos de metáforas ontológicas. De acordo com Carneiro (2009, p. 65):

É interessante destacar que Johnson (1999) pesquisou a possibilidade neural da criação de metáforas por meio de correlações entre experiências recorrentes e co-ocorrentes, para sua tese de doutorado sobre a aquisição de metáforas por crianças. O resultado de seus estudos demonstrou que há dois estágios distintos (conflação e desconflação/diferenciação) em que se observa a emergência das metáforas conceituais. Enquanto na conflação os domínios são ainda indistintos, sem uma definição clara, na desconflação/diferenciação estabelecem-se as diferenças entre esses domínios metafóricos (domínio-alvo e domínio-fonte). No caso de AFEIÇÃO É CALOR, por exemplo, o primeiro estágio caracteriza-se pela fusão da experiência da afeição com a experiência do calor materno vivenciado pela criança, em função de sua ocorrência concomitante.

O processo de conflação e desconflação abordado nos estudos de Johnson (1999) está voltado para a distinção e compreensão dos estágios relativos aos domínios experienciais ainda pertinentes à metáfora. Dessa forma, o que se observa é que, em relação aos estudos da metáfora, ainda não havia uma abordagem mais ampla que incluísse o *continuum* existente entre o literal-metonímico-metafórico já que, de acordo com Kövecses (2020, p. 45, tradução nossa):

Aqui Grady e Johnson negam explicitamente a possibilidade de que metáforas primárias surjam de metonímias – a afirmação que fiz. Eles baseiam seu argumento na ideia de que, enquanto a metonímia “diz respeito à associação conceitual e referencial”, as metáforas primárias dizem respeito a correlações na experiência. Mas, para se tornarem linguisticamente codificadas, as correlações experienciais devem ser conceituadas e, uma vez conceituadas, as correlações experienciais também se tornam conceituais (associações).²¹

²¹Here Grady and Johnson explicitly deny the possibility that primary metaphors arise from metonymies – the claim I have made. They base their argument on the idea that while metonymy “concerns conceptual and referential association,” primary metaphors concern correlations in experience. But in order to become linguistically coded, experiential correlations must be conceptualized, and once conceptualized, experiential correlations also become conceptual (associations) (Kövecses, 2020, p.45).

Como exemplo, dentre as metáforas propostas por Kövecses (2000) na obra *Metaphor and Emotion*, destacamos duas que se referem ao amor e denotam aspectos dos conceitos de emoção, tais como: a intensidade e a passividade. Assim, temos: EXPERIÊNCIAS PASSIVAS SÃO OS EFEITOS FÍSICOS e INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO. Podemos exemplificar o critério da progressão metonímica citado por Kövecses (2020), utilizando a “abordagem lexical” (Kövecses, 2020, p. 60), no intuito de coletar, no seguinte fraseologismo em língua portuguesa, uma metáfora característica do domínio específico coração: “o que os olhos não veem, o coração não deseja”, assim, observamos um *continuum* que vai do Metonímico ao Metafórico.

Quadro 5: *Continuum* -Metonímico-Metafórico

Metonímico	Metonímico	Metafórico
Olhos que veem	Coração que sente	INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO

Fonte: Elaborado pela autora

No exemplo acima, temos uma metáfora precedida de duas interpretações, com o estágio metonímico: CORAÇÃO ESTÁ PELA FACULDADE DE SENTIR, assim, o coração é visto de forma metonímica a PARTE PELO TODO,; enquanto da mesma forma: OLHOS estão pela FACULDADE DE VER; e de forma metafórica: CORAÇÃO É O CENTRO DAS EMOÇÕES. Essa metáfora do coração como CORAÇÃO É O CENTRO DAS EMOÇÕES pode ser refletida através da interação de nossos corpos a uma dada situação, nesse caso, INTENSIDADE DE EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO será uma metáfora complexa²². retirada desse *continuum*. A metonímia conceptual EFEITOS FISIOLÓGICOS DE UMA EMOÇÃO REPRESENTAM A PRÓPRIA EMOÇÃO está prevista no processo de *Metaphoronymy*, teoria sustentada por Goossens (2003), diante, portanto, da possibilidade de interseção entre a metonímia e a metáfora, por meio de uma interpretação metafórica de uma construção metonímica (metaftonímia).

Outras questões são amplamente abordadas na obra e visam sanar algumas lacunas referentes aos estudos da Metáfora. Levando em consideração a proposta de Kövecses (2020),

²²Perspectiva adotada por Kövecses (2005) na designação de metáforas derivadas de metáforas primárias ou simples, e que sofrem muito mais interferência do contexto cultural. Como exemplo de metáfora complexa, temos: AMOR É LABIRINTO, que pode ser caracterizada por metáforas Simples/Primárias: LABIRINTO É COMPLEXIDADE; LABIRINTO É BUSCA e LABIRINTO É TRANSFORMAÇÃO.

utilizamos sua obra para exemplificar algumas metáforas pertinentes às emoções e que serão caracterizadas em nossa análise das metáforas de amor.

Dentre as metáforas propostas por Kövecses (2000, p. 26), na obra *Metaphor and Emotion*, destacamos aquelas que se referem ao amor e denotam vários aspectos dos conceitos de emoção, como intensidade, causa e controle. Assim, temos: AMOR É NUTRIENTE; AMOR É JORNADA; AMOR É UNIDADE DE PARTES; AMOR É PROXIMIDADE; AMOR É VÍNCULO; AMOR É FLUIDO EM UM RECIPIENTE; AMOR É FOGO; AMOR É TROCA ECONÔMICA; AMOR É FORÇA NATURAL; AMOR É FORÇA FÍSICA; AMOR É Oponente; AMOR É ANIMAL CATIVO; AMOR É GUERRA; AMOR É JOGO; AMOR É DOENÇA; AMOR É MÁGICA; AMOR É INSANIDADE; AMOR É ALTURA; OBJETO DO AMOR É COMIDA APETIZANTE; OBJETO DO AMOR É DIVINDADE; OBJETO DO AMOR É CRIANÇA PEQUENA; OBJETO DO AMOR É OBJETO DE VALOR; OBJETO DO AMOR É OBJETO POSSUÍDO.

Detalhamos a seguir, ainda com base em Kövecses (2000, p.59, tradução nossa), os aspectos dos conceitos de emoção. São eles:

- Existência: EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É PRESENÇA AQUI; EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É ESTAR EM UM ESPAÇO DELIMITADO; EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSE DE UM OBJETO; EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO.
- Intensidade: INTENSIDADE DA EMOÇÃO É QUANTIDADE (DE SUBSTÂNCIA EM UM CONTÊINER); INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR; AUMENTO DA INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CRESCIMENTO; INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO (DE FORÇA).
- Passividade: EXPERIÊNCIAS PASSIVAS SÃO OS EFEITOS FÍSICOS DAS FORÇAS (O principal uso desta metáfora é em situações em que existe uma entidade que é conceituado como sendo afetado por outra (uma força) de forma unilateral ou unidirecional)

Com base nos estudos das metáforas de emoção, percebemos que algumas partem de correlações que emergem de representações semelhantes em nível de *frames*, por um estágio metonímico, portanto:

Eu propus que isso acontece quando um dos elementos de uma estrutura mental semelhante a um *frame* é generalizado (esquematizado) para um conceito que está fora do *frame* inicial em uma parte diferente do sistema conceitual. O processo de generalização leva a uma distância conceitual suficiente entre o *frame* inicial e o

novo no qual as metáforas podem ser baseadas (Kövecses, 2020, p. 48, tradução nossa).²³

Nesse sentido, Kövecses (2020, p. 49, tradução nossa) explica a importância da abordagem multinível dos estudos da metáfora por meio de hierarquias taxonômicas, no intuito de identificarmos o processo de generalização quando aplicado a um domínio fonte ou alvo:

Dado um *frame* no qual as correlações se aplicam entre dois elementos, deve haver uma relação metonímica logicamente anterior entre os elementos antes que um elemento seja movido para fora do *frame* inicial para estabelecer um *frame* novo e independente, que formará uma fonte ou alvo metafórico.²⁴

No âmbito desta pesquisa, a Teoria da Metáfora Conceptual Estendida é relevante para a análise da metáfora por um viés hierárquico e taxonômico que nos possibilite maior especificação do fenômeno. A proposta também se torna relevante por tentar sanar algumas lacunas referentes aos estudos metafóricos, enquanto soma, em sua interpretação, estudos mais recentes que são pertinentes, principalmente, aos estudos de metáforas das emoções. Nesse percurso, o autor cita vários estudiosos e suas teorias enquanto busca uma conexão que não necessariamente ignore outras pesquisas, mas que, considerando-as insuficientes, possa complementá-las.

4.1 Abordagem Multinível

O processo de análise da metáfora proporcionado pela abordagem multinível de Kövecses (2020) é exemplificado pelo autor com relação ao mapeamento da metáfora de emoção FOGO É RAIVA. Para tal, o autor traz uma reflexão extensa sobre a forma de analisar as metáforas com mais especificidade, levando em consideração alguns pressupostos já apontados em sua obra *Metaphor and Emotion* (2000), como os aspectos dos conceitos de emoção: intensidade, causa e controle. Isso posto, as várias expressões metafóricas relacionadas a FOGO É RAIVA, por exemplo, restringem-se ou atêm-se ao que significam no nível geral de mapeamento que é proposto pela teoria padrão da TMC. Apesar disso, as

²³I proposed this happens when one of the elements of a *frame*-like mental structure is generalized (schematized) to a concept that lies outside the initial *frame* in a different part of the conceptual system. The generalization process leads to sufficient conceptual distance between the initial and the new *frame* on which metaphors can be based (Kövecses, 2020, p.48)

²⁴Given a *frame* in which the correlations apply between two elements, there must be a logically prior metonymic relationship between the elements before one element is moved out of the initial *frame* to establish a new and independent *frame*, which will form either a metaphoric source or target (Kövecses, 2020, p. 49)

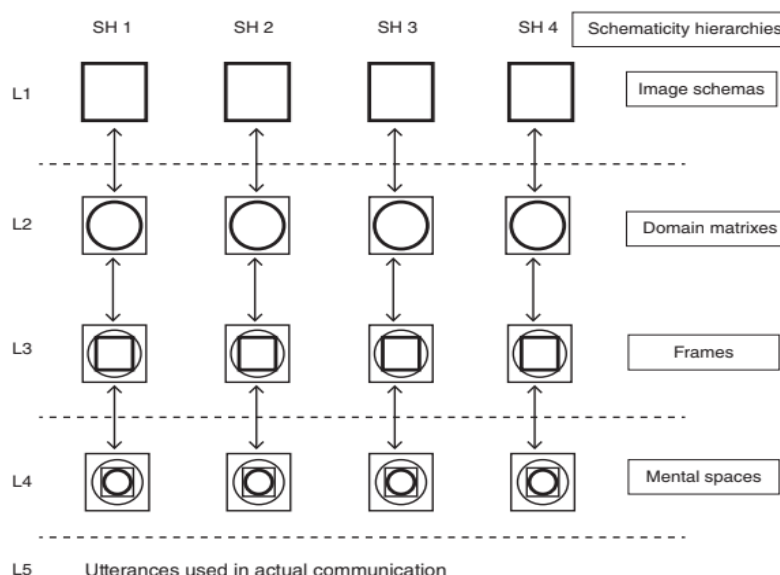
diferenças sutis na forma como os mapeamentos são formulados pode indicar, por meio da análise das lexias e do contexto, que a intensidade da raiva é variável. Kövecses (2020, p. 04, tradução nossa), explicita que:

O conjunto genérico de mapeamentos é sistemático no sentido de que captura uma visão coerente do fogo que é mapeada para a raiva: Há uma coisa que não está queimando. Um evento acontece (causa do fogo) que faz com que o fogo venha a existir. Agora a coisa está queimando. O fogo pode queimar em vários graus de intensidade. Da mesma forma para a raiva: Há uma pessoa que não está com raiva. Um evento acontece que faz com que a pessoa fique com raiva. A pessoa está agora em estado de raiva. A intensidade da raiva é variável.²⁵

Dessa maneira, Kövecses estabelece um mapeamento que pertence ao foco do significado principal e difere da proposta de Lakoff (1990) na sua hipótese da invariância, e daquela de Grady (1997) acerca do mapeamento de partes do domínio fonte com base em Metáforas Primárias.

A hierarquia esquemática proposta por Kövecses (2020) é a seguinte:

Imagem 7: Interações usadas na comunicação e níveis de esquematicidade



Fonte: Kövecses, 2020, p. 55.²⁶

²⁵The generic set of mappings is systematic in the sense that it captures a coherent view of fire that is mapped onto anger: There is a thing that is not burning. An event happens (cause of fire) that causes the fire to come into existence. Now the thing is burning. The fire can burn at various degrees of intensity. Similarly for anger: There is a person who is not angry. An event happens that causes the person to become angry. The person is now in the state of anger. The intensity of the anger is variable (Kövecses, 2020, p. 04).

²⁶ A tradução começa por 'Schematicity Hierarchies' e vai de cima para baixo: Esquematicidade Hierárquica; Esquemas Imagéticos; Matrices de Domínios; Frames e Espaços Mentais. Declarações Usadas na Comunicação

A metodologia proposta pela abordagem multinível da metáfora deságua em pontos importantes para esta dissertação, pois a linguagem, assim como os conceitos e categorias mobilizadas em uma determinada realidade metafórica afetam a maneira como pensamos e como o assunto é descrito, resultando em visões diversas e criando realidades muito diferentes, já que o ponto de partida para compreender como uma situação é abordada faz parte da implicação da existência de dois domínios – um fonte e o outro alvo. Estudar a metáfora, portanto, implica estudar a própria organização da língua como fenômeno discursivo. Kövecses (2020, p. 7, tradução nossa) assim exemplifica tal processo:

Quando anúncios de, digamos, desodorantes prometem “proteção 24 horas”, eles nos fazem ver um desodorante como nosso ajudante ou aliado em uma luta ou guerra contra um inimigo. O inimigo não é outro senão o nosso próprio odor corporal. Então, se não pensávamos em nosso odor corporal como nosso inimigo antes, ou seja, como algo contra o qual temos que ser protegidos, os anúncios podem facilmente nos fazer vê-lo como tal. Dessa maneira, as metáforas usadas em anúncios e em outros lugares podem criar novas realidades para nós.²⁷

Ademais, a abordagem proposta por Kövecses (2020) leva em consideração um quadro mais completo da criatividade metafórica, quando reflete sobre metáforas cotidianas que não se encaixam em uma metáfora conceptual pré-estabelecida, reconhecendo a importância não apenas da cultura, mas também do contexto, ou melhor, dos contextos.

4.2 Metáfora Induzida pelo Contexto Discursivo

A abordagem cognitivista da semântica tem seus interesses pautados na concepção da linguagem como parte da capacidade cognitiva humana, ou seja, na construção dos sentidos advindos dos processamentos conceptuais.

Destarte, várias abordagens somam-se pelo mesmo viés, compondo a ampla relação de teorias que auxiliam na compreensão dos conteúdos da cognição pela observação da linguagem expressa/manifesta.

Atual.

²⁷When advertisements for, say, deodorants promise “24-hour protection,” they make us see a deodorant as our helper or ally in a fight or war against an enemy. The enemy is no other than our own body odor. So if we did not think of our body odor as our enemy before, i.e., as something we have to be protected against, the advertisements can easily make us view it as such. In this manner, the metaphors used in advertisements and elsewhere can create new realities for us (Kövecses, 2020, p. 07).

Ao optar por um estudo da metáfora no discurso, os pesquisadores se defrontam com seus aspectos multidimensionais e com vários desafios que incluem questões teórico-metodológicas. Assim, com base na necessidade de rigor na análise de aspectos considerados muito complexos, desenvolvem suas próprias propostas de procedimentos metodológicos, de modo a atender as especificidades do seu objeto selecionado para estudo. Esse foi o caso de Cameron (2007), Cameron *et al.* (2009), Cameron e Maslen (2010), do Grupo Pragglejaz (2007), de Cameron e Deignan (2009), dentre outros, que optaram por desenvolver propostas que objetivam a identificação e análise das metáforas no discurso, no qual não só se articulam aspectos cognitivos e pragmáticos, mas também emergem metáforas.

Por considerar o discurso o lócus da metáfora, Cameron *et al.* (2003) e Cameron e Maslen (2010) propõem um arcabouço teórico alternativo baseado no discurso, para investigar como a metáfora funciona. Tanto a informação quanto a inspiração para elaboração dessa proposta, segundo Cameron e Maslen (2010), têm origem na Teoria da Metáfora Conceptual, mas há divergências quanto à metáfora como resultado de domínios conceituais subjacentes ao uso real da metáfora na linguagem, ou seja, como uma instanciamento de uma determinada competência que se caracteriza como fixa e pré-existente.

Já segundo a concepção adotada por Cameron (2007), Cameron *et al.* (2009) e Cameron e Maslen (2010), dentre outros, a metáfora discursiva é vista por diferentes ângulos, pois tem várias dimensões, dentre os quais se destacam, como já aludido, a cognitiva, a afetiva, a corpórea, a sociocultural e a dinâmica, dimensões essas que têm se mostram de grande destaque quando a metáfora é usada como ferramenta de pesquisa. Na interação verbal, as pessoas tendem a expressar suas ideias, sentimentos e emoções por meio da linguagem figurada e, muito especialmente, por expressões de natureza metafórica.

Com base nas contribuições de Cameron (2007), a metáfora começa a ser analisada por seu viés discursivo e, com as contribuições de Kövecses (2020), a percepção do contexto discursivo contribui para análise das metáforas, considerando a construção criativa que envolve o discurso circundante, o conhecimento sobre os principais elementos do discurso e os discursos anteriores. De acordo com Kövecses (2020, p. 97, tradução nossa):

O discurso circundante é simplesmente o contexto linguístico – frequentemente mencionado como ‘cotexto’. Visto pela perspectiva do produtor do discurso (o locutor/o falante), elementos do discurso precedente (seja pelo falante/conceitualizador 1 ou o ouvinte/conceitualizador 2) podem influenciar a

(inconsciente) escolha de metáforas, [...] (Kövecses, 2020, p. 97).²⁸

Dessa maneira, o contexto discursivo, processos de categorização, frames, dentre outros, constituem um método de estudo que apresenta a especificidade do estudo da metáfora em níveis hierárquicos, por meio da relação com o discurso. O *corpus*, portanto, não consiste em um mero ‘recorte’, mas constitui-se de unidades discursivas da linguagem em situação real. Nessa abordagem, a análise metafórica intersecciona a materialidade discursiva localizada no interacionismo simbólico, criando metáforas induzidas pelo contexto que expressam a discursivização da identidade feminina, algumas das constantes interpelações a que o sujeito feminino está exposto na sociedade; a dinâmica entre os micropoderes e as relações de gênero. De acordo com Kövecses (2020, p. 98, tradução nossa):

Certas formas de discurso podem adquirir status dominante em uma comunidade. Quando uma forma dominante de discurso relacionada a um tema emerge, a metáfora usada nesse discurso ou nele baseada pode tornar-se conhecida tanto temporariamente (historicamente) e espacialmente (interculturalmente).²⁹

Kövecses (2020) estabelece um modelo pouco convencional de análise das metáforas, partindo da hipótese de que as metáforas conceituais não sejam apenas conceituais, mas também necessariamente contextuais. A seguir, colocaremos o quadro ilustrativo sobre a articulação da metáfora com os contextos em que ocorrem a partir da análise de Kövecses (2020):

²⁸ The surrounding discourse is simply the linguistic context – often referred to as “cotext.” Viewed from the perspective of the discourse’s producer (the speaker), elements of the preceding discourse (either by the speaker/conceptualizer 1 or the hearer/conceptualizer 2) can influence the (unconscious) choice of metaphors, [...] (Kövecses, 2020, p. 97).

²⁹ Certain forms of discourse can acquire dominant status in a community. When a dominant form of discourse related to a subject matter emerges, the metaphor used in or based on this discourse can become widespread both temporally (historically) and spatially (cross-culturally) (Kövecses, 2020, p. 98).

Imagem 8: Contextos envolvidos e a metáfora

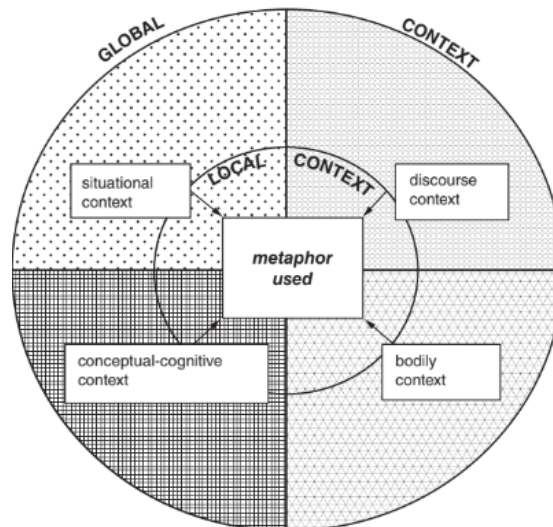


Figure 5.1 Summary of context types
(from Kövecses 2015a)

Fonte: Kövecses, 2020, p. 101.³⁰

Para o autor, a divisão dos contextos que influenciam e afetam a forma como as metáforas são criadas inclui os níveis Global e Local, além dos tipos ou subníveis: situacional, conceptual-cognitivo, discursivo e corporal.

É importante ressaltar que, em sua análise, Kövecses (2020) não define que a operação cognitiva ocorre, necessariamente, de forma consciente, mas já elabora que o contexto global envolve o conhecimento compartilhado por membros de uma comunidade linguística, enquanto o contexto local envolve o conhecimento de uma situação comunicativa específica em andamento. Nesse ponto, os vários tipos de contexto competem potencialmente pela atenção, o que se refere à construção de metáforas particulares que podem ser convencionais ou novas.

4.3 As possíveis interseções entre as abordagens

Concluída a revisão teórica que embasará a análise, buscaremos agora delinear as regularidades entre as abordagens e teorias citadas, em relação às especificidades da Teoria da Metáfora Conceptual Estendida, proposta por Kövecses (2020). Para isso, será apresentado o

³⁰A tradução da imagem começa por 'Global', em movimento circular da direita para a esquerda: Global: (Contexto situacional - Local - Metáfora usada) - (Contexto Conceptual- Cognitivo - Metáfora usada); Contexto: (Contexto discursivo- Metáfora usada) - (Contexto corporal - Metáfora usada).

resumo dos aspectos gerais de cada teoria e os pontos de interseção concernentes aos estudos da metáfora.

É importante ressaltar que o paradigma dos pressupostos teóricos utilizados está incluído na dimensão das Ciências Cognitivas, possibilitando-nos entender a influência e convergência de outros campos do saber no estudo da metáfora. Passemos, a partir deste ponto, às interseções que são pertinentes à nossa análise pela abordagem multinível, ressaltando que, do ponto de vista estudado, há uma direcionalidade das emoções para as crenças, relacionando-se com a Teoria Prototípica alinhada com a percepção das emoções, bem como à categorização por sua percepção gestáltica do protótipo do amor e dos aspectos positivos e negativos que este pode agregar de acordo com o contexto. A respeito das contribuições da ciência cognitiva, Ferrari (2016, p. 27-28) explica:

Tais achados das ciências cognitivas apontam para duas conclusões pouco ortodoxas: em primeiro lugar, evidenciam que a razão humana é uma forma de razão animal, uma razão intimamente ligada a nossos corpos e peculiaridades de nossos cérebros. Segundo, esses resultados informam que nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente fornecem a base, em grande parte inconsciente, de nossa metafísica cotidiana, ou seja, de nosso sentido do que é real.

Isto posto, destacamos que uma parte de nossa categorização pautada na Teoria Prototípica depende de como se dá nosso funcionamento no mundo, já que as “peculiaridades do corpo humano contribuem para as peculiaridades do sistema conceptual”. Assim, concluímos que uma das consequências da razão corporificada é a categorização:

O sistema visual fornece estrutura por meio de mapas topográficos e células sensíveis à orientação, que moldam nossa habilidade de conceptualizar relações espaciais. As habilidades de movimento que possuímos e de perceber o movimento de outros objetos dão ao movimento um papel fundamental em nosso sistema conceptual (Ferrari, 2016, p.28).

A partir do exemplo citado por Ferrari (2016), percebemos como as categorias de amor são utilizadas na perspectiva prototípica, já que a categorização das ‘famílias’ de protótipos para o amor depende da interação com o ambiente, com o sistema corporal e com o contexto cultural, pois percebemos o conceito das emoções mais elaborado (no que tange aos tipos de amor/ nível subordinado), através da vivência de emoções mais específicas (interação com o contexto de violência doméstica).

Na interseção das Teorias das emoções, percebemos as contribuições no que tange à delimitação (ou tentativa de delimitação) dos conceitos de sentimento e emoção, agregando, em certo ponto, a relação desses com a atividade social e com a concepção mais essencial do amor, definido aqui como emoção complexa que envolve níveis de frames, intensidade e reação corporal para sua categorização. Com base nesse entendimento, consideramos que o amor possui uma função de muita importância no âmbito das nossas relações, reconhecendo que todas as culturas têm emoções que se manifestam com base em ideias, princípios, convicções e valores compartilhados, fundamentando avaliações e juízos de valor que nos levam à constatação de que não há emoção sem componentes cognitivos de interpretação. Além disso, vários estudos reiteram os pressupostos de que cérebro e o corpo desempenham um papel importante nas emoções. De acordo com Kövecses (2000, p. 12, tradução nossa):

Isso sugere que as duas abordagens podem se complementar para o benefício de ambas. Às vezes, a abordagem do protótipo é combinada com alguma outra visão do significado emocional. Por exemplo, Wierzbicka (1990) afirma: A definição de um conceito de emoção assume a forma de um cenário prototípico descrevendo não tanto uma situação externa, mas uma estrutura cognitiva altamente abstrata: grosso modo, sentir emoção E significa sentir como uma pessoa que tem certos pensamentos (especificáveis), característicos daquela situação particular. (p. 361).³¹

Refletindo sobre a interseção da abordagem fenomenológica nos estudos das concepções de amor, percebemos uma abordagem multidisciplinar sobre como surgem as crenças e como essas integram as concepções arquetípicas do inconsciente coletivo, tomando por base também a importância dos mitos e a mudança cultural que influencia na categorização cognitiva e, por conseguinte, na construção metafórica do modelo cultural de relacionamento. Voltemos, portanto, às metáforas de emoção e aos apontamentos de Kövecses (1990, p. 161, tradução nossa) sobre o trabalho de Lutz (1986) no intuito precípua de detalhar o percurso adotado sobre a emoção:

Ela organizou sua discussão em torno de tópicos como "emoção como o irracional", "emoção como ato não intencional e incontável", "emoção como perigo e vulnerabilidade", "emoção como fisicalidade", "emoção como fato natural", "emoção como subjetividade", "emoção como feminina" e "emoção como valor". Para dar outro exemplo, Averill (no prelo) examinou de uma perspectiva histórica a

³¹ This suggests that the two approaches could complement each other to the benefit of both. Sometimes the prototype approach is combined with some other view of emotional meaning. For example, Wierzbicka (1990) states: The definition of an emotion concept takes the form of a prototypical scenario describing not so much an external situation as a highly abstract cognitive structure: roughly, to feel emotion E means to feel as a person does who has certain (specifiable) thoughts, characteristic of that particular situation. (p. 361) (Kövecses, 2000, p. 12).

influência das metáforas nas teorias psicológicas da emoção. Cinco tradições principais dentro da teoria psicológica foram delineadas, junto com suas metáforas associadas. Essas tradições eram a fenomenológica (emoção como sentimentos), a psicofisiológica (emoção como respostas corporais), a etológica (emoção como o animal na natureza humana), a psicodinâmica (emoção como doença) e a tradição do impulso (emoção como força motivadora).³²

O estudo metafórico das emoções tem um interessante percurso traçado em torno das tradições em cada abordagem, o que reforça ainda mais a necessidade de um aprofundamento no estudo das metáforas de amor através da cultura e dos contextos, considerando ainda que cada perspectiva adotada revela uma nuance específica para a emoção e, consequentemente, uma metáfora convencional (ou nova) que é percebida no estudo da linguagem em sua relação com a cognição.

Como conclusão desta seção, as considerações teóricas, tal como afirmadas ao longo do trabalho, remetem às considerações feitas em outros campos do saber, tais como os da Teoria da Metáfora Conceptual e seus desdobramentos, dentre os quais a TMCE que, com suas especificidades nos permitem investigar as metáforas das emoções, especialmente aquelas do amor, em suas diferentes dimensões no âmbito da violência doméstica, trazendo considerações relevantes para a identificação, análise e entendimento, em nível interacional e cultural, acerca da emersão de metáforas no discurso das vítimas diretas daquela violência contra a mulher. Vale ressaltar que o estado da arte, no que compete ao estudo de metáforas do amor no discurso de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, revela um campo pouco explorado no Brasil, especialmente do que diz respeito à confluência de estudos inter-trans-multidisciplinares que abarcam os estudos cognitivos com foco na linguagem.

A próxima seção abordará conceitos de outras teorias da Linguística Cognitiva que se mostram pertinentes para a análise das metáforas. Apresentaremos, assim, uma breve definição dos conceitos adotados para elucidar as categorias de análise propostas, ou seja, os conceitos e teorias na próxima seção serão utilizados para esclarecimento da análise proposta, sem a intenção de maior aprofundamento de cada abordagem em si, já que já definimos nossa

³²She organized her discussion around such topics as "emotion as the irrational," "emotion as unintended and uncontrollable act," "emotion as danger and vulnerability," "emotion as physicality," "emotion as natural fact," "emotion as subjectivity," "emotion as female," and "emotion as value." To take another example, Averill (in press) examined from an historical perspective the influence of metaphors on psychological theories of emotion. Five main traditions within psychological theory were delineated, along with their associated metaphors. These traditions were the phenomenological (emotion as feelings), the psychophysiological (emotion as bodily responses), the ethological (emotion as the animal in human nature), the psychodynamic (emotion as disease), and the drive tradition (emotion as motivating force) (Kövecses, 1990, p. 161).

opção pela hierarquia taxonômica de análise para chegar a um aprofundamento de estudo metafórico.

5 CONCEITOS ADOTADOS NA INVESTIGAÇÃO

São relevantes, para nossa análise, os conceitos de Domínios Cognitivos, Esquemas Imagéticos e *Frames*, sobre os quais tecemos algumas considerações. Vale ressaltar que não realizaremos nossas análises com ancoragem nas teorias discutidas nesta seção, mas adotaremos os conceitos apresentados como uma hierarquia de análise do fenômeno metafórico no seu todo, de acordo com a metodologia proposta por Kövecses (2020).

Por conta disso, incluímos a seção de Conceitos Adotados na Investigação como possibilidade de esclarecer os pontos levantados pela análise, sem o maior aprofundamento e detalhamento que a ampla gama de possibilidades teóricas e conceitos no campo da Linguística Cognitiva nos possibilitaria, no intuito de construirmos uma ponte teórica mais completa sobre a metáfora.

5.1 Domínios Cognitivos

A conceituação de domínio para a abordagem da Linguística Cognitiva refere-se a qualquer segmento coerente da experiência, ou seja, quando destacamos um objeto de análise, percebemos que um mesmo objeto pode ser percebido por domínios diferentes, evocando segmentos vindos de mais de uma experiência com o mesmo objeto e, quando um domínio conceptual é entendido em termos de outro, chamamos de “metáfora conceptual”. Portanto, a conceptualização de domínios abstratos (alvo) é feita a partir de domínios concretos (fonte) e essa relação é feita por elementos constitutivos da metáfora, como o tópico e o veículo metafórico. “O tópico é a entidade da qual se fala na metáfora, e o veículo é a expressão linguística que predica algo sobre o tópico. O tópico é também chamado de alvo ou domínio alvo, e o veículo é também chamado de fonte ou domínio fonte” (Moura, 2005, p.52).

Visto que nosso pensamento é essencialmente metafórico, de acordo com pesquisas desenvolvidas por Kövecses (2010), tem-se uma lista dos domínios-fonte e domínios-alvo mais usados nas metáforas. Cabe ressaltar que a tese da Unidirecionalidade proposta inicialmente por Lakoff e Johnson (1980) é contestada por uma interpretação menos linear quanto à proposta na TMC, pois o processo de categorização humana não obedece pontualmente ao dualismo Concreto x Abstrato de um modo previsível, constituindo-se como parte da cultura e da interação humana, de modo que as projeções podem ocorrer de maneira gradual, cíclica e multidirecional, bem como a Teoria da Mesclagem Conceptual, proposta por

Fauconnier e Turner (2002), e a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1997), sugerem. Nesse sentido, segue o quadro de domínios Fonte e Alvo abaixo:

Quadro 6: DOMÍNIOS FONTE e ALVO

DOMÍNIO FONTE	DOMÍNIO ALVO
CORPO HUMANO	EMOÇÕES
SAÚDE E DOENÇA	DESEJO
ANIMAIS	MORALIDADE
PLANTAS	PENSAMENTO
PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	SOCIEDADE/ NAÇÃO
JOGOS E ESPORTES	POLÍTICA
DINHEIRO E TRANSAÇÕES ECONÔMICAS	ECONOMIA
COZINHA E COMIDA	RELACIONAMENTOS HUMANOS
CALOR E FRIO	COMUNICAÇÃO
LUZ E ESCURIDÃO	TEMPO
FORÇAS	VIDA/ MORTE
MOVIMENTO	RELIGIÃO
DIREÇÃO	EVENTOS E AÇÕES

Fonte: Adaptado de Kövecses (2010, p. 4)

Os domínios são esquematizados à medida que temos, por exemplo, no esquema imagético de CONTAINER, os domínios entrar/sair; fundo/raso; na relação de estados da depressão. E são complexos à medida que evocam outros domínios para se pensar o mesmo objeto. Segundo Kövecses (2020, p.54, tradução nossa):

Pode-se sugerir que *frames* envolvem mais informações conceitualmente específicas do que domínios. Por exemplo, o domínio do corpo pode ser visto como sendo elaborado por vários *frames* distintos, como percepção, ingestão e exercício (ver Sullivan 2013). Esses *frames* são responsáveis por expressões linguísticas metafóricas como I see what you mean (percepção), digest an idea (ingestão) e a mental exercise (exercising) (Sullivan 2013). Juntos, eles compõem o que é conhecido como a metáfora de nível genérico: a mente é o corpo (ver Johnson 1987; Sweetser 1990). Em geral, os *frames* que elaboram um domínio consistem em papéis

e relações entre os papéis e os papéis podem ser preenchidos por valores particulares.³³

A distinção entre Domínios, *Frames* ou Modelos Cognitivos, é, portanto, aparentemente confusa, como aponta o próprio Lakoff (1987), mas é possível distingui-los em termos de esquematicidade.

5.2 Esquemas Imagéticos

A noção de esquemas imagéticos proposta por Lakoff (1987, 1990) refere-se a imagens mentais originadas de conhecimentos sensório-motores do ser humano, que são esquematizadas e estão disponíveis na memória para serem aplicadas a domínios. Essas imagens esquemáticas são partilhadas por quase todos, visto que se originam de construções gerais. Assim, ruas como veias das cidades; esqueletos como estruturas; estreitamento como engarrafamento; raízes como origem estão na base de muitos dos processos figurativos que operam nos enunciados. (Chiavegatto, 2009).

Quadro 7: Metáfora A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora:

A VIDA É UMA VIAGEM

Conceitualizações:

A Vida é entendida como um caminho
Viagem é a ação que ocorre nesse caminho

Domínio:	Esquema Imagético:
VIDA	PERCURSO
Experiência Sensorial:	Experiência Perceptiva:
Mudanças que ocorrem	Observação dos acontecimentos durante

³³It can be suggested that frames involve more conceptually specific information than domains. For example, the body domain can be seen as being elaborated by several distinct frames, such as perception, ingestion, and exercising (see Sullivan 2013). These frames account for such metaphorical linguistic expressions as I see what you mean (perception), digest an idea (ingestion), and a mental exercise (exercising) (Sullivan 2013). Together, they make up what is known as the generic-level metaphor the mind is the body (see Johnson 1987; Sweetser 1990). In general, the frames elaborating a domain consist of roles and relations between the roles and the roles can be filled by particular values (Kövecses, 2020, p.54).

	a vida / antes da morte
--	-------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

No esquema acima é possível identificar “A VIDA É” como sendo o tópico, o domínio abstrato ou ainda o domínio alvo, da metáfora (parte não metafórica), e “UMA VIAGEM” como ligado ao esquema imagético de PERCURSO. A linguagem é, portanto, secundária, pois é uma manifestação do pensamento que, em termos de conteúdos cognitivos, é essencialmente metafórico.

Sobre os Esquemas Imagéticos, Kövecses (2020, p. 53, tradução nossa) elabora:

Esquemas de imagem são estruturas conceituais essenciais que imbuem a experiência com significado (cf. Johnson 1987; Lakoff 1987). Com base na literatura sobre esquemas de imagem, Hampe (2005: 1–2) encontra quatro características de esquemas de imagem especialmente características. Eu as apresento aqui de uma forma um tanto simplificada. Esquemas de imagem são estruturas pré-conceituais diretamente significativas; gestalts altamente esquemáticas; padrões analógicos contínuos; estruturados internamente, consistindo de apenas algumas partes. Devido à sua natureza altamente esquemática, os esquemas de imagem abrangem todo o sistema conceitual, tornando uma ampla variedade de conceitos e experiências significativas.³⁴

Nesse sentido, constatamos que é possível que mais de um esquema imagético respalde um conceito, criando uma ampla variedade de experiências significativas, como o conceito de Corpo que pressupõe o esquema de Container (expressamente em casos de emoções), Verticalidade (CIMA-BAIXO) e EQUILÍBRIO (corpo como base).

5.3 *Frames*

A Linguística Cognitiva investiga as estruturas de conhecimento evocadas por uma palavra ou conjunto de palavras. Essas estruturas são responsáveis por armazenar o conhecimento na memória de longo prazo e esquematizá-lo, relacionando elementos e entidades da experiência humana. O conceito de *Frames* torna-se mais claro quando

³⁴Image schemas are essential conceptual structures that imbue experience with meaning (cf. Johnson 1987; Lakoff 1987). Based on the literature on image schemas, Hampe (2005: 1–2) finds four features of image schemas especially characteristic. I present them here in a somewhat simplified form. Image schemas are directly meaningful preconceptual structures; highly schematic gestalts; continuous analogue patterns; internally structured, consisting of only a few parts. Because of their highly schematic nature, image schemas range over the entire conceptual system making a wide variety of concepts and experiences meaningful (Köveses, 2020, p.53)

relacionado ao termo “enquadre”, pois trata-se de um recorte das múltiplas semioses contidas na palavra. Tal recorte será utilizado para interpretar o conhecimento no momento da comunicação, explorando o termo baseado no conjunto de conhecimentos específicos do evento relacionado, de tal forma que o espaço passa a ser articulado em função da Gestalt de percepção. Portanto, dar ao objeto características que o restringem no pensamento seria criar *Frames* e esse encadeamento seria baseado em uma versão idealizada do mundo, pois não incluiria todos os enquadramentos possíveis no mundo real.

De acordo com Fillmore (2009 [1982], *apud* Lima; Miranda, 2013, p. 3):

As palavras que evocam *frames* em um texto revelam a multiplicidade de maneiras com que o falante ou o autor esquematiza a situação e induzem o ouvinte a construir uma tal visualização do mundo textual que motive ou explique os atos de categorização expressos pelas escolhas lexicais observadas no texto.

Com base nos estudos de Fillmore (1976; 1982) e Duque (2015), podemos dividir o *frame* em três aspectos: o *frame* de fundo, o *frame* interacional e o *frame* social. O primeiro *frame*, o de fundo é o modelo base, sem a influência de contexto, no qual a gradiência da prototipicidade é embasada para adquirir propriedades específicas; o frame interacional, por sua vez, é associado à comunicação e à intenção do falante; enquanto o último, o frame social, reverbera nos cenários e na categorização social. De acordo com Duque (2015, p. 36):

Ao projetarmos o papel padre, do frame IGREJA, a partir do papel pai, do *frame* FAMÍLIA, por exemplo, transferimos também os atributos estabelecidos culturalmente para este papel, ou seja, o pai que distingue o certo do errado; o pai como autoridade máxima e que deve ser mantida; o pai que protege e dá apoio; o pai que pune por desobediência; o pai que exige disciplina; o pai que ensina o filho a ser responsável pelos seus próprios atos e a lutar para satisfazer seus próprios interesses.

Diante das contribuições de Duque (2015), percebemos que os *frames* sociais levam em consideração a idealização de atributos de uma categoria, ou seja, uma estereotipia em relação ao nosso comportamento e nossas expectativas sociais.

Por fim, sobre a relação dos Esquemas Imagéticos e dos *Frames*, de acordo com Santos (2013, p.31-32):

Podemos dizer, portanto, que os esquemas imagéticos nos auxiliam na compreensão de esquemas de base, sendo que os *frames* ditam as normas que compõem o “grande cenário” em que nos inserimos, bem como nos orientam no modo como devemos

proceder em cada situação. Como no exemplo proposto por Duque e Costa (2012), o esquema CONTÊINER nos auxilia na compreensão de que uma coisa pode estar inserida na outra: “o leite está na geladeira”. O *frame* faz com que processemos as informações de modo a procurarmos o leite na geladeira, ao invés de procurarmos no guarda-roupa. Em outras palavras, o *frame* nos auxilia a criar coerência para as experiências básicas de nosso cotidiano.

Concluída esta seção, na qual tratamos dos conceitos adotados na investigação e ressaltamos que a noção de domínios ajuda a identificar as áreas de conhecimento relevantes para a metáfora, permitindo o entendimento de que as relações entre os conceitos e os objetos acontecem dentro de um domínio específico. No caso dos *frames*, o conceito ajuda-nos a entender como as metáforas são estruturadas e como elas se relacionam com conceitos e objetos no âmbito de um domínio, permitindo uma análise mais sistemática e rigorosa. No caso dos Esquemas imagéticos, fica o entendimento de que se trata de um conceito adotado como ajuda para o entendimento tanto de como as metáforas do amor são representadas mentalmente quanto como elas se relacionam com as experiências sensoriais e perceptivas, permitindo-nos explorar as dimensões visuais e espaciais das metáforas. Destarte, os conceitos adotados na investigação serão utilizados não como pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, mas como conceitos que respaldam nossas categorias de análise, a fim de entender, em termos de bases estruturais, a interpretação dos dados metafóricos, de acordo com sua esquematicidade.

6 METODOLOGIA

Concluída a revisão da obra que fundamenta teoricamente esta dissertação, entendemos que diversos questionamentos acerca da TMC e das demais teorias que nela se fundamentam possuem lacunas a serem preenchidas e que essas abrem um leque de possibilidades para se pensar, de forma estendida, na criação e compreensão da metáfora.

Kövecses (2020) estabelece uma série de questionamentos vindos de um percurso de estudo em outras teorias que trabalham a metáfora, destacando, dentre elas, três que se revelam especialmente interessantes para a adoção da abordagem multinível da metáfora nesta dissertação:

(d) E se esclarecermos com sucesso a questão do nível conceitual apropriado para metáforas conceituais, quais seriam as implicações disso? Haveria alguma repercussão significativa para a CMT? Por exemplo, isso mudaria a maneira como pensamos sobre a metodologia de estudo da metáfora? (p.19); (i) Embora seja verdade que as teorias de compreensão de metáforas fazem uso extensivo da noção de contexto, as teorias de produção de metáforas dentro da CMT ignoraram quase completamente a noção. É possível propor uma teoria de metáforas conceituais dentro do paradigma linguístico cognitivo que integraria o contexto da produção de metáforas na CMT? (p.20); (j) A ideia principal da CMT é a corporificação na qual as metáforas primárias são baseadas. Embora claramente crucial, pode-se legitimamente levantar questões sobre a exclusividade da corporificação na CMT. Não é concebível que existam fatores adicionais que desempenham um papel importante na criação de metáforas – tanto conceituais quanto linguísticas?³⁵

Consideramos, portanto, importante e necessário, analisar as relações existentes entre a linguagem e a cognição humana que propiciam a manifestação de metáforas nos casos de violência doméstica conjugal, especialmente no relato de mulheres que são suas vítimas diretas, com foco no contexto, para além de seu uso no entendimento das metáforas, mas como fator importante na criação dessas. Nesse sentido, busca-se observar, compreender e descrever as ocorrências metafóricas empregadas, bem como entender o papel do contexto

³⁵(d) And if we successfully clarify the issue of the appropriate conceptual level for conceptual metaphors, what would be the implications of this? Would there be any significant repercussions for CMT at all? For example, would it change the way we think about the methodology of studying metaphor? (p.19); (i) Though it is true that theories of metaphor comprehension make extensive use of the notion of context, theories of metaphor production within CMT have almost completely ignored the notion. Is it possible to propose a theory of conceptual metaphors within the cognitive linguistic paradigm that would integrate the context of metaphor production into CMT? (p.20); (j) The major idea of CMT is embodiment on which primary metaphors are based. While clearly crucial, one can legitimately raise questions about the exclusivity of embodiment in CMT. Isn't it conceivable that there are additional factors that play an important role in the creation of metaphors – both conceptual and linguistic? (Kövecses, 2020, p. 20).

para discorrer sobre experiências de emoção e sobre a concepção de amor que as vítimas empregam.

Para obter tais respostas, traçamos como percurso: investigar as metáforas de amor em registros do Grupo Focal no material colhido da tese de Carneiro (2014) e da entrevista publicada na tese de Damacena (2021), como forma de buscar a expressão das ideias sobre o amor no discurso das vítimas; a coleta, portanto, contou com os dados relatados pelas próprias informantes, de acordo com o roteiro de entrevistas organizado e aplicado por Carneiro (2014) e Damacena (2021) nas dependências de casas abrigo.

A pesquisa é qualitativa de caráter descritivo-exploratório e nos permitiu não apenas investigar o fenômeno metafórico com mais especificidade, mas entender que o mapeamento específico dos dados não parte de variáveis simples, mas de contextos cotidianos complexos (global e local), que envolvem: índices alarmantes de violência doméstica contra a mulher; altos índices de feminicídios; silenciamentos aos quais a figura feminina é frequentemente submetida em diversos âmbitos na sociedade etc., de acordo com dados disponíveis nos vários órgãos voltados para políticas de combate e redução dos seus índices, além das experiências vivenciadas por essas mulheres, experiências sofridas que se refletem na maneira como a vítima percebe, concebe, julga, conceitua e qualifica os acontecimentos por ela vivenciados. Nesse aspecto, o valor-moralidade, ou seja, forma de medir valor por meio de escalas de intensidade ou importância, é inerente à forma de ver o mundo que constitui a conceptualização da realidade de cada vítima.

O procedimento metodológico adotado por Kövecses (2020) estabelece que levemos em conta uma estrutura maior no sistema conceitual com hierarquias temáticas, *frames*, e operações de esquematização e especialização (elaboração). Ou seja, um elemento do frame é generalizado e se torna o domínio fonte da metáfora, enquanto o outro se torna o seu domínio alvo. De acordo com Kövecses (2020, p. 38, tradução nossa):

A metáfora conceitual triste é para baixo resultante da generalização, ou esquematização, de várias respostas comportamentais motivadas, ou, para usar terminologia linguística cognitiva diferente, licenças, ou sanções, uma série de expressões linguísticas metafóricas, como "sentir-se para baixo", "estar desanimado", e semelhantes. Mas, possivelmente com base nessa generalização, podemos desenvolver mais conceptualizações metafóricas da seguinte maneira: A noção de para baixo pode ser elaborada por um grande número de instâncias mais específicas de espaço que não têm nada a ver com tristeza como concebida no quadro de tristeza, incluindo lugares com uma orientação para baixo, como poços (resultando em "estar nos poços"), lixões (resultando em "estar para baixo nos lixões"), e semelhantes. Esta é a segunda maneira pela qual a orientação corporal

para baixo pode levar à conceitualização metafórica.³⁶

Nesse sentido, seguindo parcialmente a metodologia empregada pelo autor, organizamos a análise por uma base de taxonomia hierárquica (conforme proposta por Kövecses 2020), para, então, fazermos a análise do nível mais esquemático: Esquemas Imagéticos, Domínios e Frames. A respeito dessa hierarquia de análise, Kövecses (2020, p. 69, tradução nossa) explica:

ao mesmo tempo, minha proposta geral é que sempre que usarmos metáforas on-line nos espaços mentais, ou nível individual, só podemos fazer isso confiando no nível de frames, domínios ou esquemas de imagem, ou seja, o nível supraindividual. isso significa que o uso de uma metáfora linguística específica no contexto está vinculado a todo o sistema de conexões (a espaços mentais, frames, domínios, esquemas de imagem) em nosso conhecimento sobre o mundo. Eu hipotetizo que uma metáfora que é usada em uma situação comunicativa específica como parte de um espaço mental, ou cena, ativará a estrutura do quadro à qual está vinculada, que, por sua vez, ativará o domínio do qual o quadro faz parte, e a ativação atingirá o esquema de imagem que conceitualmente suporta o frame.³⁷

O autor também aborda a importância dos fatores contextuais na categoria dos espaços mentais, quando o indivíduo evoca um conhecimento na memória *online* de trabalho. Ademais, desenvolvemos um quadro de análise dos aspectos da emoção, enfocando a concepção de amor no contexto da violência doméstica.

A análise está dividida em três momentos: (i) investigação qualitativa das categorias adotadas na investigação (domínios, frames e esquemas imagéticos) concernente ao discurso das vítimas; (ii) aprofundamento dos sentidos produzidos a partir dessa organização, assim como das categorias cognitivas também ativadas a partir dela, criando quadros de análises

³⁶The conceptual metaphor sad is down resulting from the generalization, or schematization, of various behavioral responses motivates, or, to use different cognitive linguistic terminology, licenses, or sanctions, a number of metaphorical linguistic expressions, such as “to feel down,” “to be in low spirits”, and the like. But, possibly based on this generalization, we can develop further metaphorical conceptualizations in the following way: The notion of down can be elaborated by a large number of more specific instances of space that have nothing to do with sadness as conceived in the sadness frame, including places with a downward orientation, such as pits (resulting in “be in the pits”), dumps (resulting in “be down in the dumps”), and the like. This is the second way in which downward bodily orientation can lead to metaphoric conceptualization (Kövecses, 2020, p.38).

³⁷at the same time, my general proposal is that whenever we use metaphors online at the mental spaces, or individual, level, we can only do this by relying on the level of *frames*, domains, or image schemas, that is, the supraindividual level. this means that the use of a particular linguistic metaphor in context is linked to the entire system of connections (to mental spaces, *frames*, domains, image schemas) in our knowledge about the world. i hypothesize that a metaphor that is used in a specific communicative situation as part of a mental space, or scene, will activate the *frames* structure to which it is linked, which will, in turn, activate the domain of which the *frame* is a part, and the activation will reach the image schema that conceptually supports the *frame* (Kövecses, 2020, p. 69).

para os conceitos tradicionalmente dispostos, de acordo com a abordagem lexical e com o protótipo de amor; e (iii) identificação das metáforas de amor subjacentes às expressões e do papel do contexto de violência doméstica conjugal na criação dessas. Ainda com base nos procedimentos anteriormente realizados, também estabeleceremos os principais aspectos da emoção identificados na concepção de amor nos tópicos discursivos das vítimas diretas, demonstrando que o contexto tem papel importante na criação de metáforas e que estas, transgredidas pelo contexto de violência doméstica, constituem a especificidade do modelo cognitivo de amor das vítimas.

6.1 Caracterização da Pesquisa

As várias abordagens para o estudo da metáfora ao longo dos anos reivindicam, por vezes, uma posição superior em estudos da metáfora com diferentes perspectivas de uso, como, por exemplo: Abordagem intuitiva, Abordagem linguística de corpus, Abordagem lexical, Abordagem analítica do discurso, Abordagem do tipo *Framenet*, Experimentação psicolinguística, Experimentação neurocientífica, Modelagem computacional. Nesse aspecto, levando em conta a Abordagem Analítica do discurso, apontamos para uma análise da metáfora no nível de Esquemas Imagéticos, Domínios e *Frames* e, apesar de Kövecses (2020) considerar a relevância da abordagem empirista da Linguística de corpus com dados linguísticos de falantes reais com ênfase no uso *online* na memória de trabalho para o nível dos Espaços mentais, seguiremos os três níveis (Esquemas Imagéticos, Domínios e *Frames*) junto ao quadro de Aspectos da Emoção, elaborado especificamente para os fins desta pesquisa, acreditando que esse processo atenderá à proposta da dissertação. Sobre essa variedade metodológica, de acordo com Kövecses (2020, p. 88, tradução nossa):

O que dá significado a esses pares de níveis e métodos é triplo: primeiro, não há uma abordagem única que possa ser usada para estudar todos os níveis de metáfora. Segundo, várias abordagens distintas podem ser usadas para estudar o(s) mesmo(s) nível(s), mas elas podem contribuir com insights complementares para ele(s). Terceiro, certas abordagens podem ser mais adequadas para estudar um nível específico do que outras.³⁸

³⁸What lends significance to these pairings of levels and methods is threefold: First, there is no single approach that can be used to study all levels of metaphor. Second, several distinct approaches can be used to study the same level(s), but they can contribute complementary insights to it/them. Third, certain approaches may be better fitted to study a particular level than others (Kövecses, 2020, p. 88).

O conteúdo proposicional do corpus será investigado com base em uma metodologia cara aos estudos da metáfora, a abordagem enciclopédica, que impacta na seleção, categorização e abrangência dos dados. Portanto, a pesquisa também poderá ser classificada como seletiva, uma vez que a seleção das palavras identificadas em cada análise metafórica será feita a partir do interesse em mostrar que algumas colocações implicam certas características do sentido metafórico dessas palavras. Também é importante ressaltar que a abordagem multinível de análise proposta por Kövecses (2020) é composta por uma hierarquia esquemática e que o método lexical é importante para a seleção dos Domínios, Esquemas Imagéticos e *Frames* quando relacionamos cada nível de análise com seus respectivos itens lexicais selecionados nas instâncias de fonte ou alvo.

No propósito de compreender melhor os métodos selecionados, incluímos a seção 6.2 para ilustrar a(s) metodologia(s) escolhida(s) para esta dissertação e salientamos que foram desenvolvidos para esta análise quadros de organização no item 7.1 com base nos Aspectos da emoção nas metáforas identificadas. Os quadros apresentados são úteis por possibilitar um olhar aos valores socioculturais que possuem aspectos psicológicos e são componentes imprescindíveis na descrição do significado e da conceptualização da realidade.

6.2 Método e Análise

A Abordagem Lexical, como método escolhido para a análise, propõe que as palavras, como unidades lexicais independentes, assim como os vários itens lexicais que pertencem a um domínio específico e podem ser compostos por uma expressão lexicalizada, representem “tipos” identificados que se encontram nos níveis descontextualizados, “assim, a abordagem lexical pode revelar uma porção considerável do sistema conceitual metafórico compartilhado em uma comunidade linguística, embora não os sistemas conceituais metafóricos que determinados falantes individuais possuem” (Kövecses, 2020, p. 89, tradução nossa).³⁹De acordo com tal entendimento, o método lexical utilizado dentro da abordagem analítica do discurso é complementar, pois, enquanto, por um lado, a abordagem lexical é utilizada para identificar palavras e expressões mais frequentes no contexto do amor; por outro, a abordagem analítica do discurso é aplicada para analisar como essas palavras e expressões são

³⁹thus the lexical approach can reveal a considerable portion of the shared metaphorical conceptual system in a linguistic community, though not the metaphorical conceptual systems that particular individual speakers possess (Kövecses 2020, p. 89).

usadas para construir uma visão mais ampla do contexto e do discurso, recorrendo, por vezes, a uma ideologia, arquétipo ou resistência.

Assim sendo, as expressões linguísticas mais convencionalizadas em uma língua compõem um acervo de unidades lexicais identificáveis e cruciais para o estudo metafórico nos níveis “subindividual” e “supraindividual” (Kövecses 2002, 2010), a saber: os esquemas Imagéticos, Domínios e *Frames*; em níveis de linguagem descontextualizada.

A abordagem lexical pode revelar as expressões linguísticas metafóricas mais convencionalizadas relacionadas a um domínio alvo (ou seja, os tipos) com base nas quais os pesquisadores podem hipotetizar a existência de correspondências conceituais sistemáticas entre dois domínios – as metáforas conceituais. As metáforas conceituais podem ser assumidas como compartilhadas por falantes de uma língua que adquiriram os tipos de expressão metafórica relacionados a um alvo (Kövecses, 2020, p. 89, tradução nossa).⁴⁰

De acordo com os apontamentos de Kövecses (2017, 2020), a importância da utilização de mais de um dicionário para o método lexical é referente à quantidade de informações relevantes para o estudo dos aspectos metafóricos. Por conta disso, a consulta a dois dicionários, pelo menos, sobre o verbete AMOR foi imprescindível para observarmos o protótipo de amor romântico em nível descontextualizado, assim como os sinônimos existentes para esse arquétipo, levando-nos ao entendimento de que as questões pragmáticas são indispensáveis na análise de metáforas induzidas pelo contexto. Dessa forma, tornou-se viável uma análise comparativa e multifacetada das características convencionalmente relacionadas ao amor romântico, como a intensidade e a passividade. Após a análise proposta na abordagem multinível, reunimos quatro aspectos importantes para este estudo: “o sentido EMOÇÃO, o sentido CAUSA DA EMOÇÃO, o sentido CAUSADOR DA EMOÇÃO e o sentido EFEITO DA EMOÇÃO” (Kövecses, 2017, p. 10, tradução nossa).

⁴⁰The lexical approach can uncover the most conventionalized metaphorical linguistic expressions related to a target domain (i.e., the types) on the basis of which researchers can hypothesize the existence of systematic conceptual correspondences between two domains – the conceptual metaphors. The conceptual metaphors can be assumed to be shared by speakers of a language who have acquired the metaphorical expression types relating to a target (Kövecses, 2020, p. 89).

7 ANÁLISES E RESULTADOS

A título de ilustração, destacamos que, segundo o Dicionário Houaiss (online) de Língua Portuguesa e o Dicionário Dicio (online) de Português, a palavra ‘amor’ tem origem no latim *amor,ōris* no sentido de ‘amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo grande, paixão, objeto amado’. São vários os significados registrados e esses permitem que compreendamos a complexidade de seu significado. Assim, estabelecemos quadros de análise dos significados disponíveis nos dicionários, assim como o quadro de sinônimos, considerando que a importância desse conjunto de sentidos é que revela um protótipo esquemático para o conceito de amor conjugal em nível descontextualizado. Essa relação enfatiza a importância da análise contextual das metáforas, pois o protótipo de amor romântico identificado nos dicionários, assim como no quadro de sinonímia, aponta para uma convencionalidade do amor com características de intensidade e de certa dependência, o que não configura, necessariamente, o protótipo de amor identificado em nossas análises de metáforas em contexto de violência doméstica conjugal. Mesmo que alguns aspectos do amor façam referência à sua significação primária, disposta em dicionário, a frequência de suas características no *corpus* revela um protótipo de amor romântico que inclui aspectos pouco explorados nos dicionários, como controle, dano e investimento, aspectos que serão explicados mais adiante, em nossas análises.

Quadro 8: Significados para o amor - Houaiss (online)

AMOR
1- forma de interação psicológica ou psicobiológica entre pessoas, seja por afinidade imanente, seja por formalidade social 2- atração afetiva ou física que, devido a certa afinidade, um ser manifesta por outro 3- <i>p.ext.</i> força agregadora e protetiva que sentem os membros dos grupos, familiares ou não, entre si 5- comunhão íntima, coesão com o universo, com ou sem conotação religiosa 6- <i>fig.</i> devoção de uma pessoa ou um grupo de pessoas por um ideal concreto ou abstrato; interesse, fascínio, entusiasmo, veneração 4- <i>p.met.</i> a pessoa ou a coisa amada ou apreciada (tb. us. no pl.) 8- demonstração de zelo, dedicação; fidelidade

Fonte: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1

Quadro 9: Significados para o amor - Dicio(online)

AMOR

- 1-Sentimento que faz com que uma pessoa queira o bem de outra: ao vê-la bem senti amor.
- 2-Sentimento apaixonado por outra pessoa
- 3- Sentimento de afeição viva por; afeto: o amor a Deus, ao próximo.
- 4- Sentimento de adoração em relação a algo específico (real ou abstrato); esse ideal de adoração
- 4-*p. met.* a pessoa ou a coisa amada ou apreciada (tb. us. no pl.)
- 5- Sentimento de afeição intensa que leva alguém a querer o que, segundo ela, é bonito, digno, esplendoroso
- 6-Sentimento de afeto que faz com que uma pessoa queira estar com outra, protegendo, cuidando e conservando sua companhia.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/amor/>

Quadro 10: Sinônimos para o amor

Sentido	Sinônimos
Ter carinho por alguém:	carinho, afeição, afeto, amizade, apego, afabilidade, fraternidade, simpatia, ternura, afinidade, apreço, bem-querer, benquerença, estima, afeiçoamento, inclinação.
Sentir atração física:	atração, paixão, chama, desejo, fogo, excitação fascínio, volúpia, interesse, ardor, flama, lascívia, tentação.
Manter um relacionamento com alguém:	relacionamento, namoro, romance, vínculo, chamego, dengo, fuxico, galanteio, namoramento, enamoramento, namorico, paixoneta, elo, laço, aventura, caso, lance.
Ter devoção a algo ou a alguém:	devoção, adoração, veneração, idolatria, respeito, culto, entusiasmo, loucura, mania.
Ato de se dedicar a algo ou a alguém:	dedicação, atenção, cuidado, consideração, empenho, aplicação, diligência, benevolência, desvelo, devotamento, fidelidade, zelo.
Ter ambição por algo:	ambição, avidez, apetite, cobiça, fome, ganância, sede, sofreguidão, usura, cupidez, concupiscência.
Relativo ao ato sexual:	relação, sexo, ato sexual, coito, cópula, copulação, acasalamento, intercuro.

Fonte: <https://www.sinonimos.com.br/amor/>

É interessante ressaltar que os vários conceitos dispostos nos dicionários não implicam que devam, necessariamente, estar todos presentes para que se descreva corretamente o amor ou venha a se referir a alguém como apaixonado. É possível, por exemplo, estar verdadeiramente amando alguém mesmo que o indivíduo não sinta o desejo sexual pela pessoa, mas entende-se que o suficiente de outros atributos esteja presente para que se caracterize o amor. Nesse aspecto, o modelo ideal de amor pode distinguir-se devido ao contexto, ao mesmo tempo que pode ramificar-se (amor romântico, cortês, realista, próprio), de acordo com a intensidade dos demais conceitos dispostos sobre o amor.

Nos demais conceitos que integram o amor, percebemos que a afeição, a intimidade e a proteção mostram-se como conceitos inerentes ao amor, tomando por base a especificação de ‘inerentes’ como conceitos que chegam mais perto de serem necessários para que caracterize a emoção/sentimento. Nossa análise fundamentar-se-á nos excertos recolhidos da tese de Carneiro (2014), cuja temática de pesquisa envolveu metáforas sistemáticas da violência, no contexto de violência doméstica conjugal cuja interação verbal em Grupo Focal realizado, na cidade de São Luís, capital do Maranhão, com colaboradoras, que se encontram na Casa de Apoio do Tribunal de Justiça do Maranhão; bem como nos excertos da entrevista publicada na tese de Damacena (2021), cujo estudo enfoca a análise discursiva da violência doméstica infligida às colaboradoras, especificamente, as que se encontravam na Casa de Apoio Mirabal. É importante ressaltar que a importância do *corpus* extraído de entrevistas com colaboradoras que abrigadas nas Casas de Apoio, já que, ao oferecer apoio emocional e psicológico, essas casas de apoio favorecem a reconstrução da autoestima e o desenvolvimento da imagem positiva da vítima para si mesma, sendo um lugar fundamental para a proteção e empoderamento, o que refletiu no aparecimento da perspectiva de amor-próprio nas vítimas.

Seguiremos na análise proposta com os excertos recolhidos da tese de Carneiro (2014), com trechos recolhidos da transcrição da gravação em áudio em momento de interação verbal entre essas colaboradoras e, em seguida, analisaremos os excertos recolhidos da tese de Damacena (2021), com trechos recolhidos da entrevista de mais três colaboradoras. Os dados elencados para análise contam com sigilo total das informantes e nomes fictícios para o uso nas teses publicadas nas BDTDs das IES onde foram defendidas.

Ressaltamos que todas as colaboradoras sofreram violência doméstica conjugal, são caracterizadas como vítimas diretas e todas estavam em Casas de Apoio, tanto no momento, da sessão do grupo focal em São Luís, quanto das entrevistas em Porto Alegre. Assim, seguiremos na análise:

Excerto 28 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: CIÚMES

3475	ACÁCIA: Eu acho que ciúme é uma-
3476	BROMÉLIA: Eu não me acho uma gata, assim.
3477	Eu sou segura.
3478	Graças a Deus
3479	minha auto estima é alta.
3480	DÁLIA: Pois é,
3481	insegurança.
3482	BROMÉLIA: Mas eu não me acho uma gata,
3483	assim,
3484	pro cara me matar de ciúme não.

Fonte: Carneiro (2014, p. 189)

A matriz de domínio do amor no excerto acima é construída por dois conceitos esquemáticos relacionados ao amor. Especificamente o amor conjugal, na **perspectiva 1**, possui domínio-fonte CORPO HUMANO e domínio-alvo ANIMAL. O esquema imagético CHEIO-VAZIO que precisa do esquema RECIPIENTE para complementar sua noção é comumente associado às emoções e releva o aspecto da intensidade. Assim, “matar de ciúme” é *estar cheio de ciúmes*. O domínio é constituído do frame relacionado ao modo como organizamos nossa percepção do mundo, sendo os frames: animal, posse, recipiente, emoção e violência associados ao frame alvo de relacionamento amoroso no contexto de violência doméstica. Assim, sintetizamos o quadro:

Quadro 11: Esquematicidade (Excerto 1)

Metáfora: MATAR DE CIÚME É EXCESSO DE AMOR - PESSOA AMADA É ANIMAL
Esquema Imagético: cheio-vazio -> RECIPIENTE
Domínio fonte: animal - Domínio alvo: Pessoa amada/amor
Frame: animal, posse, emoção e violência

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 12: Aspectos da emoção

Amor (Excerto 1) - Aspectos	Amor (Excerto 1) - Tópico Discursivo
Existência: EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSE DE UM OBJETO	CIÚMES
Intensidade: INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO	
Passividade: EXPERIÊNCIA PASSIVA É O EFEITO FÍSICO DA FORÇA	

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Carneiro (2014, p. 190), na perspectiva das Metáforas Sistemáticas, percebemos a metáfora **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL**, além disso, por um rastreio da concepção de amor na fala da vítima direta, encontramos as metáforas **MATAR DE CIÚME É EXCESSO DE AMOR** e **PESSOA AMADA É ANIMAL**. É interessante ressaltar que a perspectiva adotada pela pesquisadora integra a ampla dimensão do estudo metafórico na fala das vítimas diretas, visto que a inclinação inicial de estudo das metáforas leva em consideração a concepção da violência em si; enquanto o estudo aqui apresentado tem um olhar voltado para a concepção do amor no contexto dessa violência.

A análise do amor na **perspectiva 2** trata aqui do amor-próprio: **“eu não me acho uma gata, assim. Eu sou segura. [...] minha autoestima é alta [...]”**, mapeamos a metáfora **AMOR-PRÓPRIO É CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA**, nesse aspecto, temos o esquema imagético de Verticalidade, complementando a noção do amor-próprio como algo elevado e o frame de Amor-próprio como Autoestima e de Autoconfiança como Força interior (frame interacional⁴¹):

Quadro 13: Esquematicidade (Excerto 1)

Metáfora: AMOR-PRÓPRIO É CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA
Esquema Imagético: VERTICALIDADE
Domínio Fonte: construção arquitetônica - Domínio alvo: amor
Frame: autoestima/autoconfiança/ força interior

⁴¹Duque (2015, p. 34) dispõe sobre frames interacionais, definindo-os como conceptualização de uma situação que inclui “o conhecimento das intenções do falante/escritor e as rotinas dos eventos de fala, o que contribui para a compreensão do intercâmbio conversacional.”

Na metáfora conceptual acima, temos o amor-próprio (autoestima) como uma fundamentação, base sólida de uma construção frágil e instável que deverá ser construída e fortalecida com o tempo, a metáfora sugere que a autoestima deva ser reforçada para manter sua estrutura. O esquema imagético enfatiza a perspectiva adotada, já que a noção de verticalidade sugere que a altura simboliza a confiança, segurança e autoestima; portanto, o amor-próprio é percebido como algo elevado; já o frame interacional citado é elucidado, contextualmente, na expressão “**eu sou segura**”, sugerindo que a sensação de estabilidade e firmeza vem de dentro e que a autorreflexão é fundamental para que a mulher possa desenvolver confiança e se sentir segura, exercendo sua autonomia, já que a pessoa não depende de outros para se sentir segura. É interessante ressaltar que o *frame* ativado é interacional, pois se trata de um acionamento de *frame* que orienta a expectativa no discurso, visto que a participante estava em um grupo focal e que, em sua fala, nesse excerto, houve a colaboração das participantes Dália e Acácia. Nesse sentido, Duque (2015, p. 26) elabora: “Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso,” reforçando que a inferência de *frame* de autoconfiança e força interior só é possível se levarmos em consideração a expectativa situacional dessa interação.

Imagem 10: Excerto 2

Excerto 18 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1393	Eu falei:
1394	<Q Não,
1395	eu vou dar um basta nisso aí.
1396	Ninguém vive de bens materiais. Q>
1397	Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa,
1398	aí, no final das contas,
1399	ele vai acabar me matando.

Fonte: Carneiro, 2014, p. 178, Excerto 18

A metáfora conceptual identificada que subjaz à expressão acima, na **perspectiva 1** de amor conjugal, é de AMOR É RELAÇÃO ECONÔMICA, em que há uma troca desigual, na qual a vítima recebe bens materiais, sustento, mas não recebe amor ou respeito. O uso dessa metáfora é identificado como uma crítica à metáfora de trocas econômicas que sugerem que AMOR É UMA EMPRESA COMERCIAL que precisa ser gerenciado para evitar a troca desigual “**eu vou dar um basta nisso**”. Portanto, a colaboradora sugere a crítica à metáfora do AMOR COMO TROCA DESIGUAL na relação conjugal, como uma relação que não pode ser comprada ou substituída por bens materiais.

O esquema imagético identificado de PRISÃO-LIBERDADE deriva da interação do organismo com o meio, influenciada pelas relações espaciais DENTRO/FORA, sugerindo uma ação de libertação, como se a relação fosse uma prisão, esse esquema estrutura a noção de contenção. Os domínios explicitados são, portanto, Amor/Relacionamento abusivo e o de Prisão/Confinamento, inferidos também pela expressão “**dar um basta**” e “**vai acabar me matando**” que sugerem uma sensação de perigo e risco, enquanto a expressão “**dentro de casa**” sugere a sensação de confinamento.

O frame evocado na expressão é o de relacionamento abusivo, amor como relação comercial desigual. Nesse aspecto, o frame sugere o contexto situacional/discursivo em que a vítima sente que o agressor tentou comprá-la ou manipulá-la. Assim, segue o quadro explicativo:

Quadro 14: Esquematicidade (Excerto 2)

Metáfora: AMOR É RELAÇÃO ECONÔMICA
Esquema Imagético: Prisão/Liberdade - DENTRO/FORA
Domínio Fonte: Prisão/Confinamento - Domínio Alvo: Amor/ Relacionamento Abusivo
Frame: Relacionamento Abusivo/ Relação comercial desigual

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao amor-próprio, na **perspectiva 2** na fala da colaboradora, temos a metáfora conceptual AMOR-PRÓPRIO É LIBERTAÇÃO, como se a vítima estivesse se libertando de um confinamento, seguida da expressão “**ele vai acabar me matando**” que sugere a autoproteção que impulsiona a vítima a acabar com o relacionamento e a valorar a própria vida “**ninguém vive de bens materiais**”. Em relação à inferência de libertação da

vítima, o amor-próprio sugere um reconhecimento e autorreflexão sobre as condições necessárias para uma vida plena e feliz na relação conjugal.

Imagem 11: Excerto 3

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0547	Então,
0548	muitas mulheres se acomodam nisso.
0549	Quer dizer,
0550	a pessoa fala,
0551	elas não crê que aquilo pode acontecer,
0552	..e acaba se agravando mais a situação,
0553	elas se acomodando
0554	devido à paixão,
0555	do amor que sente pelos seus companheiros, né?
0556	Enão tomam atitude,

Fonte: Carneiro (2014, p. 224, Excerto 64)

A matriz de domínio do amor conjugal, na **perspectiva 1** acima, revela a metáfora conceptual AMOR É CEGUEIRA (derivado do arquétipo de amor Eros, em que a intensidade do amor sugere uma paixão intensa e avassaladora e que, nesse caso, a intensidade é medida pela força de efeito), AMOR É PRISÃO e AMOR É SACRIFÍCIO, sendo uma expressão constituída de metáforas complexas, nesse sentido, “**elas não crê que aquilo pode acontecer**” sugere um aspecto da emoção, conforme explicitado por Kövecses (2000) em que existe uma entidade que é conceituada como sendo afetada por outra (uma força) de forma unilateral ou unidirecional):

Quadro 15: Aspectos da emoção

Amor (Excerto 3) - Aspectos	Amor (Excerto 3)
Intensidade: INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO	ESTAR CEGO DE AMOR SER CEGADO PELO AMOR
Passividade: EXPERIÊNCIA PASSIVA É O EFEITO FÍSICO DA FORÇA	

Na expressão “**elas se acomodam**”, refletimos sobre o contexto da relação de violência em que o amor pode ser uma forma de prisão na qual a mulher se sente presa ou limitada por seus sentimentos e expectativas. Já na expressão “**devido à paixão, (sic) do amor que sente pelos seus companheiros**”, podemos inferir características do arquétipo de amor ágape, ressaltado pela sugestão de que as pessoas estão dispostas a se sacrificar ou se acomodar em uma situação ruim por amor.

No excerto analisado, identificamos o esquema imagético de Container, referindo ao conceito de CONTENÇÃO, “**elas se acomodam**” relativo à imobilidade e acomodação, elucidando que a vítima se imobiliza em uma situação ruim, invés de mudá-la, revezando que as inferências sobre o amor ser uma prisão, encontram-se no esquema imagético de container, espaço delimitado. Nesse sentido, os domínios identificados são: Prisão, induzida pela conexão com as palavras “**elas se acomodam**” e “**não tomam atitude**”; e Amor/Relacionamento Amoroso. Já os frames encontrados são de Relacionamento Abusivo; Cegueira Emocional; Impotência e Amor como Prisão e de Enfermidade, sugerida pela expressão “**acaba se agravando**” que sugere a imagem de uma doença, como se a situação estivesse se deteriorando.

Quadro 16: Esquematicidade (Excerto 3)

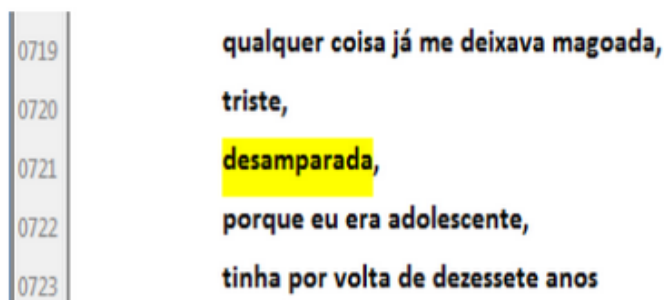
Metáfora: AMOR É CEGUEIRA - AMOR É PRISÃO - AMOR É SACRIFÍCIO
Esquema Imagético: Imobilidade/ Acomodação - CONTAINER
Domínio Fonte: Prisão - Domínio Alvo: Relacionamento Amoroso
Frame: Relacionamento Abusivo; Cegueira Emocional; Impotência ; Prisão e Enfermidade

Fonte: Elaborado pela autora

Na perspectiva 2, traremos a metáfora conceptual AMOR-PRÓPRIO É LIBERTAÇÃO “**e não tomam atitude**”, o que sugere que o amor-próprio como tomada de atitude e autoproteção para se proteger e libertar do contexto de violência. Nesse sentido, o frame de Impotência identificado sugere a sensação de desamparo e falta de controle “**não crê**”, que sugere uma falta de consciência sobre a gravidade da situação, que é elucidada no frame de Enfermidade.

Mais uma vez, encontramos o amor-próprio vinculado ao arquétipo de sacrifício, “**devido à paixão que sente por seus companheiros, e não toma atitude**”, o que sugere que o amor-próprio é sacrificado em prol do amor conjugal e do relacionamento.

Imagem 12: Excerto 4



Fonte: Carneiro (2014, p. 228, Excerto 67)

No excerto acima, não foi possível encontrar uma metáfora explícita na **perspectiva 1** de amor conjugal, apenas na **perspectiva 2** de amor-próprio, portanto, temos as metáforas conceptuais AMOR-PRÓPRIO É VULNERABILIDADE EMOCIONAL e VULNERABILIDADE EMOCIONAL É VULNERABILIDADE FÍSICA, considerada uma metáfora complexa, em que o termo “**magoada**” sugere a imagem de ferimento físico, enquanto “**desamparada**” sugere a falta de segurança e proteção. É interessante ressaltar a complexidade da expressão como um todo, inferindo que o estado de vulnerabilidade emocional destacado é particularmente maior na adolescência, sendo essa fase mais suscetível a ferimentos emocionais.

O esquema imagético identificado é o de LIGAÇÃO, sendo esse o mais básico para as nossas inferências, pois pode ser manifestado em diferentes domínios semânticos; nesse caso, temos o esquema de Ligação Causal “**qualquer coisa já me deixava magoada, [...], porque eu era adolescente[...]**”, nesse sentido, o esquema imagético de ligação causal sugere que a vulnerabilidade está ligada à adolescência.

Os domínios fonte e alvo identificados são, respectivamente, vulnerabilidade física e vulnerabilidade emocional e, nessa inferência, o amor-próprio é associado ao domínio semântico da autoestima e revela sua matriz metafórica de vulnerabilidade emocional, que se encontra mapeada ao domínio de vulnerabilidade física para expressar a sensibilidade e fragilidade emocional durante a adolescência.

O frame identificado na expressão se refere à vulnerabilidade da adolescência, sendo essa a fase de abalo emocional em que as pessoas estão mais suscetíveis a ferimentos emocionais por estarem em acentuado processo da formação pessoal e de identidade

Quadro 17: Esquematicidade (Excerto 4)

Metáfora: AMOR-PRÓPRIO É VULNERABILIDADE EMOCIONAL - VULNERABILIDADE EMOCIONAL É VULNERABILIDADE FÍSICA
Esquema imagético: LIGAÇÃO
Domínio Fonte: Vulnerabilidade física - Domínio Alvo: Vulnerabilidade Emocional (autoestima/amor-próprio)
Frame: Vulnerabilidade da adolescência

Fonte: Elaborado pela autora

É interessante observar que o frame de vulnerabilidade da adolescência é constituído de alguns elementos de frame: a sensibilidade emocional, instabilidade emocional e busca da identidade, elementos esses que oferecem uma estrutura cognitiva profunda para compreender as complexidades sociais e emocionais da adolescência. Assim, reiteramos o pressuposto na Lei nº 14.188/21, que adicionou ao Código Penal brasileiro o crime de violência psicológica contra a mulher (artigo 147-B), e destacamos a importância de analisar as consequências desse tipo de violência (problemas emocionais, sensação de dependência do abusador, problemas de autoestima, ansiedade, dentre outros), especialmente na fase da adolescência. Ressaltamos, assim, a importância de observar, pelo prisma da violência doméstica conjugal na adolescência, a situação do desafeto na construção da identidade da mulher na relação conjugal.

Excerto 77 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA e ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

1397	Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa,
1398	aí, no final das contas,
1399	ele vai acabar me matando.
1400	[DÁLIA: O principal ele não te dava,
1401	que é amor,
1402	carinho.]
1403	Ele não me dava carinho,
1404	não me dava amor,
1405	não me dava nada.
1406	Ele me dava era peia.
1407	[Risos]

Fonte: Carneiro (2014, Excerto 77, p. 236)

As metáforas conceptuais de amor, na **perspectiva 1**, identificadas na expressão acima são AMOR É ALIMENTO/NUTRIÇÃO; AMOR É TRANSFERÊNCIA FÍSICA DE OBJETOS e AMOR É PROTEÇÃO FÍSICA. Nesse caso, a metáfora de AMOR É ALIMENTO/NUTRIÇÃO: “**O principal ele não me dava, que é amor, carinho**” implica dizer que o amor é essencial para o bem-estar emocional, assim como a comida é essencial para o bem-estar físico. Nesse caso, o amor é relacionado a uma necessidade básica, como a nutrição. Também é possível mapear a expressão “**não me dava carinho, não me dava amor, não me dava nada**” pela metáfora subjacente AMOR É TRANSFERÊNCIA FÍSICA DE OBJETOS. Já na metáfora AMOR É PROTEÇÃO FÍSICA “**ele me dava era peia**”, percebemos que o contrário, conforme dito na expressão, é elucidado pelo frame que evoca, mostrando, na conceptualização da vítima direta, um reforço de que o amor deve ser fonte de cuidado e proteção, não de agressões, sempre vinculado ao sentido primário do amor “3-*p.ext.* força agregadora e protetiva que sentem os membros dos grupos, familiares ou não, entre si” (Houaiss, 2001, online).

Na identificação do esquema imagético Dar/Receber ou Causa/Efeito, foi possível perceber que o esquema de transferência física está ligado a uma estrutura conceptual

específica, similarmente à estrutura identificada na lei da Física de Ação/Reação (Terceira Lei de Newton), que envolve a maneira como o ser humano se relaciona com a natureza, mas encontra-se culturalmente situada no contexto, nesse sentido “**não me dava amor, não me dava nada**” sugere que o amor e o carinho são coisas tangíveis que podem ser dadas ou negadas, integrando também o esquema de LIGAÇÃO, o qual pressupõe que “indica uma relação de dependência entre duas entidades” (Duque; Costa, 2012, p. 86). No esquema acima, temos tanto a importância da corporificação baseada na reação física e existencial, quanto o contexto culturalmente situado que se torna um esquema imagético congruente com a experiencialização corporal.

O domínio fonte e domínio alvo são Transferência Física de Objetos/ Proteção Física/Alimento e Amor, respectivamente, possibilitando o mapeamento: Dar amor e carinho é como dar um objeto físico e amor é como um alimento básico, necessário para a sobrevivência. Assim, segue o quadro:

Quadro 18: Esquematicidade (Excerto 5)

Metáfora: AMOR É ALIMENTO/NUTRIÇÃO - AMOR É TRANSFERÊNCIA FÍSICA DE OBJETOS - AMOR É PROTEÇÃO FÍSICA
Esquema imagético: DAR/RECEBER - LIGAÇÃO
Domínio Fonte: Transferência física de objetos/Proteção Física/Alimento - Domínio alvo: Amor
Frame: Negligência/Violência física

Fonte: Elaborado pela autora

O frame de negligência sugere que a vítima não sente que recebe os elementos e cuidados necessários para se sentir segura e respeitada, pois, no contexto da violência doméstica conjugal, a vítima pode sofrer consequências como se sentir indigna de amor e respeito, promovendo uma baixa autoestima e, conseqüentemente, falta de amor-próprio. O frame de negligência também pode resultar em ansiedade, depressão, isolamento etc.

O segundo frame, de violência física, pode ser elucidado por elementos de frame que remetem à agressão, força física, dor ou sofrimento e por um frame congruente de poder e controle. Na expressão acima, percebemos que essa representação cognitiva pode acarretar consequências quando ativado o frame, como, por exemplo, uma resposta emocional (medo, raiva, tristeza) que pode influenciar na forma como a vítima avalia uma situação ou se reflete

no comportamento da vítima, levando-a a evitar situações que possam ser perigosas ou que a coloquem em risco.

Quadro 19: Sequência Discursiva (Excerto 6)

[...] a grande maioria das mulheres que sofre violência não sabe identificar que é violência. Porque ela vem maquiada pelo sentimento, a gente pensa que é cuidado demais “Ah, tu não pode botar essa roupa”, a gente acha que “Ah, tá com ciúme de mim é porque eu sou bonita”, então a gente tem também esse costume errado de maquiagem, de dá outro nome para aquilo e na verdade aquilo já é violência.

Fonte: Damacena, 2021, Sd 24, p. 146

Na **perspectiva 1**, na metáfora conceptual AMOR É MAQUIAGEM, temos uma metáfora complexa, pois requer uma interpretação mais profunda na qual DISFARÇAR A VIOLÊNCIA é SE MAQUIAR e AMOR É AUTOENGANO, “**Porque ela vem maquiada pelo sentimento, a gente pensa que é cuidado demais.**” A inferência estabelecida implica que a violência pode estar disfarçada de ciúme, possessividade ou cuidado (sugerindo que o amor está ligado a tais atributos) e que o amor pode ser uma forma de autoengano, levando mulheres a não reconhecerem a violência que estão sofrendo.

O esquema imagético identificado no excerto 7 é relacionado ao ESPAÇO, nesse caso, encontramos FRENTE/TRÁS inferindo que a violência está disfarçada atrás do amor, ou seja, o amor é a maquiagem utilizada de instrumento para disfarçar a violência e fazer a pessoa se enganar quanto às atitudes que parecem inofensivas, mas que são mascaradas pelo amor. Nesse aspecto, os domínios fonte e alvo são, respectivamente, MAQUIAGEM e AMOR/VIOLÊNCIA.

Quadro 20: Esquematicidade (Excerto 6)

Metáfora: AMOR É MAQUIAGEM/AMOR É AUTOENGANO
Esquema-Imagético: FRENTE/TRÁS
Domínio-Fonte: maquiagem - Domínio alvo: Amor/violência
Frame: Violência Doméstica Conjugal como Disfarce

Fonte: Elaborado pela autora

O frame identificado de Violência Doméstica Conjugal como Disfarce implica que é necessário “demaquilar” ou expor a verdadeira natureza da violência e, assim, conseguir combatê-la, consecutivamente, o frame traz como elemento a necessidade de combater a

violência doméstica, pois perpetuar o disfarce é entendido como uma ação negativa “**esse costume errado de maquiar**”. Também é possível inferir que disfarçar a violência é uma prática recorrente de mulheres que sofrem violência doméstica conjugal. Ressaltamos que a perspectiva 2 para a metáfora do amor não foi identificada com clareza nesse excerto.

Quadro 21: Sequência Discursiva (Excerto 7)

“Ele comprava as coisas pra casa, ele nunca me deixou faltar nada, mas ele não me deixava ter paz. Então eu prefiro comer o arroz e feijão e ficar tranquila. Ele me dava tudo, mas eu não tinha sossego”

Fonte: Damacena, 2021, p.159, Sdr 39

No excerto 8, **perspectiva 1**, identificamos a metáfora PAZ É POSSE DE UM OBJETO, RELAÇÃO AMOROSA É RELAÇÃO ECONÔMICA e PAZ É ALIMENTO, inferidas pelas expressões: “**não me deixava ter paz**”; “**ele comprava as coisas para casa, ele nunca me deixou faltar nada[...]**” e “**eu prefiro comer arroz e feijão e ficar tranquila**”. A metáfora de relação amorosa licenciada pela expressão é elucidada quando esquematizamos as implicações da metáfora de paz no contexto, assim, entendemos a paz como essencial para o bem-estar emocional, assim como o alimento é necessário para a sobrevivência física (PAZ É ALIMENTO). Também identificamos a escala de valor na expressão acima, em que a paz é mais importante que bens materiais. A paz também é relatada como um objeto que se pode “**ter**”, favorecendo a conceptualização de que bens materiais são vistos como insuficientes para satisfazer as necessidades emocionais. Identificamos que a paz é um elemento de frame da relação amorosa licenciando, nessa perspectiva, a metáfora RELAÇÃO AMOROSA É RELAÇÃO ECONÔMICA, que pode ser inferida pela conexão arquetípica de AMOR É EQUILÍBRIO, proporcionada pela metáfora complexa AMOR É UNIÃO DE DUAS PARTES, da qual a harmonia, o equilíbrio e a paz fazem parte, sendo percebida na metáfora de relação econômica pela necessidade de um elemento que é insubstituível e pela observação das sentenças “**Ele comprava as coisas pra casa**”, demonstrando a insuficiência das necessidades físicas e materiais em relação às necessidades emocionais.

Destacamos que o esquema imagético de ESCALA, identificado na expressão, é relativo a como experienciamos os fatos do cotidiano, levando em conta maior e menor grau de intensidade. Nesse aspecto, o esquema imagético de ESCALA está associado à nossa orientação espacial, portanto, na fala da colaboradora “**Então eu prefiro comer o arroz e**

feijão e ficar tranquila”, destacamos o esquema de escala em relação ao frame, inferindo que ter bem-estar emocional está em um grau de intensidade ou em uma escala maior que ter bens materiais. Desse modo, o domínio fonte e o domínio alvo encontrados são, respectivamente: Relação Amorosa/ Paz e Posse De um Objeto/ Relação Econômica/ Alimento.

O frame de Violência Doméstica como uma forma de Escravidão e de Violência doméstica é ausência de paz são constituídos de elementos como a perda do controle da vítima e a paz emocional/equilíbrio/tranquilidade, e sugere a oposição entre realidade e aparência, em que a vida confortável, com bens materiais supridos, está em oposição à realidade da violência e do controle. Assim, segue:

Quadro 22: Esquematicidade (Excerto 7)

Metáfora: PAZ É POSSE DE UM OBJETO, RELAÇÃO AMOROSA É RELAÇÃO ECONÔMICA e PAZ É ALIMENTO
Esquema Imagético: ESCALA
Domínio Fonte: Relação Amorosa - Domínio Alvo: Posse De Um Objeto, Relação Econômica, Alimento
Frame: Violência Doméstica como uma forma de Escravidão/Ausência de paz

Fonte: Elaborado pela autora

As metáforas identificadas no excerto 7 trazem implicações sobre questões como a perda de autonomia da vítima, comercialização do amor e sobre a necessidade de nutrição emocional na relação, conseqüentemente, é possível perceber uma relação entre a dependência da vítima ao agressor e a expectativa social da mulher na relação conjugal, conectados em diversos pontos pela inerente perda de autonomia.

Quadro 23: Sequência Discursiva (Excerto 8)

“Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra gente andar juntos e ele não sabia o que ele queria. Então pensei eu vou voltar com esse que esse aí vai terminar a minha casa”

Fonte: Damacena, 2021, p.162, Sdr 41

A expressão acima traz luz à metáfora na **perspectiva 1**, referente ao arquétipo de amor Philia na relação conjugal, inferido pela metáfora complexa de AMOR É CAMINHAR JUNTO, fazendo referência à convencionalizada metáfora de AMOR É UMA JORNADA. Cabe explicitar que essa metáfora implica em uma relação de companheirismo e apoio mútuo,

além de explicitar a importância da proximidade física, onde os parceiros caminham lado a lado na vida, assim, a VIDA É UM PERCURSO é uma metáfora primária que possibilita a metáfora congruente⁴² AMOR É UMA JORNADA.

No excerto acima, temos o esquema imagético de TRAJETÓRIA (origem-percurso-meta), que envolve a ideia de movimento ao longo de um caminho e é baseado na experiência humana de se mover pelo espaço, sendo convencionalmente utilizado para descrever conceitos abstratos como relacionamentos e mudanças. Além disso, o esquema em questão fornece uma estrutura comunicativa que permite que sejam entendidas experiências complexas ligadas à percepção e expectativa em relação ao progresso e ao resultado do percurso, nesse caso, vinculadas aos aparatos mentais do amor conjugal. Portanto, temos como domínio alvo AMOR e domínio fonte CAMINHAR JUNTO/JORNADA. Em síntese, segue o quadro:

Quadro 24: Esquematicidade (Excerto 8)

Metáfora: AMOR É CAMINHAR JUNTO/ AMOR É UMA JORNADA
Esquema Imagético: TRAJETÓRIA
Domínio Fonte: Jornada - Domínio Alvo: Amor
Frame: Companheirismo, Busca por segurança no relacionamento e Comercialização do amor

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à identificação do frame, temos o de Companheirismo, o de Busca por segurança no relacionamento e o de Comercialização do amor, logo, a ativação de tais frames é caracterizada pela busca de elementos como proximidade (física ou emocional), compartilhamento (experiências e sentimentos), de apoio mútuo (desafios e momentos de necessidade) e o de transação comercial em que se trocam bens materiais por afeto e relação amorosa; adicionalmente, temos a ideia de buscar segurança e proteção em um relacionamento ligada à vulnerabilidade financeira.

Quadro 25: Sequência Discursiva (Excerto 9)

“Eu estou **lutando** pra... por isso. Por mim, pelos meus filhos. É... pelas minhas companheiras que **não desistiram** de mim. Todas as minhas amigas, pelos meus amigos que **não desistiram**. Pelas pessoas que sempre me acompanharam e

⁴²Kövecses (2005) denomina de metáforas congruentes aquelas que sofrem influência direta da cultura e que fornecem às estruturas das metáforas primárias uma contrapartida de estruturas online, ou seja, são aquelas metáforas que se agregam às experiências concretas das estruturas socioculturais.

que **torcem** por mim. Hoje eu me tornei uma mulher muito mais **combativa** eu sou uma mulher muito mais **feminista**, eu sou muito **mais mulher**, eu sou muito mais confiante, **eu me amo muito mais**”

Fonte: Damacena, 2021, p.195, Sdr 73

Na **perspectiva 2**, a metáfora de amor-próprio identificada AMOR-PRÓPRIO É TERRITÓRIO CONQUISTADO, sugere que a vítima está em constante luta de autoaceitação em meio ao contexto de violência doméstica, sugerido pela metáfora mais ampla VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É GUERRA, em que o amor-próprio é o território Conquistado. A metáfora também sugere que, durante a guerra (violência doméstica contra a mulher), o amor-próprio é um território constantemente ameaçado e que, caso a guerra seja perdida e o opositor vença, pode estar sob o domínio do agressor, o que acontece em muitos casos, como por exemplo:

“Então, eu me transformei numa outra pessoa. Eu perdi a alegria de viver, eu não, eu não saía mais com os meus amigos, eu parei de tocar, eu parei de sair, eu larguei a faculdade, eu vivia trancada em casa com medo, eu vivia vinte e quatro horas por dia única e exclusivamente pra satisfazer as vontades do que ele queria e quando eu não satisfazia como ele queria, ele me machucava e ele começou a me tratar como se eu fosse algo que pertencesse a ele, assim, foi um período... muito... difícil na minha vida, assim. Que eu não me reconhecia como ser humano” (Damacena, 2021, p. 188, SD 66).

Nesse aspecto, percebemos a influência do contexto em relação ao frame evocado na construção da metáfora de amor-próprio, que, convencionalmente, é licenciada pela metáfora de AMOR-PRÓPRIO É CAMINHO, como um processo de autoaceitação e valorização de si mesma, mas, no caso acima, essa metáfora se encontra imersa no contexto discursivo/situacional em que o frame de violência e de guerra encontrados na metáfora VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É GUERRA, possibilitam a identificação e uso de um elemento de frame como domínio fonte, sendo, portanto, o domínio fonte da metáfora de amor-próprio TERRITÓRIO CONQUISTADO e o domínio alvo AMOR-PRÓPRIO.

É interessante perceber que algumas lexias como “**lutando**”, “**desistiram**”, “**torcem**”, “**combativa**” ajudam a evocar o frame de guerra, evidenciando a libertação das forças que oprimem a vítima que busca uma versão mais autêntica e empoderada de si mesma.

Como esquema imagético, identificamos o de VERTICALIDADE, comumente relacionado à quantidade “**mais combativa**”, “**mais feminina**”, “**mais mulher**”, “**mais confiante**”, “**eu me amo muito mais**”, essa orientação espacial é, frequentemente, associada à hierarquia, tendo a maior quantidade ou o ponto mais alto como mais poderoso ou valorizado. Nesse caso, referimo-nos aos atributos acima identificados que estabelecem, como efeito de

percepção, um movimento ao progresso relacionado à quantidade ou ao aumento do amor-próprio “**eu me amo muito mais**”. Assim, segue o quadro:

Quadro 26: Esquematicidade (Excerto 9)

Metáfora: AMOR-PRÓPRIO É TERRITÓRIO CONQUISTADO
Esquema Imagético: VERTICALIDADE
Domínio Fonte: Território Conquistado - Domínio Alvo: Amor-Próprio
Frame: Violência, Guerra

Fonte: Elaborado pela autora

Na metáfora acima, é possível estabelecer uma conexão direta com os pressupostos da prática de sororidade, sendo esse conceito utilizado para mapear uma outra metáfora identificada no discurso (metáfora induzida pelo contexto discursivo), na qual o amor-próprio integra, servindo como instrumento para a tomada de atitude da vítima. Nessa perspectiva, amor-próprio é uma ferramenta implícita de resistência à condição de violência doméstica conjugal, que tem sua manifestação enraizada nas manifestações feministas e é situado no ambiente das Casas de Apoio.

Quadro 27: Sequência Discursiva (Excerto 10)

“Foram formas de violência bem marcantes: queimadura de cigarro, facada, surras, estupro. Mas aí eu ainda persisti, ainda tentando salvar o relacionamento por mais cinco anos”

Fonte: Damacena, 2021, p.217

A metáfora de amor identificada, **perspectiva 1**, partilha atributos e elementos de frame relacionados ao amor Ágape, conceptualizado como um arquétipo de amor abnegado, de sacrifícios e de salvação, portanto, os itens lexicais “**persisti**” e “**salvar**” contemplam o quadro ou cenário muito maior (Frame) de Salvação, e licenciam a metáfora AMOR É SACRIFÍCIO FÍSICO, já que seu mapeamento inclui itens lexicais como “**queimadura de cigarro**”, “**facada**”, “**surras**”, “**estupro**”, demonstrando formas de violência relacionadas ao corpo físico, o que não implica dizer que tais fatos reflitam apenas em danos físicos (como também psicológicos, sociais e emocionais), mas entendendo que a metáfora de AMOR É SACRIFÍCIO FÍSICO sugere o relacionamento amoroso como um fardo, pesado fisicamente,

e que precisa ser carregado, sugerindo um sacrifício pessoal em prol da salvação que é metaforizada como a felicidade plena na relação.

O esquema imagético presente na expressão acima é o de RESISTÊNCIA que estrutura a noção de Força, cujos elementos incluem densidade, movimento, grandeza e a RESISTÊNCIA. Esse esquema imagético sugere uma associação à capacidade de resistir a forças opostas, como pressões intensas e influencia na forma como podemos perceber como coisas fortes ou persistentes são vistas como poderosas. Nesse aspecto, a expressão “**eu persisti, ainda tentando salvar meu relacionamento por cinco anos**” demonstra a força da vítima em relação à pressão intensa vivida no contexto da violência doméstica conjugal. Além disso, implica que a vítima insistiu em um objetivo (salvar o relacionamento), buscando outras soluções para alcançá-lo. Em síntese, segue o quadro:

Quadro 28: Esquematicidade (Excerto 10)

Metáfora: AMOR È SACRIFÍCIO FÍSICO
Esquema Imagético: FORÇA - RESISTÊNCIA
Domínio Fonte: Sacrifício Físico - Domínio Alvo: Amor
Frame: Violência, Salvação

Fonte: Elaborado pela autora

O frame de violência, evidenciado pela enumeração das formas de violência “**queimadura de cigarro, facada, surras, estupro**”, cria um contraste entre a gravidade da(s) violência(s) e a persistência da vítima em “**salvar**” o relacionamento; além disso, o frame sugere um conflito interno entre o amor e a violência sofrida, conferindo ao Amor o caráter da obstinação e da idealização, que sugere esperar que algo vá mudar, mesmo sem ver. A vítima, muitas vezes, entende que a obstinação em salvar o casamento é sua obrigação e passa a pôr em prática o arquétipo do sacrifício no relacionamento e que, no contexto de violência doméstica, impacta tanto o aspecto físico, quanto psicológico.

Quadro 29: Sequência Discursiva (Excerto 11)

Eu achava que sozinha eu ia resolver, que ele ia ver que eu amava ele, que eu não estava traindo, que eu queria estudar para ter uma vida melhor.

Fonte: Damacena, 2021, p.235

As metáforas de amor acima, na **perspectiva 1**, são: AMOR É INVESTIMENTO DE TEMPO e, levando em conta que temos a metáfora convencional de TEMPO È DINHEIRO, trata-se de um frame de relação comercial (tempo para estudar, trabalhar, ganhar dinheiro e resolver problemas financeiros em casa); e a metáfora AMOR É PROVA FACTUAL.

As metáforas identificadas sugerem que a abordagem da vítima em resolver os problemas financeiros de casa, dedicando seu tempo para estudar e conseguir melhores oportunidades de emprego/remuneração, e que sua capacidade de melhorar de vida são, respectivamente, um investimento de tempo e uma prova factual, algo que se possa ver de forma concreta e tangível, que revela tanto a necessidade de validação, por meio do parceiro (relação de dependência emocional), quanto a expectativa do retorno que está inerente ao frame de relação comercial/econômica. É interessante ressaltar que a expectativa de investimento da vítima é que a recompensa possa vir através da mudança de atitude do parceiro, não de um retorno financeiro. Portanto, a metáfora está alicerçada no frame de relação comercial, mas se manifesta na expectativa da relação conjugal de reciprocidade, tempo investido e dedicação (comportamentos que podem ser provados e medidos) são retribuídos com comportamentos de quebra do ciclo de violência por parte do companheiro. Além disso, as metáforas de amor identificadas revelam as características de compromisso (responsabilidade em salvar a relação) e de ação (amor como ação que pode ser realizada e demonstrada).

O esquema imagético de Ação, especificamente, o esquema de Causa/Efeito, nos ajuda a entender a estrutura da experiência em termos de relações causais, explicitando que a ação da vítima de estudar e buscar melhoria de vida (causa ou evento) levaria à mudança de comportamento do agressor (efeito/ resultado). O esquema imagético apresentado possibilita uma compreensão mais clara da realidade da violência, que é analisada pela vítima como uma realidade coerente com características de temporalidade (se eu tomar a atitude primeiro, depois ele muda) e de uma situação passível de ser resolvida por uma atitude da vítima, como se dependesse dela a mudança de atitude do parceiro “**eu achava que sozinha eu ia resolver**”. Portanto, segue abaixo o quadro de esquematicidade:

Quadro 30: Esquematicidade (Excerto 11)

Metáfora: AMOR É INVESTIMENTO DE TEMPO e AMOR É PROVA FACTUAL
Esquema Imagético: AÇÃO - Causa/Efeito

Domínio Fonte: Investimento de Tempo/Prova Factual - Domínio Alvo: Amor
Frame: Relação comercial, Salvação, Julgamento

Fonte: Elaborado pela autora

O domínio Investimento de Tempo, apresentado no quadro acima, pertence ao elemento do frame identificado como Relação comercial, em que o domínio Investimento de tempo agrega uma organização específica para sua conceptualização, como já explicitado; enquanto o domínio de Prova Factual, integra o frame de Julgamento, que demonstra a relevância dos anseios da vítima, para que suas ações sejam validadas pelo agressor. Há, ainda, o amor como domínio alvo, representando, na fala da vítima, o cenário do amor mártir, com traços do arquétipo de amor ágape, que persiste à violência em prol da salvação da relação, estabelecendo uma dedicação que transcende os limites de uma relação saudável, estabelecendo, no cenário maior, o frame de Salvação identificado.

Quadro 31: Sequência Discursiva (Excerto 12)

Porque quando a gente gosta, a gente não quer enxergar. O amor nos torna bobos e ridículos. Nos torna sim! Porque tu não quer ver o que tá te acontecendo. Tu pode tá comendo arroz puro com o teu amor, mas tu tá com ele, tu tá feliz.

Fonte: Damacena, 2021, p.250

O excerto acima apresenta a metáfora de amor conjugal, **perspectiva 1**, AMOR É CEGUEIRA e AMOR É CIRCO, assim, as metáforas identificadas sugerem a conotação de amor romântico, e incluem aspectos da intensidade (refletidos na cegueira emocional) e da ilusão (refletido pela qualificação de bobo e ridículo, em que há a prevalência das ilusões de felicidade por meio do amor, apesar das circunstâncias).

As metáforas podem ser associadas ao ideal de amor romântico em que a paixão e o desejo superam as falhas e imperfeições, cabe ressaltar, que a vítima alega um posicionamento contrário à sua concepção inicial do amor, revelando que a ilusão de felicidade “**tu pode tá comendo (sic) arroz puro com o teu amor, mas tu tá (sic) com ele, tu tá feliz**”, causa implicações como a cegueira emocional e aceitação incondicional do parceiro.

No âmbito da violência doméstica, a metáfora referente à cegueira emocional sugere uma negativa da realidade “**tu não quer (sic) ver o que tá (sic) te acontecendo**”, que pode estar associada a um mecanismo de defesa para lidar com a dor ou trauma da vítima, situação

que também se aproxima da dificuldade em sair do relacionamento violento, por se tratar de uma felicidade ilusória.

No que se refere ao esquema imagético do excerto, temos a DINÂMICA DE FORÇAS, em que o amor (emoção) possui força suficiente para causar uma mudança de estado no self (racional), de acordo com Kövecses (2000, p. 110, tradução nossa):

No modelo, o que quer que leve a uma emoção é conceituado como uma causa que tem “força” suficiente para efetuar uma mudança de estado no self (racional), e a emoção em si também é vista como uma causa que tem uma “força” para efetuar algum tipo de resposta pelo self (agora emocional) (fisiológico, comportamental ou expressivo). Na verdade, é a presença e a dupla aplicação dessa metáfora de nível genérico que permite uma interpretação dinâmica de força da experiência emocional.⁴³

No esquema imagético de FORÇA, explicitado acima, percebemos a prevalência de uma força unilateral, capaz de efetuar uma resposta que causa mudança de comportamento ou evidenciada pelo efeito físico da cegueira emocional. Assim, segue abaixo o quadro da esquematicidade:

Quadro 32: Esquematicidade (Excerto 12)

Metáfora: AMOR É CEGUEIRA e AMOR É CIRCO
Esquema Imagético: DINÂMICA DE FORÇAS
Domínio Fonte: Cegueira /Circo - Domínio Alvo: Amor
Frame: Cegueira Emocional

Fonte: Elaborado pela autora

O frame de Cegueira Emocional Está relacionado ao Esquema Imagético de Força e é baseado na ideia de que o amor é uma força poderosa que nos faz ficar cegos. Esse frame possui os elementos da ignorância voluntária “**a gente não quer enxergar**”, felicidade ilusória “**Tu pode tá (sic) comendo arroz puro com o teu amor, mas tu tá (sic) com ele, tu tá (sic) feliz**” e perda da objetividade ou capacidade de um julgamento crítico sobre o relacionamento “**O amor nos torna bobos e ridículos**”. O frame também traz sérias

⁴³In the model, whatever leads to an emotion is conceptualized as a cause that has enough “force” to effect a change of state in the (rational) self, and the emotion itself is also seen as a cause that has a “force” to effect some kind of response by the (now emotional) self (physiological, behavioral, or expressive). As a matter of fact, it is the presence and double application of this generic-level metaphor that enables a force-dynamic interpretation of emotional experience (Kövecses, 2020, p. 110).

implicações no âmbito da violência doméstica, como a dificuldade em manter o relacionamento, dificuldade em buscar ajuda e a felicidade ilusória que pode fazer a vítima tentar manter o relacionamento.

Diante das análises propostas, ressaltamos que a comparação entre o que encontramos no *corpus*, as especificações de amor nos dicionários Houaiss on-line e Dicio(online), e a origem etimológica da palavra amor, disposta no dicionário Houaiss, só iluminam e reforçam a relação entre as questões pragmáticas e socioculturais e os processos de categorização. Assim, ao iniciarmos as análises com um olhar sobre os conceitos de amor disponíveis nos dicionários, entendemos que estes nos fornecem definições do conceito de amor que nos ajudam a entender as metáforas conceptuais identificadas no discurso, mas apresentam limitações sobre o caráter dinâmico das metáforas e seus mapeamentos. Além disso, os dicionários ajudam a identificar padrões e tendências concernentes às metáforas conceptuais que estavam relacionados aos arquétipos das concepções de amor presentes nos discursos e que foram mapeados por uma análise minuciosa que envolveu a esquematicidade do estudo metafórico.

Na subseção a seguir, faremos a identificação dos aspectos de emoção, de acordo com a proposta de Kövecses (2000), por meio do *corpus* analisado no discurso das vítimas para entender como o contexto de violência doméstica influenciou na criação de tais metáforas dinâmicas e então, estabelecer a prototipicidade do amor nessas relações conjugais transgredidas pelo contexto de violência doméstica.

7.1 Identificação: aspectos da emoção

Esta seção visa analisar os conceitos e ideias referentes à concepção de amor apresentados no discurso das vítimas, utilizando a análise de frames e metáforas para identificar as categorias dos aspectos de emoção, de acordo com os dados analisados na seção anterior. Para isso, estabelecemos os seguintes aspectos: Existência; Intensidade; Passividade; Controle; Desejo/Necessidade; Unidade; Dano; Progresso; Troca/Investimento; promovendo uma análise mais sistemática da relação entre as metáforas de amor, que considere como essas foram influenciadas pelo contexto da violência doméstica. Assim, identificamos os aspectos da emoção que são mais relevantes e trazemos luz sobre a forma como esses aspectos passam uma mensagem central sobre como a vítima constrói, através da metáfora, sua realidade no contexto em que se encontra.

Para tal, a tabela a seguir foi elaborada pela autora com base nas categorias pré-estabelecidas de Kövecses (2000), na obra *Metaphor and Emotion*, para explorar os aspectos emocionais; em contrapartida, para os fins desta pesquisa, adicionamos a categoria “Troca/Investimento” para abranger a complexidade dos dados analisados, o que se reflete também na importância, já evidenciada, do contexto sócio-cultural e situacional, tanto para abordar a dinamicidade do fenômeno metafórico quanto para elucidar que, em um país com índices alarmantes de violência doméstica e conjugal, o convencionalizado protótipo de ‘amor romântico’ tem sofrido mudanças por influência de padrões de comportamento abusivos e controladores, panorama que traz graves consequências às vítimas e à forma como a sociedade percebe e conceptualiza o amor.

Quadro 33: Aspectos das emoções (amor)

ASPECTOS	METÁFORAS					
Existência	AMOR É PROTEÇÃO FÍSICA Frame: Violência Física (Excerto 5, perspectiva 1) - EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É PRESENÇA AQUI	AMOR É PROVA FACTUAL Frame: julgamento (Excerto 11, perspectiva 1) - EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSUIR UM OBJETO				
Intensidade	AMOR PRÓPRIO É CONSTRUÇÃO ARQUITETÔNICA Frame: Autoconfiança (Excerto 1, perspectiva 2) - AUMENTO NA INTENSIDADE É CRESCIMENTO					
Passividade	AMOR É CEGUEIRA Frame: Cegueira emocional (Excerto 3, perspectiva 2) - EXPERIÊNCIAS PASSIVAS SÃO OS EFEITOS FÍSICOS DAS FORÇAS	AMOR É CEGUEIRA Frame: Cegueira emocional (Excerto 12, perspectiva 1) - EXPERIÊNCIAS PASSIVAS SÃO OS EFEITOS FÍSICOS DAS FORÇAS				
Controle	MATAR DE CIÚME É EXCESSO DE AMOR Frame: Posse	AMOR-PRÓPRIO É LIBERTAÇÃO Frame: Prisão (Excerto 2, perspectiva 2)	AMOR-PRÓPRIO É LIBERTAÇÃO Frame: Prisão, Impotência	AMOR É CIRCO Frame: Cegueira emocional	AMOR-PRÓPRIO É TERRITÓRIO CONQUISTADO	AMOR É MAQUIAGEM/AMOR É AUTOENGANO

	(Excerto 1, perspectiva 1) - FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É INSANIDADE	- TENTATIVA DE CONTROLE É LUTA COM A FORÇA	(Excerto 3, perspectiva 2) - TENTATIVA DE CONTROLE É LUTA COM A FORÇA	(Excerto 12, perspectiva 1) - FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É MÁGICA	ADO Frame: Guerra (Excerto 9, perspectiva 2) - TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR SUPERAR UM Oponente	Frame: Violência conjugal como disfarce (Excerto 6, perspectiva 1) - TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR MANTER UM OBJETO COMPLETO JUNTO
Desejo ou Necessidade	AMOR É ALIMENTO/NUTRIÇÃO Frame: Negligência (Excerto 5, perspectiva 1) - DESEJO EMOCIONAL É FOME					
Unidade	AMOR É CAMINHAR JUNTO Frame: companheirismo (Excerto 8, perspectiva 1) - PROGRESSO É MOVIMENTO PARA UM DESTINO (EM UMA JORNADA)					
Dano	AMOR É SACRIFÍCIO Frame: Relacionamento abusivo (Excerto 3, perspectiva 1) - DANO NÃO FÍSICO É DANO FÍSICO	VULNERABILIDADE EMOCIONAL É VULNERABILIDADE FÍSICA Frame: Vulnerabilidade da adolescência (Excerto 4, perspectiva 2) - DANO NÃO FÍSICO É DANO FÍSICO.	AMOR É SACRIFÍCIO FÍSICO Frame: Salvação (Excerto 10, perspectiva 1) - DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO			
Progresso	AMOR É CAMINHAR JUNTO Frame: companheirismo (Excerto 8, perspectiva 1) - PROGRESSO É MOVIMENTO PARA UM DESTINO (EM UMA JORNADA)					

Troca ou Investimento	AMOR É RELAÇÃO ECONÔMICA Frame: Relação comercial desigual (Excerto 2, perspectiva 1) - amor + importante que dinheiro	RELAÇÃO AMOROSA É RELAÇÃO ECONÔMICA Frame: Ausência de paz (Excerto 7, perspectiva 1) - amor + importante que dinheiro	AMOR É CAMINHAR JUNTO Frame: Comercialização do amor (Excerto 8, perspectiva 1) - dinheiro + importante que amor	AMOR É INVESTIME NTO DE TEMPO Frame: Relação Comercial (Excerto 11, perspectiva 1)		
-----------------------------	---	---	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

As metáforas identificadas são instanciadas por metáforas de nível genérico de maneiras diversas, capturando aspectos muito diferentes da experiência emocional. No discurso das vítimas, os aspectos relacionados ao Controle, Dano e Troca/Investimento, tiveram mais recorrência, revelando que o Amor pode ser visto como uma força que pode ser controlada ou manipulada; como uma fonte de dor ou sofrimento e como uma troca ou um negócio.

A análise dos dados revela que o contexto de violência doméstica influencia na criação de metáforas que sofrem distorção da percepção prototípica/convencional do amor romântico, cujos aspectos sobressalentes são os de intensidade, unidade, controle/falta de controle; em contrapartida, os aspectos de emoção evidenciados nas metáforas identificadas revelam aspectos de valores negativos e de características periféricas na concepção de amor.

Ao relacionarmos a concepção convencionalizada de amor eros (romântico), com os dados, identificamos o protótipo de amor Philia, em um aspecto sobressalente de sua conceptualização, o de amizade como troca econômica. Essa relação é evidenciada quando entendemos que há duas entidades interagindo de maneira comunicativa, emocional e comportamental, revelando a metáfora resultante (INTERAÇÃO EM) AMIZADE É UMA TROCA ECONÔMICA. Nesse sentido, Kövecses (2000, p. 96, tradução nossa) elabora:

Frases como “A amizade é um dar e receber” ocorreram com frequência no corpus. Eles podem ser contabilizados pelas seguintes correspondências entre o domínio de origem de uma troca econômica e o domínio de destino da interação na amizade:

- as partes na troca econômica são os amigos que interagem entre si
- a troca econômica (ou seja, pagar o dinheiro e entregar a mercadoria) são as interações mútuas realizadas pelos amigos
- o lucro obtido com a troca é o benefício obtido com a interação
- o preço pago é o tempo e a energia que se tem para dedicar à amizade

Há um conhecimento importante sobre amizade que se baseia na metáfora da TROCA ECONÔMICA:

S(fonte): As trocas econômicas são recíprocas.

T(objetivo): Os relacionamentos de amizade são recíprocos.

Todas as amizades são enraizadas na reciprocidade. A amizade é um relacionamento de dar e receber.

S: As trocas econômicas são tipicamente baseadas na igualdade.

T: Os relacionamentos de amizade são tipicamente baseados na igualdade.

Ser recíproco é bom em uma amizade. Isso não significa necessariamente 50/50 e, ainda assim, algumas pessoas sempre usam isso. Como parceria, e então fica com esse tom de 50/50 e porcentagens.⁴⁴

O autor ainda explica sobre o conceito-chave desse tipo de conceptualização, que está na relação ‘benéfica’, que fica ainda mais evidente nos dados analisados, especialmente na perspectiva adotada de tendência a uma comercialização do amor e à expectativa de lucro. Nesse aspecto, os frames identificados fornecem estrutura para interpretar as metáforas, em contrapartida, as metáforas perfilam os frames, estabelecendo uma relação simbiótica para a análise do fenômeno metafórico.

O panorama do afrouxamento emocional, conforme citado por Kövecses (2000), é identificado nos dados analisados e produz uma perspectiva ainda mais específica para os fenômenos de caráter emocional, a perspectiva do valor-moralidade, que guia o comportamento humano em relação ao que é considerado bom ou ruim, certo ou errado, justo ou injusto; já que os dados revelam um grau de hierarquia para o fenômeno emocional e, por vezes, temos a escala Amor + Importante que dinheiro, e uma ocorrência de Dinheiro + Importante que amor.

O aspecto de Controle estabelece relação de dinâmica de forças, como dois oponentes tentando lutar para controlar o outro, ademais, como emoções surgem em situações sociais,

⁴⁴Sentences like “Friendship is a give and take” occurred frequently in the corpus. They can be accounted for by the following correspondences between the source domain of an economic exchange and the target domain of interaction in the friendship:

- the parties in the economic exchange are the friends who interact with each other
- the economic exchange (i.e., paying the money and handing over the commodity) is the mutual interactions performed by the friends
- the profit gained from the exchange is the benefit gained from the interaction
- the price paid is the time and energy one has to devote to the friendship

There is important knowledge about friendship that is based on the ECONOMIC EXCHANGE metaphor:

S(ource): Economic exchanges are reciprocal.

T(arget): Friendship relationships are reciprocal.

All friendships are rooted in reciprocity. Friendship is a give and take relationship.

S: Economic exchanges are typically based on equality.

T: Friendship relationships are typically based on equality.

Being reciprocal is good in a friendship. This doesn’t necessarily mean 50/50 and, yet, some people always use that. Like partnership, and then it gets this tinge of 50/50-ish and percentages (Kövecses, 2000, p. 96).

especificamente no contexto de violência doméstica, percebemos que as emoções evocam noções da sociedade em si, assim, Kövecses (2014, p. 19, tradução nossa), explica:

Como as emoções são comumente exibidas por meio do comportamento corporal, elas evocam o CORPO HUMANO e SEU FUNCIONAMENTO. Como as emoções são comumente baseadas em ideias morais, elas evocam noções de CERTO ou ERRADO, ADEQUAÇÃO DE RESPOSTA e a MEDIDA ADEQUADA DE SENTIMENTO, e MUTUALIDADE ou a falta dela.⁴⁵

Analisar os frames nas metáforas de amor que revelam o aspecto de controle, é importante para determinar se a emoção é positiva ou negativa, por exemplo. Essa relação instintiva de tentar manter certo controle sobre o relacionamento está ligada a uma disposição evolutiva de tentar manter o domínio dos recursos e pessoas que implicam na sobrevivência. Esse aspecto também poderá ser interpretado como um alcance do equilíbrio na relação, através da estabilidade de um sistema. Assim, não é incomum perceber a relação do amor-próprio relacionado ao aspecto do controle na metáfora de amor, sendo esse aspecto vinculado à autossatisfação de necessidades emocionais e à dinâmica social de relações de poder, como a dependência emocional no âmbito da violência doméstica conjugal.

Em relação ao aspecto de Dano, percebemos uma noção prototípica relacionada ao amor Ágape, AMOR É SACRIFÍCIO, cujo foco está na ausência da proteção (característica ligada ao significado do amor), demonstrando incongruência entre o significado básico ligado ao amor, e aquele apresentado no contexto discursivo, além disso, a ausência de proteção é instanciada pela metáfora da vulnerabilidade.

O aspecto de Dano é comumente relacionado a emoções como vergonha e orgulho, mas pode ser identificado no amor, por vezes também relacionado à perda de controle, como dano emocional. No corpus, as metáforas de amor como um sacrifício demonstra uma prototipicidade do amor Ágape, como abnegado e incondicional. Essa percepção também revela a forma como as vítimas vivem sua vida, em busca de uma conexão ou propósito mais profundo que justifique tal sofrimento. A metáfora de amor que revela aspectos de dano é identificada no contexto de violência doméstica, caracterizando o amor como uma força transformadora.

⁴⁵Because emotions are commonly displayed through bodily behavior, it evokes the HUMAN BODY and ITS FUNCTIONING. Because emotions are commonly based on moral ideas, it evokes notions of RIGHT or WRONG, APPROPRIATENESS OF RESPONSE and the APPROPRIATE MEASURE OF FEELING, and MUTUALITY or a lack of it (Kövecses, 2014, p.19).

Neste capítulo, dedicamo-nos às análises dos dados levantados e discussão dos resultados. Para melhor desenvolvimento das análises, elaboramos um quadro de Aspectos das emoções, assim como um novo tópico, para permitir manter o padrão de análise específica do fenômeno metafórico, conforme esta pesquisa propõe. Assim, iniciamos nossa análise com quadros que reúnem os conceitos primários da concepção de amor em nível descontextualizado, em seguida, identificamos que as questões sócio-culturais e pragmáticas influenciam, sobretudo, na dinamicidade das metáforas criadas. Em seguida, estabelecemos quadros com os principais níveis de análise, segundo a abordagem multinível de Kövecses (2020). Esses níveis incluíram: (1) metáfora conceptual; (2) Esquema Imagético; (3) Domínios e (4) Frames, respeitando as questões de esquematicidade para cada nível (do mais esquemático para o menos esquemático).

Os aspectos relevantes de cada excerto foram disponibilizados em um segundo quadro específico, para então entendermos as contribuições do contexto de violência doméstica conjugal na criação de tais metáforas. No tocante às concepções de amor, estabelecemos, através dos protótipos para cada arquétipo (Eros, Philia e Ágape), como estes protótipos perfilam os frames e as metáforas identificadas e como essas características centrais estavam dispostas nos dados analisados demonstrando as mudanças sofridas pelo protótipo de amor romântico, em condições de relacionamentos transgredidos pelo contexto da violência doméstica.

Uma vez apresentadas as nossas análises, passamos agora à última subseção desta pesquisa, que se trata de um elemento relevante para investigações futuras no âmbito da Análise do Discurso, o silêncio.

7.2 O silêncio como elemento relevante para investigações futuras

O senhor sabe o que o silêncio é?
É a gente mesmo, demais.
João Guimarães Rosa,
“Grande Sertão: Veredas”.

O silêncio torna-se elemento relevante em discursos carregados de sentimentos, não apenas pelo espaço negado à palavra ao longo da vivência, mas pela memória oprimida pela violência que insiste em tornar-se real, ainda que diante das pausas e hesitações. Com isso, a

percepção da discursivização dos sentimentos torna-se uma tarefa árdua e necessária em que a relação entre o dizível e o indizível torna-se perceptível nos tópicos discursivos, em cada sentimento que se transforma em humilhação, opressão e angústia.

O espaço dado à palavra no ato da enunciação toma grande atenção na materialidade discursiva e o lugar vazio, os sutis vãos da memória que retornam ao indizível, por sua vez, costumam ser apagados de sua bagagem de sentidos. A esse exemplo, a analista do discurso Eni Orlandi (2007) já trata, em sua análise, das Formas de Silêncio. Diante do exposto, o silêncio é, além de todo o seu mistério, o lugar em que a subjetivação feminina luta com as cobranças, pressões e múltiplos olhares; lugar em que a *mulher*, em toda sua ampla constituição, esconde ou mortifica seu próprio domínio, no qual “o silêncio é sempre o lugar da palavra abortada pelo indizível, mas que está latente nos vãos do discurso, nos seus intervalos e pausas, no apelo da mudez por significados” (Oliveira; Campista, 2007, p.118).

Ainda pela perspectiva de Orlandi (2007), há uma interessante investigação pelo viés da política do silêncio na qual, em sua subdivisão como constitutivo, “todo dizer cala algum sentido necessariamente” (p. 102), e pela abordagem da censura, “proíbem-se certas palavras, para se proibirem certos sentidos” (p. 76).

A prática de silenciamento é feita através da construção de sentidos por uma percepção do que é falado por outros, mas que não deram espaços/lugares para o sujeito feminino falar. Nesse sentido, por vezes, a mulher não falou a história, ela também foi contada por ela. Assim, os vários silenciamentos, a que a mulher em condição de violência doméstica e conjugal é submetida, enfrentam a discursivização de sua identidade e representam, também, algumas das constantes interpelações a que o sujeito feminino está exposto na sociedade, tais como: a dinâmica entre os micropoderes; as crises de identidade(s) e as relações de gênero. Assim sendo, tomamos o silenciamento em suas várias perspectivas (político, doméstico, hierárquico) como uma forma de violência contra a mulher, que Mary Beard (2018, p. 20) ressalta: “se quisermos compreender o fato [...] de que as mulheres, mesmo quando não são silenciadas, ainda pagam um preço muito alto para serem ouvidas, precisamos reconhecer que as coisas são um pouco mais complicadas e que há uma longa história por trás de tudo”.

De acordo com Solnit (2017, p. 45):

Existe uma separação tradicional entre estupro, violência doméstica, assassinato e misoginia institucional. [...] As distinções entre os tipos de violência não nos adiantam de nada quando nos impedem de falar sobre a chamada violência de gênero como um fenômeno amplo e profundo. E mesmo chamar todos eles de

violência de gênero encobre o fato de que a violência é apenas um meio para um fim, e que existem também outros meios. Se a questão é o silêncio, então as formas de silenciamento que uns empregam contra outros ampliam o campo, passando a incluir a vergonha, a humilhação, a exclusão, a desvalorização, as ameaças e a distribuição desigual do poder por meios sociais, econômicos, culturais e jurídicos.

A mulher, em seu processo de fragmentação: humilhada, ameaçada e desumanizada pela condição de violência conjugal e doméstica, está imersa no campo do que é dito, e os sentimentos são enunciados nos relatos falados e silenciados, produzindo um movimento de resistência, que nos cabe ressaltar, não é de resistência a um sujeito mas a um processo.

Pesquisas sobre o silêncio e o silenciamento, portanto, são necessárias e o tema ocupa um lugar nesta dissertação por se tratar de instâncias de uma violência estrutural muito maior que ultrapassa as barreiras da agressão visível, assim, Solnit (2017, p. 35) escreve: “os direitos humanos não se resumem a isso, mas isso é essencial para eles, e assim podemos considerar a história dos direitos e da falta dos direitos das mulheres como uma história do silêncio e do rompimento do silêncio.”

Assegurar que a voz seja dada a essas mulheres, diante do cenário social e cultural brasileiro, em especial do maranhense e gaúcho, permite que elas se libertem do ciclo de violência, criem suas identidades, conquistem seu próprio espaço e construam a sua própria história. O que lhes é negado na condição de violência conjugal direta, além do próprio domínio físico, é a capacidade de acolher-se e reafirmar-se diante das exigências a que são submetidas historicamente e socialmente.

Uma vez apresentadas as nossas sugestões de pesquisas futuras, passamos agora à última etapa desta investigação, que se trata das considerações finais.

CONCLUSÃO

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isto: para que eu não deixe de caminhar.
Eduardo Galeano

As metáforas de amor no contexto da violência doméstica contra a mulher possuem uma abordagem complexa e multifacetada. A violência sofrida pelas vítimas e o contexto no qual ocorre certamente influenciam na percepção do amor, na forma como tais vítimas se relacionam com seus parceiros agressores, e lidam com a violência sofrida. Tanto em situações de união mais estável, como em relacionamentos abusivos, as vítimas podem ter uma percepção distorcida do que é amor, muitas vezes confundindo possessividade e controle com cuidado e afeto.

Em um país com índices tão alarmantes de violência doméstica contra a mulher, apesar dos esforços voltados para uma visibilidade cada vez maior desse cenário preocupante, bem como de frequentes alertas quanto a essa crescente expansão, da criação de leis e da elaboração e implantação do Protocolo para Julgamento pela Perspectiva de Gênero, ainda há um longo caminho a percorrer. No Brasil, em todas as regiões, mais especialmente nos estados do Maranhão (NE) e Rio Grande do Sul (S), onde residem as vítimas cujas falas foram utilizadas em nossas análises, os esforços a serem envidados nas mais diversas esferas da sociedade incluem as reflexões sobre o tipo de amor que sustenta essas relações afetivas imersas na violência para que possamos, então, direcionar o foco para viabilizar a necessária emancipação e o consequente empoderamento dessas mulheres.

Diante dessa realidade, a investigação proposta teve como objetivo geral analisar, no âmbito da Linguística Cognitiva, como são criados e compreendidos os conceitos do amor a partir de mecanismos metafóricos no contexto da violência doméstica, e, como seus objetivos específicos: (i) identificar as metáforas do amor na fala das vítimas; (ii) analisar, por meio da abordagem multinível, a especificidade da metáfora no discurso das vítimas e (iii) destacar o papel do contexto da violência doméstica na criação de metáforas do amor. Para o atingimento

de tais objetivos, utilizamos as bases da TMC, de Lakoff e Johnson ([1980]2002), e os pressupostos da TMCE, desenvolvida por Kövecses (2000, 2005, 2020), com especial foco nos seus estudos baseados na TMC. Sua abordagem, além de defender a metáfora como fenômeno multifacetado, acrescenta, ao estudo das emoções um caráter contextual em níveis esquemáticos minuciosos, que nos permitem entender a influência do contexto de violência doméstica na criação de metáforas do amor pelas vítimas.

Após o cumprimento das etapas programadas para o desenvolvimento da investigação, foi possível, diante dos resultados obtidos, avaliar que os objetivos propostos foram alcançados de forma muito satisfatória, assim como que aspectos outros se revelaram bastante instigantes no que concerne a futuras pesquisas.

Para responder às questões de pesquisa, a saber: (1) Como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica conceptualizam seus sentimentos e ideias sobre o amor? (2) Como as metáforas do amor, transgredidas por um contexto de violência, nos mostram detalhes da conceptualização de um sentimento universal? (3) Qual o papel do contexto na produção das metáforas?, recorremos a alguns quadros de análises que, depois de produzidos, permitiram que nos concentrássemos nos aspectos das emoções para mostrar como o amor pode ser conceptualizado de maneiras muito diferentes, dependendo, para tal, das experiências e do contexto de cada pessoa, assim como para estabelecer que o protótipo de amor romântico que, de acordo com cada verbete encontrado em dicionários quase sempre sem a devida contextualização, nem sempre consegue alcançar a capacidade cognitiva e conceptual que o amor pode abranger, por conta não só das questões sócio-culturais, mas também daquelas pragmáticas/contextuais. Além disso, foi possível constatar que os dados refletem tanto como as emoções podem ser manipuladas quanto como as vítimas podem se sentir presas em suas relações. Com base nesse quadro, considerar a ideia de que o amor pode, a partir de determinado momento, ser percebido, sentido ou vivido como uma forma de prisão ou sacrifício é particularmente impactante e destaca, como premente, a necessidade de uma reflexão crítica sobre o que realmente significa amar e ser amado, além de como podem ser interpretadas as suas diversas manifestações.

Os dados obtidos demonstraram que alguns dos aspectos do Amor, dentre os quais destacam-se Controle, Dano e Troca/Investimento, são relevantes nas metáforas identificadas, contribuindo para entender como as dinâmicas de poder e codependência emocional/financeira se manifestam nesses relacionamentos. Assim, abordar a questão da violência doméstica e a importância de promover, no âmbito de uma relação de bem-querer, o

amor-próprio - sentimento de respeito, dignidade, estima e apreço que alguém tem em relação à sua própria pessoa-, tornam esta investigação necessária, já que se mostra, sob a ótica da LC, uma investigação inovadora que pode contribuir para as iniciativas voltadas não só para o controle e redução dos danos causados pela violência doméstica contra a mulher no planejamento das iniciativas a serem implementadas, mas também para maior compreensão dos seus danos, das necessidades precípuas de suas vítimas e do seu alcance.

Ressaltamos que, no desenvolvimento das diversas etapas da pesquisa, vários aspectos mostraram-se relevantes para futuras investigações, tanto por seu caráter instigante como por suas interfaces com áreas que podem trazer novos olhares e contribuições para estudos envolvendo a as metáforas do amor e a violência doméstica contra a mulher, dentre os quais se destacaram a importância do silêncio em seu viés analítico do discurso, assim como o nível dos espaços mentais para a análise da metáfora.

Acreditamos que esta investigação cumpriu os objetivos propostos, apresentando resultados relevantes decorrentes de análises que se fundamentaram em *corpora* constituídos de depoimentos de vítimas de violência doméstica contra a mulher de regiões opostas no território brasileiro, a saber, nordeste e sul, revisitando investigações realizadas com foco no depoimento de vítimas residentes e domiciliadas nos estados do Maranhão e do Rio Grande do Sul. O estudo demonstrou que, independentemente da região, as situações de violência apresentam quadros semelhantes e igualmente em franco processo de expansão e agravamento, mesmo considerando as políticas públicas e privadas de combate e controle já implementadas em suas regiões.

Nesse quadro, mostra-se relevante a constatação de que, mesmo apresentando grande diferença no tocante aos seus IDH e condição de desenvolvimento, a situação de violência doméstica contra a mulher revela as mesmas características de crescimento e gravidade.

Reconhecendo que ainda há muito a ser explorado no âmbito dos estudos da metáfora conceptual para melhor compreensão da violência doméstica contra a mulher, especialmente por seu caráter inter-trans-multidisciplinar, esperamos, com esses resultados obtidos, contribuir para discussões teórico-metodológicas que estimulem o desenvolvimento de outras investigações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. C. Violência doméstica em discursos: mulher agredida versus parceiro agressor. **Linguagens & Cidadania**, v. 21, jan./dez., p. 01-23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/38095>. Acesso em: 30 out. 2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Face invisível da violência contra a mulher, o abuso psicológico é tema de evento da ALMT**. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/face-invisivel-da-violencia-contra-a-mulher-o-abuso-psicologico-e-tema-de-evento-da-almt/visualizar>. Acesso em: 28 out. 2024.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. **Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 19 fev. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui-lo no rol dos crimes hediondos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.132, de 31 de março de 2021**. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114132.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Lei inclui a prevenção à violência contra a mulher no currículo escolar**. Notícias. Publicado em 11 jun. 2021. Atualizado em 01 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/lei-inclui-a-prevencao-a-violencia-contra-a-mulher-no-curriculo-escolar>. Acesso em: 20 set. 2024.

BEARD, M. **Mulheres e poder**: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Guarulhos – SP: Bertrand, 1999.

CAPEZ, F. **Curso de direito penal**: parte especial. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARNEIRO, M. F. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica**: uma análise cognitivo-discursiva. 2014. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHOMSKY, N. **Reflections on Language**. New York: Random House, 1975.

CONCHA-EASTMAN, A. MALO, M. Da repressão à prevenção da violência: desafio para a sociedade civil e para o setor saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, n. 11, p. 1182-1187, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/S5drP8h3kwjbF9vBGPY5dbM/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Reportagem premiada relata aumento dos casos de violência doméstica em Pernambuco**. Agência CNJ de Notícias. 13 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/reportagem-premiada-relata-aumento-dos-casos-de-violencia-domestica-em-pernambuco/>. Acesso em: 28 fev 2025.

DAMACENA, B. M. Q. **VIVAS NOS QUEREMOS!** Os discursos de mulheres em situação de violência doméstica que foram em busca de ajuda. 2021. 287 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes**: Emoção, razão e o cérebro humano. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ. Núcleo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher (NUDEM). **Pesquisa do Núcleo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher (NUDEM) da Defensoria Pública do Ceará**. Agência Patricia Galvão, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/pesquisa-do-nucleo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-nudem-da-defensoria-publica-do-ceara/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DUQUE, P. Discurso e Cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, v. 1, n. 39, p. 25-48, jul./ago. p. 25-48, 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DUQUE, P.; COSTA, M. **Linguística Cognitiva**: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRN, 2012.

ESTADO DE MINAS. **‘Defesa da honra’**: STF acata absolvição de homem que esfaqueou ex em Minas. Estado de Minas, 30 set. 2020. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/30/interna_gerais.1190201/defesa-da-honra-stf-acata-absolvicao-de-homem-que-esfaqueou-ex-mg.shtml. Acesso em: 03 abr. 2025.

FABENI, L.; SOUZA, L.; LEMOS, L.; OLIVEIRA, M. O discurso do “amor” e da “dependência afetiva” no atendimento às mulheres em situação de violência. **Rev. NUFEN**, Belém, v.7, n.1, p. 32-47, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912015000100003. Acesso em: 30 out. 2024.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Redes de integração conceitual. **Ciência Cognitiva**, n. 22, v. 2, p. 133–187, 1998.

FELTES, H. P. M. Modelos culturais e valores culturais: valor-modalidade. In: TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2018. p. 47-79.

FERRAZZA, F. G. **"O amor é bandoleiro: pode até custar dinheiro"**: uma análise discursiva acerca dos relacionamentos sugar em (re-)vistas digitais. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2022.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. 1ª ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

FERRARI, L. A linguística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. **Veredas, revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 23 a 29. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25305>. Acesso em: 18 out. 2024.

FILLMORE, C. J. Semântica de Frames. **Caderno de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul.-dez. 2009.

FRIEDMANN, J. **Empowerment- uma política de desenvolvimento alternativo**. Oeiras: Celta, 1996.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

G1. **Maranhão já registra 46 feminicídios em 2024; quatro suspeitos ainda estão foragidos**. G1 Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/09/14/maranhao-ja-registra-46-feminicidios-em-2024-quatro-suspeitos-ainda-estao-foragidos.ghtml>. Acesso em: 28 fev 2025.

G1. **Maranhão registra primeiro feminicídio de 2025; companheiro é o principal suspeito.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2025/01/07/maranhao-registra-primeiro-feminicidio-o-de-2025-companheiro-e-o-principal-suspeito.ghtml>. Acesso em: 28 fev 2025.

GRADY, J. E. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. 1997. Thesis (PhD in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

GOVERNO DO MARANHÃO, **Semu lança campanha “Agosto Lilás – Feminicídio Zero: Nenhuma Violência Contra a Mulher Deve Ser Tolerada”**. 2024. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/semu-lanca-campanha-agosto-lilas-feminicidio-zero-nenhuma-violencia-contr-a-mulher-deve-ser-tolerada> . Acesso em: 28 out 2024.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2001.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005: Bento XVI). **Carta Encíclica Spe Salvi**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ILLOUZ, Eva. **Cold Intimacies**: the making of emotional capitalism. London, Polity Press, 2007.

JUSBRASIL, **Art. 121 do Decreto-lei N° 2.848, de 07 de Dezembro de 1940**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10625629/artigo-121-do-decreto-lei-n-2848-de-07-d-e-dezembro-de-1940> . Acesso em: 30 out. 2024.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta, 2018.

KÖVECSES, Z.; AMBRUS, L.; HEGEDŰS, D.; IMAI, R.; SOBCZAK, A. The lexical vs. the corpus-based method in the study of metaphors. **Cultural Linguistics doctoral program**, Eötvös Loránd University, Budapest. 2017.

KÖVECSES, Z. **Extended conceptual metaphor theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**, Zoltán Kövecses. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 314, 2005.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: A Practical Introduction. New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and Emotion**. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Z. **Emotion Concepts**. Softcover Reprint of the Original 1st 1990 ed. Springer, 1990.

KÖVECSES, Z. Metaphors of Anger, Pride and Love. A Lexical Approach to the Structure of Concepts. **John Benjamins**, Amsterdam/Philadelphia, 1986.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de Mara Sophia Zanotto. Tradução por Vera Maluf. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LIMA, F. R.; MIRANDA, N. S. O Frame Semântico como uma ferramenta analítica de compreensão de experiências sociais educacionais. **Revista Gatilho**, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/alexc/Downloads/27030-Texto-106602-1-10-20190616%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/alexc/Downloads/27030-Texto-106602-1-10-20190616%20(1).pdf). Acesso em: 24 out. 2025.

LUNA, F. Vulnerabilidad: la metáfora de las capas. **Jurisprudencia Argentina**, IV, 2008. Disponível em: https://www.fbioyf.unr.edu.ar/evirtual/pluginfile.php/9572/mod_page/content/17/3.1.%20Luna%2C%20F.%20%282008%29%20Vulnerabilidad.%20La%20metafora%20de%20las%20capas.pdf. Acesso em 28 out. 2024.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 1ª reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

METÁFORA. In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. 2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/met%C3%A1fora>. Acesso em: 20 fev 2025.

MIGLIOSI, L. F. Casa Abrigo: Um instrumento de apoio público no combate à agressão contra mulheres. **UOL**, São Paulo, 21 nov. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/minuto-cultura/noticias/2021/11/25/64_casa-abrigo-um-instrumento-de-apoio-publico-no-combate-a-agressao-contra-mulheres.html. Acesso em: 28 out. 2024.

MIRABETE, J. F. **Manual de direito penal**. v. 2., 22ª ed., rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2004.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **Lei inclui a prevenção à violência contra a mulher no currículo escolar**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/lei-inclui-a-prevencao-a-violencia-contr-a-mulher-no-curriculo-escolar> . Acesso em 19/02/2024.

MOURA, H. Metáforas: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n.1, p. 51-69, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/13723>. Acesso em: 24 out. 2024.

OLIVEIRA, V. M. R.; CAMPISTA, V. R. O silêncio: multiplicidade de sentidos. **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**, Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. pp.107-120. Disponível em: file:///C:/Users/alexc/Downloads/clarksondiniz,+02_08_vania_maria_e_valesca_artigo.pdf. Acesso em: 24 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre a eliminação da violência contra a mulher**: Assembleia Geral das Nações Unidas, 1993. Disponível em: <https://www.un.org/>. Acesso em: 20 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Violence against women**: facts & figures. Genebra: OMS, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>. Acesso em: 14 fev. 2025.

ORLANDI, E. P. **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PATRICK, H. **Gaslight**. New York: Samuel French Ltd, 1938.

PELÚCIO, L. **A uberização do amor** - aplicativos de encontros em cenário tecnoliberal e pandêmico. **Revista TOMO**, Sergipe, n. 41, p. 199-232, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17480>. Acesso em: 28 out. 2024.

PERON, A. P. **Ser mulher, sentir a violência, enunciar os sentimentos**: um olhar discursivo sobre a humilhação na condição de violência conjugal. 2016. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Univeridade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PETERSON, J. B. **Mapas do Significado**: a arquitetura da crença. 1ª ed. Editora: É Realizações, 2018.

RIZZATTI, C. L. Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber. **Revista Língua & Literatura**, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2001. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/24>. Acesso em: 28 out. 2024.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSCH, E. H. Principles of categorization. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (org.). **Concepts**: core readings. Cambridge: MIT Press, 1999.

ROSCH, E. H. Natural categories. **Cognitive Psychology**, University of California at Berkeley, n. 4, p. 328-350, 1973.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER. **Casa da Mulher Brasileira – São Luís**. Disponível em: <https://mulher.ma.gov.br/servicos/casa-da-mulher-brasileira>. Acesso em: 24 out. 2024.

SALMOS. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

SCHRÖDER, U. A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 39-56, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/alexc/Downloads/03-Schroder%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/alexc/Downloads/03-Schroder%20(1).pdf). Acesso em: 28 out. 2024.

SENADO FEDERAL. Relatório de pesquisa – SEPO 03/2005. **Violência Doméstica contra a Mulher**. 2005. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/relatorios-de-pesquisa/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher>. Acesso em: 24 de out de 2024.

SOLNIT, R. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOUZA, S. D.; OSHIRO, C. P. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6730>. Acesso em: 30 out. 2024.

SOUZA, S. D. A casa, as mulheres e a igreja: violência doméstica e cristianismo. In: SOUZA, S. D; LEMOS, C. T. (org.). **A casa, as mulheres e a igreja**: relação de gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 15-79.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Violência psicológica**. Disponível em:

<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-sem-anal/violencia-psicologica>. Acesso em: 14 out. 2024.

VEREZA, S. C. O Lócus da Metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199 – 212, 2010.

VITAL, D. Sem outras palavras, crime sexual desmentido em juízo gera absolvição. **Consultor Jurídico**, 04 jan. 2025. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2025-jan-04/sem-outras-provas-crime-sexual-desmentido-em-juizo-o-gera-absolvicao/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Violence against women**. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>. Acesso em: 24 out. 2024.

ZEKI, S. **The neurobiology of love**. University College, Department of Anatomy, Gower Street, London WC1E 6BT, United Kingdom. 2007.

GLOSSÁRIO

Abordagem Lexical: Método de análise que se concentra nas palavras como unidades lexicais independentes e nos itens lexicais que pertencem a um domínio específico.

Abordagem Multinível: Metodologia de análise que considera diferentes níveis de esquematização, como esquemas imagéticos, domínios, frames e espaços mentais, para estudar a metáfora de forma mais específica.

Casa Abrigo: Instituição que oferece acolhimento e atendimento integral a mulheres (e seus dependentes) vítimas de violência doméstica e familiar, proporcionando segurança e apoio psicológico, social e jurídico.

Categorização Prototípica: Teoria que descreve como as categorias são organizadas e estruturadas por uma composição nuclear, cujos atributos e semelhanças são compartilhados entre os membros da categoria.

Contexto Discursivo: Conjunto de elementos linguísticos e situacionais que influenciam a produção e a interpretação de um discurso, incluindo o conhecimento compartilhado pelos interlocutores.

Domínio Cognitivo: Segmento coerente da experiência que é utilizado para entender e organizar conceitos abstratos em termos de conceitos mais concretos.

Esquemas Imagéticos: Estruturas conceituais baseadas em imagens mentais originadas de conhecimentos sensório-motores, que são utilizadas para esquematizar e compreender experiências.

Frames: Estruturas de conhecimento que organizam e armazenam informações na memória de longo prazo, sendo responsáveis por evocar e esquematizar a experiência humana em contextos específicos.

Gaslighting: Forma de violência psicológica em que o agressor manipula a vítima para fazê-la duvidar de sua sanidade mental, memória e percepção da realidade.

Linguística Cognitiva: Abordagem que estuda a relação entre a linguagem e a cognição humana, considerando a linguagem como parte da capacidade cognitiva e da experiência corporal.

Metáfora Conceptual: Processo cognitivo em que um domínio conceptual é entendido em termos de outro, permitindo a compreensão de conceitos abstratos por meio de conceitos mais concretos.

Metáfora Induzida pelo Contexto: Metáfora que é criada e influenciada pelo contexto discursivo e situacional em que ocorre, refletindo a construção criativa do discurso.

Metáfora Sistemática: Metáfora que emerge de padrões recorrentes de experiência e é utilizada de forma consistente em diferentes contextos discursivos.

Metaphoronymy: Teoria que sugere a interseção entre metonímia e metáfora, onde uma construção metonímica pode ser interpretada metaforicamente.

Modelo Cognitivo Idealizado (MCI): Estrutura mental que organiza e representa conceitos de forma idealizada, baseada em experiências e valores culturais.

Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (TMCE): Abordagem que amplia a Teoria da Metáfora Conceptual, considerando a hierarquia taxonômica e a influência do contexto na criação e compreensão das metáforas.

Violência Doméstica: Qualquer forma de abuso físico, psicológico, sexual, econômico ou moral praticado no ambiente familiar, geralmente por um parceiro íntimo, que resulta em danos à vítima.

Violência Psicológica: Forma de violência que envolve manipulação, humilhação, isolamento, chantagem e outras ações que causam dano emocional e psicológico à vítima.

Vítima Direta: Aquela que sofreu lesão direta causada pela ação ou omissão do agente.